



# **O SENHOR DAS MOSCAS**

*William Golding*

*Prémio Nobel de Literatura 1983*

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de

compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você

pode encontrar mais obras em  
nosso site: [\*\*LeLivros.Info\*\*](#) ou em  
qualquer um dos sites parceiros  
apresentados [neste link](#).

*Quando o mundo estiver unido  
na busca do conhecimento, e  
não mais lutando por dinheiro e  
poder, então nossa sociedade  
poderá enfim evoluir a um novo  
nível.*



# O SENHOR DAS MOSCAS

William Golding

*Tradução*

*Geraldo Galvão Ferraz*

*Apresentação*

*Santiago Nazarian*





© 1954, by William Golding.  
© desta edição, 2011, by Editora  
Nova Fronteira Participações.  
Direitos de edição da obra em  
língua portuguesa adquiridos pela  
Editora Nova Fronteira  
Participações S.A. Todos os  
direitos reservados.

Coordenação: Daniel Louzada

Conselho editorial: Daniel  
Louzada, Frederico Indiani,  
Leila Name, Maria Cristina  
Antonio Jeronimo

Projeto gráfico de capa e miolo:  
Leandro B. Liporage

Ilustração de capa: Cássio  
Loredano

Diagramação: Filigrana

Conversão para e-book: Celina  
Faria e Leandro B. liporage

Equipe editorial Nova Fronteira:  
Shahira Mahmud, Adriana Torres,  
Claudia Ajuz, Gisele Garcia

Preparação de originais: Gustavo  
Penha, José Grillo,  
Luiz Alberto Monjardim

CIP-Brasil. Catalogação na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores  
de Livros, RJ



G571s

Golding, William, 1911-1993  
O senhor das moscas / William  
Golding ; apresentação Santiago  
Nazarian ; tradução Geraldo  
Galvão Ferraz. - [Ed. especial]. -  
Rio de Janeiro : Nova Fronteira,  
2011.  
(Saraiva de bolso)

Tradução de: Lord of the flies  
ISBN 9788520928776

1. Sobrevivência após acidentes  
aéreos, naufrágios, etc. Ficção. 2.  
Romance inglês. I. Ferraz,  
Geraldo Galvão. II. Título. III.

Série.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

# **Apresentação**

## **A força, a inteligência e o carisma**

O paraíso perdido, a volta às origens, o fim da civilização. Histórias de naufrágos sempre trazem temas como esses e mexem com imagens do inconsciente coletivo. Parece que a ideia de se encontrar perdido numa ilha deserta já está dentro de nós, muito antes de tomarmos conhecimento de Robinson Crusoé ou pegarmos A lagoa azul

numa Sessão da Tarde (bem, agora as novas gerações têm ainda a série Lost, não é?).

Quando William Golding pisou nesse terreno, em 1953, já não era algo novo na ficção, ainda assim, ele conseguiu lidar com todo o simbolismo da trama de naufrágio e levá-la a uma dimensão psicológica a que poucos chegaram.

Não estamos sozinhos. Essa seria a grande mensagem por trás de O senhor das moscas, com todas as suas implicações. Através do isolamento numa ilha, um grupo de meninos tem a dura tarefa de aceitar que, de fato, eles são um

grupo. De que existe sim o outro e que esse também pode ser visto como o invasor, o “bicho”, aquele que vem de fora para limitar suas liberdades e testar suas selvagerias. Por tudo isso, O senhor das moscas é afinal um romance interno, um thriller psicológico, em que o cenário é apenas um palco, convidando a natureza humana a se manifestar plenamente. No atual momento em que vivemos — do isolamento do indivíduo na metrópole, de rompimento das relações tradicionais entre as pessoas — é especialmente interessante ver a questão do individualismo levada

de volta às origens. Parece que tudo mudou e, ainda assim, nada é diferente. Nos faz pensar como a natureza humana pode se manifestar de forma semelhante, em situações tão diversas.

Em O senhor das moscas, essa natureza é dividida em três conceitos — a força, o carisma e a inteligência —, representados respectivamente por três personagens — Jack, Ralph e Porquinho. Existe ainda um quarto personagem, que seria a junção desses três aspectos anteriores, e que poderíamos chamar de “o Gênio”, e é exatamente esse que pôde trazer o

título do romance. Na dramatização da natureza humana, esses personagens-conceito se alternam e medem suas forças. Caminham para a destruição mútua ou a harmonia? Conseguem viver isolados, precisam de cooperação ou um acaba se sobrepondo aos demais? São essas as perguntas propostas ao decorrer de O senhor das moscas. E a pergunta pessoal que eu, durante a leitura, muitas vezes me fiz é: “Com quem está a minha concha?” Qual desses três personagens tem a voz ativa em minhas próprias ações, qual deles eu estou disposto a ouvir?

Cá entre nós, confesso que ao ler o livro a maior vontade que tive foi de quebrar os óculos de Porquinho e tirá-lo de vez do páreo (hahá). Será essa uma demonstração da minha grande falha de caráter? Será que o autor, como artista, realmente não favoreceu o personagem da beleza/carisma? Ou será que parte da beleza da obra está aí, em dar ao leitor a possibilidade de escolher seu próprio herói? Isso é você quem vai descobrir, ao fazer sua escolha. Cada um poderá decidir se o melhor é se isolar por proteção, curtir a natureza ou colocar fogo na



floresta. Uma coisa eu tenho certeza: você vai adorar se perder com esses personagens. Vai querer passar mais tempo com eles, assim como eu quis. E é isso o que uma boa leitura pode proporcionar de mais gostoso — ainda que, provavelmente, O senhor das moscas será o último livro que você vai querer levar para uma ilha deserta.

*Santiago Nazarian*

*A minha mãe e meu pai*

# 1

## A voz da concha

O menino louro deixou-se escorregar ao pé da rocha e avançou rumo à lagoa. Havia tirado o suéter da escola e o carregava agora na mão, mas a camisa cinza estava colada no seu corpo e os cabelos aderiam à sua testa. Em torno dele, um banho de calor: a ampla cicatriz aberta na selva. Avançou com dificuldade por entre trepadeiras e troncos quebrados. Foi quando um pássaro, uma visão de vermelho e amarelo, faiscou, subindo, com

um grito de bruxo. Grito que foi ecoado por outro.

— Ei! — dizia. — Espere um pouco!

Os arbustos rasteiros se agitaram, ao lado da escarpa; caiu uma multidão de gotas de chuva, tamborilantes.

— Espere um pouco — a voz repetiu. — Fiquei preso.

O menino louro parou e puxou as meias com um gesto automático, e a selva, por um instante, fez-se um lugar muito familiar.

A voz falou de novo.

— Mal posso me mexer com essas trepadeiras.

O dono da voz apareceu,

retrocedendo por entre os arbustos, deixando os espinhos riscarem um blusão sujo. As rótulas gorduchas dos joelhos também estavam espetadas por espinhos. Ele se abaixou, tirou cuidadosamente os espinhos e se virou. Era mais baixo que o menino louro e muito gordo. Avançou, procurando pôr os pés em lugar seguro e, então, deu uma olhada pelos óculos grossos.

— Onde está o homem do megafone?

O menino louro balançou a cabeça.

— Isto é uma ilha. Pelo menos, acho que é. Há recifes no mar.

Talvez não haja nenhum adulto aqui.

O menino gordo parecia espantado.

— Mas havia aquele piloto. E ele não estava na cabina de passageiros, ficou lá na frente.

O menino louro, apertando os olhos, examinava o recife.

— Todos aqueles meninos — continuou o gordinho —, entre eles deve haver alguns que escaparam. Deve mesmo, não é? O menino louro começou a andar do modo mais casual possível rumo à água. Tentava agir normalmente e não parecer desinteressado demais, mas já o

menino gordo corria atrás dele.

— Não há nenhum adulto aqui?

— Acho que não.

O menino louro disse isso em tom solene, mas aí o prazer de uma ambição afinal realizada tomou conta dele. No meio da clareira, plantou uma bananeira e fez uma careta para o menino gordo, de cabeça para baixo.

— Nenhum adulto!

O menino gordo pensou um instante.

— O piloto.

O menino louro mergulhou os pés na areia e se sentou no chão quente.

— Ele deve ter continuado depois

de nos deixar. Não podia aterrissar aqui. Não com aquelas rodas.

— Ele foi atacado!

— Voltará mais tarde!

O menino gordo balançou a cabeça.

— Quando estávamos descendo, olhei por uma das janelas. Vi a outra parte do avião. Estava pegando fogo.

Olhou para a encosta, de cima a baixo.

— E foi isso que aconteceu com a cabina.

O menino louro estendeu a mão e tocou a ponta úmida de um tronco. Por um momento,



mostrou-se interessado.

— Mas que aconteceu? —

perguntou. — Onde está agora?

— Aquela tempestade levou-o para o mar. A queda não deve ter sido tão perigosa com todos esses troncos de árvores. Acho que ainda havia alguns dos nossos lá dentro.

O menino gordo hesitou por um instante, depois falou novamente.

— Como se chama?

— Ralph.

O menino gordo ficou esperando que o outro perguntasse seu nome, mas esse sinal de intimidade não foi feito; o menino louro chamado Ralph sorriu vagamente,

levantou-se e começou a andar outra vez rumo à lagoa. O menino gordo segurou-o pelo ombro com firmeza.

— Acho que há uma porção dos nossos espalhados por aí. Você não viu nenhum dos outros, não é? Ralph sacudiu a cabeça e apressou o passo. Tropeçou num galho e caiu ruidosamente.

O menino gordo parou perto dele, arquejando.

— Minha tia disse-me para não correr — explicou. — É por causa da minha asma.

— Asma?

— Pois é. Fico sem ar. Eu era o único aluno da escola que tinha

asma — disse o menino gordo com um toque de orgulho. — E uso óculos desde os três anos. Tirou os óculos e os estendeu a Ralph, piscando e sorrindo; depois, começou a esfregá-los no blusão sujo. Os pálidos traços do rosto foram alterados por uma expressão de dor e concentração íntima. Enxugou o suor da cara e colocou novamente os óculos no nariz.

— Deve haver frutas.

Olhou em volta.

— Deve haver frutas — disse. — Espero...

Arrumou os óculos, afastou-se de Ralph e se enfiou, agachado, pela

folhagem emaranhada.

— Voltarei num minuto...

Ralph levantou-se cuidadosamente e meteu-se por entre os ramos. Em poucos segundos, deixava para trás os arquejos do menino gordo e corria na direção das árvores ainda entre ele e a lagoa. Subiu num tronco quebrado: e estava fora da selva.

A praia era toda enfeitada de palmeiras. Erectas, oblíquas ou reclinadas contra a luz, suas palmas verdes estavam a trinta metros de altura. Sob elas, o chão arenoso era coberto de mato, todo dilacerado pelas raízes das

árvores tombadas, cheio de cocos apodrecidos e rebentos de palmeira. Além, era a escuridão da floresta e o espaço aberto do desfiladeiro. Ralph parou, encostou a mão num tronco cinzento e, cerrando os olhos, fixou a água brilhante. Lá longe, talvez a mais de um quilômetro, a arrebentação alvejava num recife de coral; além, o mar aberto e azul escuro. Dentro do arco irregular de coral, a lagoa era calma como um lago de montanha — azul de todos os tons, verde de sombra e violeta-escarlate. A praia entre a cobertura de palmeiras e a água era como um

fino aro de barril, aparentemente infinito, pois à esquerda de Ralph a visão de palmeiras, praia e água continuava indefinidamente. E sempre, quase visível, o calor. Desceu do tronco onde estava. A areia grossa cobriu seus sapatos pretos e o calor atingiu-o. Teve consciência do peso das roupas, chutou desafiadoramente os sapatos para longe e arrancou as meias e as ligas elásticas num só movimento. Subiu de novo, tirou a camisa e ficou ali, entre os cocos semelhantes a caveiras e as verdes sombras das palmeiras, sentindo na pele o fremito da floresta. Afrouxou o cinto, que o

prendia como uma cobra, tirou a calça e a cueca; ficou nu, olhando para a praia ofuscante e para a água.

Tinha idade suficiente, aos 12 anos e alguns meses, para ter perdido a barriga proeminente da infância, mas ainda não chegara à deselegância da adolescência.

Podia-se ver agora que parecia um pugilista, ao menos pela largura e solidez dos ombros, mas a suavidade da boca e dos olhos demonstrava brandura. Bateu de leve no tronco de palmeira e, forçado a acreditar afinal na realidade da ilha, riu com gosto outra vez e plantou outra

bananeira. Voltou a ficar de pé, agilmente, desceu para a praia, ajoelhou-se e lançou um duplo punhado de areia no peito.

Sentou-se e ficou olhando para a água com olhos brilhantes e excitados.

— Ralph...

O menino gordo desceu do arvoredor e se sentou cuidadosamente, usando a beirada como assento.

— Desculpe ter demorado. As frutas...

Limpou os óculos e colocou-os no nariz de botão, onde a armação sulcara um “V” profundo e rosado. Olhou criticamente para o



corpo dourado de Ralph e, depois, seus olhos voltaram-se para suas roupas. Levou a mão à ponta de um zíper que cruzava seu peito.

— Minha tia...

Abriu o zíper com decisão e lançou o blusão por cima da cabeça.

— Pronto!

Ralph olhou-o de lado, sem dizer nada.

— Acho que seria bom sabermos os nomes de todos e fazer uma lista. Deveríamos fazer uma reunião — disse o menino gordo. Ralph não aproveitou a deixa e o menino gordo foi obrigado a

continuar.

— Não me importo como me chamem — disse confidencialmente —, desde que não me chamem do mesmo jeito que na escola.

Ralph interessou-se levemente.

— Como era?

O menino gordo deu uma olhadela por sobre o ombro, depois inclinou-se para Ralph.

E cochichou.

— Me chamavam de “Porquinho”.

Ralph explodiu numa gargalhada. Levantou-se num salto.

— Porquinho! Porquinho!

— Ralph... por favor!

Porquinho esfregava as mãos, de tanto desespero.

— Eu disse que não queria...

— Porquinho! Porquinho!

Ralph dançava no ar quente da praia: aproximou-se de Porquinho e metralhou-o, como um avião de caça, de asas em “V”.

— Ta-ta-ta-tata!

Mergulhou na areia aos pés de Porquinho e ficou ali, morrendo de rir.

— Porquinho!

Porquinho deu um sorriso amarelo, mas contente — apesar de tudo — com essa atenção.

— Contanto que você não conte aos outros...

Ralph ria na areia. A expressão de dor e concentração voltou ao rosto de Porquinho.

— Um instante.

Correu de volta à floresta. Ralph levantou-se e lá se foi para o lado direito.

Ali, a praia era interrompida abruptamente pelo elemento principal da paisagem: uma grande plataforma de granito rosado metia-se firmemente pela floresta, pelas palmeiras, pela areia e pela lagoa, até formar uma elevação pedregosa de mais de um metro de altura. Coberta por uma fina camada de terra e mato, era sombreada por pequenas

palmeiras. Não havia terra suficiente para que as palmeiras crescessem muito e, quando atingiam no máximo uns seis metros, caíam e secavam, formando um emaranhado compacto de troncos, excelente para sentar. As palmeiras que ainda estavam de pé faziam um teto verde, e, ali, a parte inferior das palmas era coberta com os coruscantes reflexos da lagoa. Ralph alçou-se até a plataforma, percebeu a sombra e o frescor, fechou um olho, acabou decidindo que as sombras no seu corpo eram mesmo verdes. Avançou para a ponta da plataforma que

entrava pelo mar e ficou ali, olhando água adentro: clara até o fundo, a água brilhava com a eflorescência do coral e das algas tropicais. Um cardume de peixinhos faiscantes luzia aqui e ali. Ralph falou consigo, fazendo soar os tons graves do prazer.

— Uizzô!

Além da plataforma havia outros encantos. Algum ato de Deus — talvez um tufão, ou a tempestade que acompanhara a sua chegada — amontoara areia dentro da lagoa, de modo que havia uma comprida e profunda extensão de água, uma “piscina” na praia, com uma alta saliência de granito

rosado na ponta mais distante. Ralph já fora enganado antes pela aparente profundidade dessas poças na praia e aproximou-se dessa já preparado. Mas a ilha confirmou ainda uma vez suas virtudes e a incrível “piscina” que, evidentemente, só era invadida pelo mar com a maré alta, mostrou-se tão profunda numa das extremidades que chegava a ser verde escura. Ralph verificou cuidadosamente os trinta metros e então mergulhou. A água estava mais quente que o seu corpo e era como se nadasse numa enorme banheira. Porquinho apareceu de novo,

sentou-se na saliência rochosa e olhou com inveja para o corpo verde e branco de Ralph.

— Você nada bem.

— Porquinho.

Porquinho tirou os sapatos e as meias, arrumou-os cuidadosamente na pedra e experimentou a água com o pé.

— Está quente!

— O que esperava?

— Eu não esperava nada. Minha tia...

— Mande essa tia pro inferno!

Ralph mergulhou e nadou embaixo da água de olhos abertos; a beirada arenosa da poça subia como se fosse uma



colina. Virou-se, segurando o nariz; uma luz dourada dançou e estilhaçou-se junto ao seu rosto. Porquinho parecia ter tomado uma decisão e começou a tirar a cueca. Agora estava nu — uma nudez pálida e obesa. Desceu, na ponta dos pés, pelo extremo arenoso da poça e se sentou ali, com água até o pescoço, sorrindo orgulhosamente para Ralph.

— Você não vai nadar?

Porquinho balançou a cabeça.

— Não posso. Não me deixam.

Minha asma...

— Mande a asma para o inferno!

Porquinho aguentou isso com uma espécie de paciência humilde.

— Você nada bem mesmo.

Ralph deu umas braçadas, mergulhou a cabeça e lançou um jato de água para o ar. Levantou o rosto e falou.

— Eu já sabia nadar com cinco anos. Meu pai me ensinou. É capitão da Marinha. Quando tiver uma licença ele virá nos salvar. E o seu pai, o que é?

Porquinho corou, de repente.

— Meu pai morreu — disse rapidamente —, e minha mãe...

Tirou os óculos e procurou inutilmente alguma coisa com que limpar as lentes.

— Eu morava com minha tia. Ela tem uma confeitaria. Eu

costumava comer doces o dia todo. Tantos quanto eu quisesse. Quando seu pai virá nos salvar? — Assim que puder.

Porquinho levantou-se, pingando, e ficou de pé, nu, limpando os óculos com uma meia. O único som que os alcançava agora, através do calor da manhã, era o longo e tritुरante rugido da arrebentação nos recifes.

— Como ele sabe que estamos aqui?

Ralph estendeu-se na água. O sono invadiu-o como as miragens envolventes que lutavam com o brilho da lagoa.

— Como ele sabe que estamos

aqui?

Sabendo, pensou Ralph, sabendo, sabendo. O rugido dos recifes tornou-se muito distante.

— Disseram pra ele no aeroporto.

Porquinho abanou a cabeça, colocou os óculos cintilantes e baixou o olhar até Ralph.

— Não disseram. Você não ouviu o que o piloto disse? Sobre a bomba atômica? Estão todos mortos.

Ralph saiu da água e ficou fixando Porquinho, enquanto pensava nesse problema inédito. Porquinho insistiu.

— Isto é uma ilha, não é?

— Subi numa pedra — disse Ralph lentamente —, e acho que isto aqui é uma ilha.

— Morreram todos — disse Porquinho —, e isto é uma ilha. Ninguém sabe que estamos aqui. Seu pai não sabe, ninguém sabe... Seus lábios tremeram e os óculos embaçaram-se de umidade.

— Vamos ficar aqui até morrer. O calor parecia aumentar com essas palavras até se tornar um peso ameaçador, e a lagoa agredia-os com seu esplendor ofuscante.

— Vou pegar minha roupa — murmurou Ralph. — Lá longe. Correu pela areia, suportando a

hostilidade do sol, atravessou a plataforma e achou suas roupas espalhadas. Pôr de novo a camisa cinzenta foi estranhamente agradável. Depois, subiu pela beira da plataforma e se sentou num tronco apropriado sob a sombra verde. Porquinho também trepou, carregando sob os braços a maior parte das suas roupas.

Depois, sentou-se cuidadosamente num tronco caído perto da pequena saliência que havia frente à lagoa e os reflexos coruscantes fremiram sobre ele. Voltou a falar.

— Precisamos achar os outros.  
Precisamos fazer alguma coisa.

Ralph não respondeu. Era uma ilha de coral. Protegido do sol, ignorando a conversa cheia de maus agouros de Porquinho, sonhava prazerosamente.

Porquinho insistiu.

— Quantos dos nossos há por aqui?

Ralph levantou-se e se aproximou de Porquinho.

— Não sei.

Aqui e ali, a brisa encrespava as águas polidas, sob a névoa do calor. Quando essas pequenas lufadas atingiam a plataforma, as frondes das palmeiras sussurravam e manchas de luz solar deslizavam pelos corpos ou

se moviam na sombra como coisas brilhantes e aladas. Porquinho olhou para Ralph. Todas as sombras no rosto de Ralph estavam invertidas; o verde em cima, o brilho da lagoa embaixo. Um borrão de luz espalhava-se nos seus cabelos. — Precisamos fazer alguma coisa.

Ralph olhou-o sem ver realmente. Afinal, aqui estava o lugar imaginado mas nunca materializado, despontando para a vida real. Os lábios de Ralph abriram-se num sorriso cheio de prazer e Porquinho, tomando esse sorriso para si como sinal de



interesse, riu de contentamento.

— Se realmente for uma ilha...

— Que é aquilo?

Ralph cessara de sorrir e apontava para a lagoa. Alguma coisa de cor creme jazia entre os fetos.

— Uma pedra.

— Não. Uma concha.

De repente, Porquinho explodiu numa excitação bem-comportada.

— Tá certo. É uma concha. Vi uma dessas antes. Na parede de alguém. Ele a chamava de caracol. Costumava soprar nela e, então, sua mãe vinha. É muito útil...

Perto do cotovelo de Ralph, um

rebento de palmeira inclinava-se para a lagoa, prestes a cair, pois o seu peso já levantava uma porção da pouca terra em que se fixava. O menino arrancou o talo e começou a esquadrinhar a água, enquanto os peixes brilhantes faiscavam, fugindo de um lado para outro. Porquinho inclinou-se perigosamente.

— Cuidado! Vai quebrá-la...

— Cale a boca!

Ralph falou distraidamente. A concha era interessante, bonita e um brinquedo de primeira: mas entre ele e Porquinho interpunham-se as vívidas imagens de sua fantasia e

Porquinho, nesse contexto, era irrelevante para ele. O rebento de palmeira, dobrando-se, empurrou a concha para o meio dos fetos. Ralph usou uma das mãos como fulcro e forçou com a outra até fazer a concha subir, pingando para que Porquinho pudesse agarrá-la.

Agora a concha não era mais uma coisa só para ser vista, intocável. Ralph também se entusiasmou, enquanto Porquinho balbuciava: — ...uma concha; uma coisa tão cara. Aposto que se você quisesse comprar uma dessas, teria de pagar libras, libras e mais libras. Meu amigo tinha uma

na parede do jardim e minha tia...  
Ralph tirou a concha de  
Porquinho e um pouco de água  
escorreu por seu braço. A concha  
era bege escura, matizada aqui e  
ali de leves tons rosados. Entre a  
ponta gasta, com um buraquinho,  
e os lábios rosados da boca,  
havia uns quarenta centímetros  
torcidos em leve espiral e  
cobertos por delicado desenho  
em relevo. Ralph sacudiu a areia  
que havia no tubo profundo.

— ...mugia com uma vaca —  
dizia. — Ele tinha também umas  
pedras brancas e uma gaiola com  
um papagaio verde. Claro que  
não soprava nas pedras brancas e

falava...

Porquinho fez uma pausa para tomar fôlego e deu uma pancadinha na coisa brilhante que estava nas mãos de Ralph.

— Ralph!

Ralph olhou-o.

— Podemos usá-la para chamar os outros. Ter uma reunião. Eles virão quando nos ouvirem...

Fixou Ralph, com os olhos brilhando.

— É isso que você queria, não é? Por isso é que você tirou a concha da água?

Ralph puxou para trás o cabelo louro.

— Como seu amigo soprava a

concha?

— Era como se cuspiisse — disse Porquinho. — Minha tia não me deixava soprar por causa da minha asma. Ele disse que se devia soprar daqui. — Porquinho pôs a mão na barriga saliente. — Tente, Ralph. Chame os outros. Hesitante, Ralph colocou a ponta menor da concha na boca e soprou. Um som gorgolejante irrompeu da boca da concha, nada mais. Ralph enxugou a água salgada dos lábios e tentou outra vez, mas a concha permaneceu silenciosa.

— Era como se cuspiisse.  
Ralph franziu os lábios e lançou

ar na concha, que emitiu um ruído baixo e semelhante a um ronco. O que divertiu tanto os meninos que Ralph continuou soprando por alguns minutos, entre explosões de riso.

— Ele soprava daqui.

Ralph entendeu e encheu a concha de ar do seu diafragma.

Imediatamente a coisa soou. Uma nota rude e profunda estrondou sob as palmeiras, penetrou pelo emaranhado da floresta e ecoou no granito rosa da montanha.

Nuvens de pássaros subiram dos topos das árvores e alguma coisa gritou e correu entre a vegetação rasteira.

Ralph tirou a concha dos lábios.  
— Puxa!

Sua voz normal soou como um sussurro após a nota grave da concha. Ele levou-a de novo aos lábios, tomou fôlego e soprou outra vez. A nota soou novamente; agora, com uma pressão mais firme, a nota subiu uma oitava e se tornou uma clarinada estridente, mais penetrante que antes. Porquinho gritava alguma coisa, de rosto feliz, olhos brilhando. Os pássaros gritavam, pequenos animais fugiam. O fôlego de Ralph acabou; a nota caiu uma oitava, tornou-se um balbuciar baixo, uma rajada de



ar.

A concha estava silenciosa, um dente brilhante. O rosto de Ralph estava arroxeadado pelo esforço e o ar da ilha enchia-se do barulho de pássaros e soar de ecos.

— Aposto que deu pra ouvir a quilômetros!

Ralph se recuperou e deu uma série de toques curtos.

Porquinho exclamou: — Lá está um!

Um menino apareceu entre as palmeiras, a uns cem metros. Era um menino de uns seis anos, forte e louro, de roupas rasgadas e rosto coberto por uma mistura pegajosa de frutas. As calças

tinham sido abaixadas com um propósito óbvio e foram levantadas apenas pela metade. Ele pulou da saliência das palmeiras para a areia e as calças caíram; ele saiu delas e correu para a plataforma. Porquinho ajudou-o a subir. Enquanto isso, Ralph continuava a soprar até ouvir vozes gritando na floresta. O menino sentou-se de cócoras diante de Ralph, olhando para cima, brilhante e verticalmente. Quando se convenceu de que estava sendo feita alguma coisa com um objetivo, mostrou-se satisfeito e enfiou na boca o único dedo limpo, um polegar rosado.

Porquinho inclinou-se para ele.

— Como você se chama?

— Johnny.

Porquinho murmurou o nome para si e depois o gritou para Ralph, que não estava interessado, porque ainda soprava: tinha o rosto arroxado pelo violento prazer de fazer aquele estupendo barulho e seu coração parecia querer romper a camisa justa. E mais se aproximava o vozerio da floresta.

Agora eram visíveis sinais de vida na praia. A areia, fremente sob a névoa do calor, ocultava várias figuras numa extensão de quilômetros. Muitos meninos

dirigiam-se à plataforma pisando a areia quente e silenciosa. Três meninos pequenos, da idade de Johnny, apareceram surpreendentemente próximos, lá de onde estavam, colhendo frutas. Um menininho moreno, quase da idade de Porquinho, afastou uma moita de arbustos, andou até a plataforma e sorriu alegremente para todos. E surgiram outros — cada vez mais. Imitando o inocente Johnny, sentavam-se nos troncos caídos de palmeira e esperavam. Ralph continuava a dar toques rápidos e penetrantes. Porquinho passava pelo grupo, perguntando nomes e franzindo o

rosto no esforço de lembrar. Os meninos ofereciam-lhe a mesma obediência direta que haviam dado aos homens com os megafones. Alguns estavam nus e carregavam suas roupas; outros, seminus ou mais ou menos vestidos com uniformes escolares: cinzento, azul, castanho, paletós, suéteres. Havia distintivos, até divisas, listas coloridas nas meias e pulôveres. As cabeças agrupavam-se à sombra verde sobre os troncos caídos; cabeças morenas, louras, pretas, castanhas, areia, cor de rato; cabeças que murmuravam, cochichavam, cabeças cheias de

olhos que observavam Ralph e especulavam. Alguma coisa estava sendo feita.

As crianças que vinham pela praia, sozinhas ou aos pares, tornavam-se visíveis ao cruzar a linha da bruma do calor para a areia mais próxima. Ali, a vista era atraída primeiro por uma criatura negra, semelhante a um morcego, que dançava na areia; só depois se percebia o corpo acima dela. O morcego era a sombra do menino, reduzida pelo sol vertical até se tornar um borrão entre os pés apressados. Até mesmo Ralph, ocupado em soprar, foi atraído pelo último

par de corpos que chegava à plataforma numa tremulante mancha de escuridão. Os dois meninos, de cabeça redonda e cabelo de estopa, esticaram-se à sombra e ficaram sorrindo e arfando para Ralph como cachorros. Eram gêmeos e a visão de tal duplicação viva chocava e era incrível. Respiravam juntos, riam juntos, eram fortes e cheios de vida. Levantavam lábios úmidos para Ralph, pareciam não ter bastante pele ali, seus perfis eram como que apenas esboçados, de bocas abertas. Porquinho virou seus óculos brilhantes para eles e, entre os

toques, era possível ouvir sua voz, repetindo os nomes.

— Sam, Eric, Sam, Eric.

Então, ficou atrapalhado: os gêmeos bateram as cabeças e apontaram um para o outro. A meninada caiu na risada.

Enfim, Ralph parou de tocar e sentou-se, com a concha pendendo numa das mãos, a cabeça inclinada sobre os joelhos. À medida que os ecos morriam, extinguíam-se as risadas, dando lugar ao silêncio.

Na bruma diamantina da praia, alguma coisa escura andava de modo irregular. Ralph viu primeiro e fixou-a até que a



firmeza do seu olhar atraiu todos os olhos para essa direção. A criatura passou da miragem para a areia clara e todos viram que o tom escuro não era apenas sombra, mas principalmente roupas. A criatura era um grupo de meninos, marchando mais ou menos em cadência, distribuídos em duas linhas paralelas, vestidos com roupas incrivelmente excêntricas. Calças, camisas e outras peças eram carregadas nas mãos; cada menino usava um boné preto, com uma franja prateada. Estavam cobertos por túnicas negras, que lhes caíam do pescoço aos pés, com grandes

cruzes prateadas no lado esquerdo do peito e a gola rematada em babados pregueados. O calor dos trópicos, a descida, a busca de comida e agora essa suarenta marcha pela praia incandescente dera-lhes aspecto de ameixas recém-lavadas. O menino que os dirigia estava vestido do mesmo jeito, mas a franja do seu boné era dourada. Quando o grupo estava a uns dez metros da plataforma, gritou uma ordem e eles fizeram alto, arquejando, suando, vacilando sob a luz violenta. O menino se adiantou, subiu na plataforma com a túnica

esvoaçando e deu uma olhada no que, para ele, era uma escuridão quase total.

— Onde está o homem da corneta?

Ralph, percebendo que o outro estava ofuscado com a luz, respondeu.

— Não há homem algum com corneta. Só eu.

O menino se aproximou e olhou para Ralph, enrugando o rosto.

Aparentemente, o que viu do menino louro com a concha creme nos joelhos não o satisfez. Virou-se rapidamente, fazendo sua túnica negra dar uma volta.

— Então não há um navio?

Dentro da túnica esvoaçante, o corpo alto, magro e ossudo; cabelos ruivos, sob o boné preto; rosto malfeito e sardento, feio, mas sem parecer estúpido: destacavam-se nele os olhos azul-claros, agora frustrados e cada vez mais irritados.

— Não há um homem aqui?  
Ralph falou para as costas do outro.

— Não, estamos fazendo uma reunião. Juntem-se a nós.

O grupo de meninos de túnica começou a sair da formação. O menino alto gritou-lhes.

— Coro! Sentido!

Cansados, mas obedientes, os

membros do coro enfileiraram-se e ficaram ali, cambaleando sob o sol. Apesar de tudo, alguns começaram a protestar fracamente.

— Mas Merridew. Por favor, Merridew... não podemos? Então um dos meninos caiu de boca na areia e a formação se rompeu. Carregaram o menino caído para a plataforma e o deitaram ali. Merridew, de olhos fuzilando, decidiu mudar de orientação.

— Muito bem. Sentem-se. Deixem-no sozinho.

— Mas Merridew...

— Ele está sempre desmaiando

— disse Merridew. — Em Gib., em Addis e nas matinas, em cima do chantre.

Esta última lembrança provocou uns risinhos no coro, cujos membros haviam pousado como pássaros negros sobre os troncos entrelaçados e examinavam Ralph com interesse. Porquinho não perguntou os nomes deles. Estava intimidado com tal superioridade uniformizada e com a direta autoridade da voz de Merridew. Ficou do outro lado de Ralph, mexendo nos óculos.

Merridew virou-se para Ralph.

— Não há adultos?

— Não.

Merridew sentou-se num tronco e olhou em volta.

— Então teremos de cuidar de nós mesmos.

Seguro ao lado de Ralph,  
Porquinho falou timidamente.

— Por isso é que Ralph convocou uma reunião. Para que possamos decidir o que fazer. Perguntamos os nomes. Este é Johnny. Esses dois são gêmeos, Sam e Eric.

Qual é Eric...? Você? Não... você é Sam...

— Eu sou Sam...

— Eu sou Eric.

— É melhor dizermos os nomes

— disse Ralph. — Eu sou Ralph.

— Sabemos quase todos os

nomes — disse Porquinho. —  
Acabamos de saber.

— Nomes de crianças — disse  
Merridew. — Por que devo ser  
Jack? Eu sou Merridew.

Ralph virou-se rapidamente para  
ele. Era a voz de alguém que  
sabia o que queria.

— E este... — continuou  
Porquinho — este menino...  
esqueci...

— Você está falando demais —  
disse Jack Merridew. — Cale a  
boca, Gordinho.

Gargalhadas.

— Ele não é um Gordinho —  
gritou Ralph. — Seu nome de  
verdade é Porquinho!



— Porquinho!

— Porquinho!

— Oh, Porquinho!

Irrompeu uma tempestade de risos e até os menores se juntaram a ela. Por um instante, os meninos formaram um círculo fechado de simpatia, com Porquinho na berlinda. Ele ficou bem vermelho, balançou a cabeça e limpou os óculos outra vez.

Finalmente, cessaram os risos e eles continuaram a dizer os nomes. Maurice, o segundo em tamanho entre os meninos do coro, logo após Jack, era grande e não parava de rir. Havia um menino magro e esquivo que

ninguém conhecia e se mantinha fechado em si mesmo, numa intensidade íntima de afastamento e reserva. Murmurou que seu nome era Roger e ficou quieto de novo. Bill, Robert, Harold, Henry; o menino que desmaiara, sentado num tronco de palmeira, sorriu palidamente para Ralph e disse que seu nome era Simon. Jack falou.

— Temos que resolver sobre nossa saída daqui.

Houve um vozerio excitado. Um dos meninos pequenos, Henry, disse que queria voltar para casa.

— Calem-se — disse Ralph, distraidamente. Levantou a

concha. — Acho que devemos ter um chefe para decidir as coisas.

— Um chefe! Um chefe!

— Eu devo ser o chefe — disse Jack com ingênua arrogância —, pois sou chefe do coro e solista. Posso cantar em dó sustenido. Outro vozerio.

— Bem, então — disse Jack —, eu...

Hesitou. O menino moreno, Roger, mexeu-se afinal e falou.

— Vamos fazer uma votação.

— Sim!

— Votar por um chefe!

— Vamos votar...

O brinquedo de votar era quase tão divertido quanto a concha.

Jack começou a protestar, mas o clamor passou do desejo geral de um chefe para uma eleição de Ralph por aclamação. Nenhum dos meninos poderia pensar numa razão definida para isso; quem mostrara até então mais inteligência fora Porquinho, porém o líder mais óbvio era Jack. Entretanto, havia uma serenidade na figura sentada de Ralph que o destacava: era seu tamanho, sua aparência atraente; e, de forma mais obscura, embora mais poderosa — era a concha. Aquele que a havia tocado e se sentara à espera deles na plataforma, com o delicado

objeto nos joelhos, distinguia-se entre todos.

— O da concha.

— Ralph! Ralph!

— O chefe deve ser o da corneta. Ralph levantou a mão, pedindo silêncio.

— Muito bem. Quem quer que Jack seja o chefe?

Com obediência temerosa, o coro levantou as mãos.

— Quem quer que eu seja?

Todas as mãos com exceção do coro, e a não ser a de Porquinho, levantaram-se imediatamente.

Depois, Porquinho também levantou a mão, embora de má vontade.

Ralph contou.

— Então o chefe sou eu.

O círculo dos meninos explodiu em aplausos. Até o coro aplaudiu; as sardas do rosto de Jack desapareceram sob um rubor de humilhação. Levantou-se, depois mudou de ideia e se sentou novamente, enquanto o ar retumbava. Ralph olhou-o, ansioso para oferecer alguma coisa.

— O coro pertence a você, é claro.

— Pode ser o exército...

— Ou os caçadores...

— Eles podem ser...

O rubor sumiu do rosto de Jack.

Ralph fez um novo gesto, pedindo silêncio.

— O coro fica com Jack. Eles podem ser... o que vocês querem que eles sejam?

— Caçadores.

Jack e Ralph sorriram um para o outro com uma apreciação tímida. Os outros começaram a falar ansiosamente.

Jack levantou-se.

— Muito bem, coro. Tirar as túnicas.

Como se as aulas tivessem acabado, os meninos do coro levantaram-se, conversando, e empilharam suas túnicas negras na grama. Jack deixou a sua no

tronco próximo a Ralph. Sua calça curta cinzenta estava suada, colada no corpo. Ralph olhou-a, admirado e, quando Jack percebeu o olhar, explicou:

— Tentei subir naquele morro para ver se estávamos cercados por água. Mas sua concha nos chamou.

Ralph sorriu e levantou a concha, pedindo silêncio.

— Ouçam todos. Preciso de tempo para pensar numas coisas. Não posso decidir o que fazer exatamente. Se isto não é uma ilha, não demorarão a nos procurar. Portanto, precisamos saber se isto aqui é uma ilha.



Todo mundo deve permanecer aqui. Esperar. Não ir embora. Três de nós — se levarmos mais vai ser uma bagunça e vamos nos perder — três de nós iremos numa expedição e descobriremos se estamos numa ilha. Eu vou, Jack, e, e...

Olhou em torno o círculo de rostos ansiosos. Não faltavam meninos para escolher.

— E Simon.

Os meninos em torno de Simon deram risadinhas e ele se levantou, rindo um pouco. Agora que sumira a palidez do desmaio, era um menino pequeno, magro e vivo, com um olhar que irrompia

de sob uma franja de cabelo liso e escorrido, preto e áspero.

Fez que sim para Ralph.

— Eu vou.

— E eu...

Jack tirou de detrás uma faca de bainha de tamanho regular e cravou-a num tronco. O vozerio aumentou e morreu.

Porquinho adiantou-se.

— Eu vou.

Ralph virou-se para ele.

— Você não é bom para essas coisas.

— Não faz mal...

— Não queremos você — disse Jack, diretamente. — Bastam três. Os óculos de Porquinho

brilharam.

— Eu estava com ele quando achamos a concha. Eu estava com ele antes de qualquer um.

Jack e os outros não prestaram atenção. Houve uma debandada geral. Ralph, Jack e Simon pularam da plataforma e andaram pela areia além da “piscina”.

Porquinho seguiu-os, resmungando.

— Se Simon andar no meio da gente — disse Ralph —, poderemos conversar por cima da cabeça dele.

Os três continuaram, no mesmo passo. Isso significava que, de vez em quando, Simon tinha de

dar um passo duplo para se alinhar com os outros. De repente, Ralph parou e virou-se para Porquinho.

— Vejam.

Jack e Simon fingiram não ver nada. Continuaram andando.

— Você não pode vir.

Os óculos de Porquinho se embaçaram de novo, desta vez de humilhação.

— Você contou pra eles. Depois do que eu disse.

Seu rosto corou, a boca tremeu.

— Depois que eu disse que não queria...

— Mas de que diabo você está falando?

— De ser chamado de Porquinho. Eu disse que não queria ser chamado de Porquinho. E eu disse para você não contar e você falou pra eles...

Acalmaram-se. Olhando para o outro com mais compreensão, Ralph viu que Porquinho estava ferido e desgostoso. Hesitou entre o caminho das desculpas e o de novos insultos.

— Melhor Porquinho que Gordinho — disse afinal, com a franqueza da liderança autêntica —, e, de qualquer modo, desculpe-me por estar magoado. Agora, volte e pergunte os nomes, Porquinho. Esse é o seu trabalho.

Até logo.

Virou-se e correu atrás dos outros dois. Porquinho ficou ali e o rubor da indignação diminuiu lentamente nas suas faces. Voltou à plataforma.

Os três meninos andavam vivamente na areia. A maré estava baixa e havia uma faixa de praia salpicada de algas, quase tão firme quanto uma estrada.

Uma espécie de encantamento envolvia-os e dominava todo o lugar; eles estavam conscientes desse encantamento e contentes por isso. Viravam-se uns para os outros, rindo, excitados, falando, sem ouvir. O ar estava luminoso.

Ralph, ante a tarefa de traduzir tudo isso numa explicação, plantou uma bananeira e caiu. Quando pararam de rir, Simon bateu timidamente no braço de Ralph. E eles riram de novo.

— Vamos — disse Jack —, somos exploradores.

— Iremos até o fim da ilha — disse Ralph — e daremos uma olhada em tudo.

— Se for uma ilha...

Agora, quase no fim da tarde, as miragens já rareavam.

Descobriram o fim da ilha, bem nítido e sem qualquer magia na sua forma ou sentido. Havia uma superfície rochosa com a habitual

forma quadrada e um grande bloco entrando água adentro. Havia ninhos de pássaros marinhos ali.

— Parece glacê num bolo cor-de-rosa — disse Ralph.

— Não podemos ver do outro lado — disse Jack —, porque não há outro lado. Só uma curva suave... e vocês podem ver, as pedras ficam mais difíceis...

Ralph protegeu os olhos com a sombra de uma das mãos e seguiu a linha recortada dos rochedos até a montanha. Essa parte da praia era mais próxima da montanha que qualquer outra que haviam visto.



— Vamos tentar subir a montanha por aqui — disse ele. — Acho que este é o jeito mais fácil. Há menos mata por aqui e mais pedras rosadas. Vamos.

Os três meninos começaram a subir. Alguma força desconhecida rompera e espalhara esses cubos de pedra, que jaziam obliquamente ou empilhados como numa pirâmide. O aspecto mais comum da rocha era um espigão rosado, encimado por um bloco oblíquo que tinha sobre si um outro e mais um, de modo que a massa rosada se tornava um montão de rochas em equilíbrio, projetando-se através da fantasia

enredante dos cipós da floresta. Onde os espigões cor-de-rosa se originavam, havia várias trilhas estreitas seguindo para cima. Podiam segui-las, internados no mundo das plantas, rosto contra a rocha.

— Quem fez esta trilha?

Jack fez uma pausa, enxugou o suor do rosto. Ralph parou ao seu lado, sem fôlego.

— Homens?

Jack sacudiu a cabeça.

— Animais.

Ralph fixou a escuridão sob as árvores. A floresta vibrava levemente.

— Vamos.

A dificuldade não era a subida íngreme pelos contornos da rocha, mas os mergulhos ocasionais na vegetação rasteira, até que se atingia a trilha seguinte. Ali, as raízes e caules das trepadeiras e lianas estavam tão entrelaçados que os meninos tinham de enfiar-se dentre eles, como agulhas flexíveis. Como única orientação, além do chão marrom e esporádicos vislumbres de luz através da folhagem, a tendência da encosta: saber se este buraco, cheio do emaranhado de lianas, era mais alto que o anterior.

Mas avançavam, de qualquer

forma.

Murados nessas paredes vegetais, num dos seus momentos mais difíceis, viram Ralph virar-se com os olhos brilhantes.

— Bárbaro!

— Magnífico!

— Sensacional!

A causa daquele prazer não era assim tão evidente: os três estavam acalorados, sujos e exaustos. Ralph arranhara-se para valer. As trepadeiras eram tão grossas quanto as coxas deles e deixavam pouco mais que estreitos túneis para quem quisesse passar. Ralph gritou, para experimentar, e eles ouviram

os ecos apagados.

— Isso é exploração de verdade

— disse Jack. — Aposto que ninguém esteve aqui antes.

— Deveríamos desenhar um mapa — disse Ralph —, só que não temos papel.

— Podíamos fazer marcas nas cascas de árvores — disse Simon —, e passar alguma coisa escura nelas.

Retornava a solene comunhão de olhos brilhantes na sombra.

— Bárbaro!

— Magnífico!

Não havia lugar para plantar bananeira. Desta vez, Ralph exprimiu a intensidade da sua

emoção fingindo querer derrubar Simon; logo, formavam um amontoado feliz e palpitante na semiescuridão.

Quando se separaram, Ralph falou primeiro.

— Precisamos ir.

O granito rosado do próximo espigão estava mais longe das trepadeiras e árvores, de modo que puderam correr trilha acima.

E a trilha levou a uma outra floresta aberta, o que permitiu que vissem o mar. Com a clareira, veio o sol; secou o suor que empapara as roupas no calor escuro e úmido. Pelo menos, o caminho para cima parecia um

amontoado de rochas rosadas,  
sem novos mergulhos nas  
sombras. Os meninos avançaram  
através de desfiladeiros e  
matações de pedras afiadas.

— Olhem! Olhem!

Neste cimo da ilha, as rochas  
espalhadas erguiam-se em  
espigões e chaminés. Aquela em  
que Jack se encostara mexeu-se  
com um som rascante, quando  
empurraram.

— Vamos...

Mas desta vez o “vamos” não era  
para continuar: a subida ao cume  
podia esperar. Agora os três  
meninos aceitavam um desafio: a  
rocha, tão grande quanto um

automóvel pequeno.

— Agora!

Para a frente e para trás, para a frente, para trás, ir e voltar contra o ponto de equilíbrio máximo, para a frente, para trás, para a frente, para trás...

— Agora!

A grande rocha vacilou, oscilou como que na ponta dos pés, decidiu não voltar, moveu-se pelo ar, caiu, arrebentou-se, virou, saltou louca no ar e cavou um profundo buraco na abóbada da floresta. Ecos e pássaros voaram, a poeira branca e rosa flutuou, a floresta lá embaixo tremeu como que à passagem de um monstro



enraivecido. E daí voltou a tranquilidade à ilha.

— Puxa vida!

— Como uma bomba!

— Uuuuaaaau!

Levaram uns cinco minutos até poder esquecer esse triunfo. Mas prosseguiram, afinal.

O caminho para o cimo era fácil depois disso. Ao alcançarem a última parte, Ralph parou.

— Nossa!

— Estavam no limite de uma depressão semelhante a um anfiteatro ou semianfiteatro, do lado da montanha. Esse anfiteatro estava cheio de uma flor azul, uma planta rochosa de alguma

espécie; as flores escalavam rocha abaixo e espalhavam-se abundantemente por entre as copas da floresta. O ar estava coalhado de borboletas alçando voo, flutuando, descendo.

Além do anfiteatro, ficava o cimo quadrado da montanha e logo chegaram ali.

Haviam adivinhado antes que era uma ilha; enquanto avançavam por entre as rochas rosadas, com o mar de um lado ou de outro, sob as alturas cristalinas do ar, souberam instintivamente que o mar estava por todos os lados. Mas parecia que algo lhes dizia da conveniência de deixar a

última palavra para quando chegassem ao cimo: e dali, agora, podiam ver um horizonte circular de água.

Ralph virou-se para os outros.  
— Tudo isso é nosso.

Tinha a forma aproximada de um barco: uma saliência perto desta ponta; por trás deles havia a acidentada descida até a praia. Dos lados, rochedos, espigões, frondes de árvores e uma encosta íngreme: para diante, no corpo do barco, uma descida mais suave, coberta de árvores, com manchas cor-de-rosa: e, então, a selva plana da ilha, um verde denso, terminando numa cauda cor-de-

rosa. Ali, onde a ilha penetrava água adentro, havia outra ilha: uma rocha, quase isolada, situada como um forte, defrontava-os através do verde com um bastião escarpado e rosado.

Os meninos examinaram tudo isso, depois olharam mar adentro. Estavam bem no alto e a tarde avançava; a visão não se turvava com nenhuma miragem.

— É um recife. Um recife de coral. Já vi fotos iguais.

O recife rodeava mais de um lado da ilha, ficando talvez a uns dois quilômetros, paralelo ao que agora consideravam a sua praia. O coral irrompia do oceano como

um gigante que se abaixasse para reproduzir a forma da ilha numa vacilante linha de giz, cansando-se antes de acabar. Dentro, a água tinha cor de pavão, rochas e algas surgiam como num aquário; além, o azul escuro do mar. A maré baixava e compridas esteiras de espuma apareciam a partir do recife; por um instante, eles imaginaram que o barco se movia firmemente, de popa.

Jack apontou para baixo.

— Foi ali que aterrissamos.

Além dos desfiladeiros e escarpas, havia uma cicatriz visível nas árvores; ali estavam os troncos destroçados e, depois,

a abertura; só ficara uma franja de palmeiras entre o vazio e o mar. Ali, também, salientando-se na lagoa, a plataforma, por onde se moviam figuras parecidas com insetos.

Ralph esboçou uma linha torcida desde a altura em que estavam, percorrendo a encosta, uma picada através de flores, que ziguezagueava e ia até lá embaixo, à rocha que marcava o começo da subida.

— Esse é o caminho de volta mais rápido.

Com os olhos brilhantes, as bocas abertas, triunfantes, saboreavam o direito de domínio. Estavam

animadíssimos: eram amigos.

— Não há fumaça de aldeias, nem barcos — disse Ralph com seriedade. — Teremos certeza depois, mas acho que a ilha é desabitada.

— Arranjaremos comida — gritou Jack. — Caçaremos. Pegaremos coisas... até que venham nos buscar.

Simon olhou para os dois, sem dizer nada, mas balançando a cabeça, até que seu cabelo preto voasse para trás e para a frente. Seu rosto brilhava.

Ralph olhou para o outro lado, onde não havia recifes.

— É mais íngreme — disse Jack.

Ralph fez um gesto, com as mãos juntas.

— Essa parte da floresta aí embaixo... a montanha é que a segura.

Todas as saliências da montanha tinham árvores — flores e árvores. Agora, a floresta se agitava, rugia, sacudia. As extensões mais próximas das flores rochosas estremeceram e, por meio minuto, a brisa soprou fria nas suas faces.

Ralph abriu os braços.

— Tudo nosso.

Riram, brincaram e gritaram na montanha.

— Estou com fome.



Quando Simon mencionou sua fome, os outros perceberam que também estavam famintos.

— Vamos — disse Ralph. — Já descobrimos o que queríamos saber.

Desceram por uma encosta rochosa, enfiaram-se por entre as flores e avançaram sob as árvores. Então, pararam, para examinar com curiosidade os arbustos ao redor.

Simon falou primeiro.

— Parecem velas. Moitas de velas. Flores de velas.

Os arbustos eram verdes, bem escuros e cheirosos. Muitos dos botões eram de um verde lustroso

e se dobravam sob a luz. Jack cortou um com sua faca e o cheiro se espalhou sobre eles.

— Flores de velas.

— Você não pode acendê-las — disse Ralph. — Só parecem velas.

— Velas verdes — disse Jack desdenhosamente —, não podemos comê-las. Vamos.

Estavam no começo da floresta densa, arrastando os pés cansados por uma trilha, quando ouviram o barulho — guinchos — e o pesado golpear de cascos no chão. À medida que avançavam, os guinchos aumentavam até se tornarem um frenesi. Descobriram

um leitãozinho preso numa cortina de cipós, arremetendo contra as lianas elásticas com toda a loucura do terror extremo. Os sons que emitia eram agudos, estridentes, insistentes. Os três meninos correram adiante e Jack tirou outra vez sua faca com um floreio. Levantou o braço. Uma pausa, um hiato, o leitão continuou a gritar e os cipós a se mexer. A lâmina continuou a brilhar no fim de um braço ossudo. A pausa só foi suficientemente longa para que eles compreendessem que enormidade seria o golpe para baixo. Então, o leitão conseguiu

escapar dos cipós e desapareceu no mato. Eles ficaram se entreolhando e observando o lugar do terror. O rosto de Jack estava branco sob as sardas.

Percebeu que ainda estava com a lâmina pronta e baixou o braço, recolocando a faca na bainha.

Então, os três riram, cheios de vergonha, e começaram a voltar para a trilha.

— Eu estava escolhendo um lugar

— disse Jack. — Só estava

esperando um momento para decidir onde pegar o bicho.

— O porco tem de ser furado — disse Ralph ferozmente. —

Sempre falam em furar o porco.

— Tem de se cortar o pescoço do porco para o sangue escorrer — disse Jack —, senão a carne não pode ser comida.

— Por que você não...?

Sabiam muito bem por que não: devido à enormidade da faca descendo e cortando carne viva; devido ao sangue insuportável.

— Eu ia — disse Jack. Estava à frente deles e não se podia ver seu rosto. — Estava escolhendo um lugar. Da próxima vez...

Tirou a faca da bainha e golpeou um tronco de árvore. Da próxima vez, não haveria mercê. Olhou em volta altivamente, desafiando-os a contradizê-lo. Então, saíram

para a luz do sol e, por um instante, ocuparam-se em achar e devorar comida, enquanto desciam a escarpa até a plataforma onde os esperava o grupo.

## 2

### Fogo na montanha

Quando Ralph acabou de tocar a concha, a plataforma ficou cheia. Havia diferenças entre esta reunião e a da manhã. O sol da tarde caía obliquamente do outro lado da plataforma e a maioria dos meninos, sentindo tarde demais o ardor das queimaduras de sol, voltara a vestir as roupas. O coro, sensivelmente menos organizado como grupo, já tirara as túnicas.

Ralph sentou-se num tronco caído, ficando o sol à sua

esquerda. À direita, a maior parte do coro; à esquerda, os meninos maiores que não se conheciam antes da evacuação; à sua frente, meninos pequenos acocorados na grama.

Silêncio agora. Ralph levantou a concha creme e rosada até os joelhos e uma brisa súbita lançou luz por toda a plataforma. Ele hesitava entre ficar de pé ou continuar sentado. Olhou de lado, para a esquerda, para a “piscina”. Porquinho estava sentado, mas não oferecia ajuda.

Ralph limpou a garganta.

— Bom, então...

Imediatamente descobriu que



podia falar fluentemente e explicar o que tinha a dizer. Passou uma das mãos nos cabelos louros e falou.

— Estamos numa ilha. Estivemos no cume da montanha e vimos só água em volta. Não vimos casas, fumaça, pegadas, botes, nem gente. Estamos numa ilha desabitada, sem ninguém mais. Jack interrompeu.

— Mas, de qualquer forma, você precisa de um exército para caçar. Caçar porcos...

— Sim. Há porcos na ilha. Os três tentavam comunicar aos outros o sentido da coisa viva e cor-de-rosa que lutava entre os

cipós.

— Nós vimos...

— Guinchando...

— Fugiu...

— Antes de poder matá-lo...  
mas... da próxima vez!

Jack cravou a faca num tronco e  
olhou desafiadoramente em volta.

A reunião voltou ao normal.

— Como vocês veem — disse

Ralph —, precisaremos de  
caçadores que nos tragam carne.

E outra coisa.

Levantou a concha dos joelhos e  
olhou em volta, para as caras  
castigadas pelo sol.

— Não há adultos. Vamos ter de  
cuidar de nós.

O grupo murmurou algo, mas logo se calou.

— Uma coisa mais. Não é possível todo mundo falar ao mesmo tempo. Vai ser preciso levantar a mão, como na escola. Levou a concha à altura do rosto e olhou em volta.

— Então eu passarei a concha para quem quiser falar.

— Concha?

— É assim que se chama isto. Eu darei a concha para a pessoa que irá falar em seguida. Ela poderá segurar a concha enquanto falar.

— Mas...

— Veja...

— E ela não será interrompida. A

não ser por mim.

Jack estava de pé.

— Vamos ter regras! — gritou, excitado. — Muitas regras! E quando qualquer um não as respeitar...

— Uuuu-piii!

— Uuuaau!

— Puuum!

— Taaam!

Ralph sentiu que tiravam a concha do seu colo. Porquinho, de pé, ficou segurando a grande concha creme e a gritaria morreu. Jack, ainda de pé, olhou hesitante para Ralph que sorriu e deu umas palmadinhas no tronco. Jack sentou-se. Porquinho tirou os

óculos e piscou para o grupo, enquanto esfregava as lentes na camisa.

— Vocês interromperam Ralph. Não o deixaram falar da coisa mais importante.

Fez uma pausa dramática.

— Quem sabe onde estamos? Hein?

— Sabiam no aeroporto.

— O homem com a corneta...

— Meu pai.

Porquinho pôs os óculos.

— Ninguém sabe onde estamos

— disse Porquinho. Estava mais pálido do que antes e sem fôlego.

— Talvez soubessem para onde iríamos, talvez não. Mas não

sabem onde estamos, pois nunca chegamos aonde íamos. —

Olhou-os por um instante, enquanto ganhava fôlego, depois balançou-se e sentou. Ralph pegou a concha das suas mãos.

— Isto é o que eu iria dizer — continuou —, quando vocês todos, vocês... — Olhou para os rostos atentos. — O avião caiu em chamas. Ninguém sabe onde estamos. Poderemos ficar aqui muito tempo ainda.

O silêncio era total, a ponto de poderem ouvir a respiração entrecortada de Porquinho. O sol, com seus raios oblíquos, espalhava ouro por metade da

plataforma. A brisa que, na lagoa, parecia seguir docilmente os passos dos meninos, cruzava agora a plataforma e internava-se floresta adentro. Ralph puxou para trás a mecha de cabelo louro que caíra na testa.

— Pois é, poderemos ficar aqui muito tempo.

Ninguém disse nada. Ele, de repente, deu um sorriso.

— Mas é uma boa ilha. Nós, Jack, Simon e eu, subimos a montanha. É incrível. Tem comida e bebida e...

— Rochas...

— Flores azuis...

Porquinho, já recuperado em

parte, apontou para a concha nas mãos de Ralph; Jack e Simon ficaram quietos. Ralph continuou. — Enquanto esperamos, podemos divertir nesta ilha.

Fez gestos largos.

— É como num livro.

Imediatamente houve um clamor.

— A Ilha do Tesouro...

— Ao longo do Amazonas...

— A Ilha de Coral...

Ralph sacudiu a concha.

— Esta é nossa ilha. É uma boa ilha. Até os adultos chegarem para nos buscar, vamo-nos divertir.

Jack esticou a mão para a concha.

— Há porcos — disse ele. —



Temos comida e água para tomar banho naquele riacho ali... e tudo. Ninguém achou mais nada?

Devolveu a concha a Ralph e se sentou. Aparentemente, ninguém achara nada.

Os meninos maiores só notaram o garoto quando ele começou a resistir: um grupo de meninos pequenos insistia para que ele avançasse, mas ele não queria ir. Era um menininho pequeno, com uns seis anos e, num dos lados do rosto, tinha um sinal de nascença cor de amora. Levantou-se, mas perdeu o equilíbrio: estava ofuscado com a súbita notoriedade. Enfiou um dedão na

grama dura. Balbuciava, à beira do choro.

Os outros menininhos,  
cochichando, mas sérios,  
empurraram-no até Ralph.

— Muito bem — disse Ralph —,  
venha cá.

O garoto olhou em volta,  
aterrorizado.

— Fale!

O menino estendeu as mãos para a concha e o grupo explodiu numa risada; imediatamente, ele abaixou as mãos e começou a chorar.

— Deixem-no pegar a concha! — gritou Porquinho. — Deixem-no pegar!

Afinal, Ralph convenceu-o a pegar a concha, mas daí as gargalhadas haviam levado a voz do garoto. Porquinho ajoelhou-se ao lado dele, uma das mãos na grande concha, ouvindo e transmitindo para os outros.

— Ele quer saber o que vamos fazer com a coisa-serpente.

Ralph riu e os outros riram com ele. O menino retorceu-se, ficando mais tímido.

— Conte-nos sobre a coisa-serpente.

— Agora ele diz que era um bicho.

— Bicho?

— Uma coisa-serpente. Muito

grande. Ele viu.

— Onde?

— No mato.

As brisas errantes ou talvez o sol declinando espalharam um sopro frio sob as árvores. Os meninos sentiram-no e se agitaram.

— Não pode haver um bicho, uma coisa-serpente, numa ilha deste tamanho — explicou Ralph, gentilmente. — Só há coisas assim em lugares grandes como a África ou a Índia.

Um murmúrio. E graves cabeças afirmando.

— Ele diz que o bicho veio no escuro.

— Então ele não pôde vê-lo!

Risos e gritos.

— Ouviram só? Ele disse que viu a coisa... no escuro!

— Ele ainda diz que viu o bicho. Ele veio e foi embora, voltou e queria comê-lo...

— Estava sonhando...

Rindo, Ralph buscou um apoio no círculo de rostos. Os meninos maiores concordaram; mas, aqui e ali, entre os meninos menores, havia dúvidas que precisavam de mais que garantias racionais.

— Deve ter tido um pesadelo.

Metido entre todas essas plantas. Novos gestos graves de afirmação; eles conheciam pesadelos.

— Ele diz que viu o bicho, a coisa-serpente, e que ele voltará hoje à noite!

— Mas não existe esse bicho! Não houve risadas dessa vez, apenas olhares graves.

Ralph passou as duas mãos no cabelo e olhou para o menino, num misto de diversão e exasperação.

Jack pegou a concha.

— Ralph tem razão, claro. Não existe uma coisa-serpente. Mas se houver uma cobra, nós a caçaremos e mataremos. Vamos caçar porcos e trazer carne para todo mundo. E procuraremos a serpente também...

— Mas não existe a serpente?

— Teremos certeza quando formos caçar.

Ralph estava chateado e, nesse instante, derrotado. Sentiu-se ante algo inacessível. Os olhos que o fixavam atentamente não mostravam humor.

— Mas não existe esse bicho!

Algo desconhecido tomava-o e o levava a repetir sempre, bem alto.

— Mas não existe esse bicho!

A assembleia silenciou.

Ralph levantou a concha outra vez e seu bom humor voltou, enquanto pensava no que dizer em seguida.

— Agora, chegamos ao mais importante. Estive pensando.

Pensei enquanto subíamos a montanha. — Disparou um sorriso conspiratório para os outros dois. — E na praia, agorinha mesmo. Foi isso o que eu pensei: queremos nos divertir. E queremos ser salvos.

O apaixonado ruído de concordância vindo dos outros atingiu-o como uma onda e ele perdeu o fio. Pensou de novo.

— Queremos ser salvos; e, sem dúvida, seremos salvos.

Vozes se misturaram. A simples afirmativa, despida de qualquer prova, além do peso da nova autoridade de Ralph, trouxe luz e felicidade. Ele teve de sacudir a



concha antes de poder ser ouvido de novo.

— Meu pai é da Marinha. Ele disse que não há mais ilhas desconhecidas. Disse que a rainha tem uma sala grande cheia de mapas e todas as ilhas do mundo estão situadas ali. Logo, a rainha tem um mapa daqui.

Novamente voltaram os sons de alegria e de melhor disposição.

— E mais cedo ou mais tarde um navio chegará aqui. Pode ser até o navio do meu pai. Como vocês veem, cedo ou tarde, seremos salvos.

Fez uma pausa, tendo dito o que queria. O grupo orientara-se para

a segurança através das suas palavras. Gostavam dele e agora o respeitavam. Espontaneamente, começaram a bater palmas e logo a plataforma estava tomada por aplausos. Ralph corou, olhando de lado para a franca admiração de Porquinho, depois para o outro lado, para Jack que sorria afetadamente e mostrava que também sabia aplaudir.

Ralph sacudiu a concha.

— Calem-se! Esperem! Ouçam!

Falou, no silêncio imediato que se fez, apoiado no próprio triunfo.

— Há outra coisa. Podemos ajudar aos que nos procurarem.

Se um navio chegar perto da ilha,

poderá não nos perceber.

Precisamos fazer um sinal de fumaça no cimo da montanha.

Precisamos fazer uma fogueira.

— Uma fogueira! Fazer uma fogueira!

Logo, metade dos meninos estava de pé. Jack gritava no meio deles, esquecido da concha.

— Vamos! Sigam-me!

O espaço sob as palmeiras enchia-se de barulho e movimento. Ralph também estava de pé, pedindo silêncio aos gritos, mas ninguém o ouvia. Imediatamente, o grupo dirigiu-se para a ilha e sumiu, seguindo Jack. Até os menores foram e

seguiram o melhor possível entre as folhas e troncos partidos.

Ralph ficara, segurando a concha, sozinho com Porquinho.

Porquinho já recuperara o fôlego. — Como crianças! — disse, com desprezo. — Agiram como um bando de crianças!

Ralph olhou-o, hesitante, e largou a concha no tronco da árvore.

— Aposto que já é hora do chá — disse Porquinho. — Que pensam fazer naquela montanha? Acariciava respeitosamente a concha, mas parou e olhou para cima.

— Ralph! Ei! Aonde vai?

Ralph já estava trepando pelas

primeiras filas de galhos quebrados da escarpa. Bem à frente dele havia o som de coisas quebrando e risos.

Porquinho olhou-o, com desgosto. — Como um bando de crianças... Suspirou, inclinou-se e amarrou os sapatos. O barulho do grupo errante desapareceu montanha acima. Então, com a expressão martirizada de um pai que tem de suportar a insensata atividade dos filhos, Porquinho pegou a concha, virou-se para a floresta e começou a avançar pela escarpa pedregosa.

Além do outro lado do cimo da

montanha havia uma plataforma de floresta. Mais uma vez, Ralph juntou as duas mãos em forma de concha.

— Lá embaixo poderemos arranjar tanta madeira quanto quisermos.

Jack confirmou e estirou o lábio inferior. O grupo de árvores, que nascia a seus pés a uns trinta metros, na encosta mais abrupta da montanha, parecia estar destinado a servir de combustível. As árvores, forçadas pelo calor úmido, não chegavam a crescer o bastante na pouca terra existente, caíam cedo e apodreciam: os cipós as

envolviam e novos brotos procuravam um caminho para cima.

Jack virou-se para o coro, que estava pronto para tudo. Os bonés pretos dos meninos caíam-lhes sobre uma das orelhas como boinas.

— Vamos fazer uma pilha de madeira. Vamos.

Acharam o melhor caminho para descer e começaram a apanhar a madeira morta. Todos os meninos pequenos que chegaram ao cimo também colaboraram, até que todo mundo, menos Porquinho, estava ocupado. A maior parte da madeira estava tão podre que, ao

ser puxada, despedaçava-se em porções de fragmentos e lascas podres. Mas alguns troncos saíam inteiros. Os gêmeos, Sam e Eric, foram os primeiros a achar um tronco apropriado, mas nada puderam fazer até que Ralph, Jack, Simon, Roger e Maurice conseguissem espaço para puxar. Então, içaram a grotesca coisa morta rocha acima e a levaram até o topo. Cada grupo de meninos trouxe um pouco mais, um pouco menos, e a pilha cresceu. Ao voltar, Ralph viu-se a sós com Jack, ante um tronco, e ambos sorriram, dividindo a tarefa. Mais uma vez, entre a



brisa, os gritos, a luz oblíqua do sol na alta montanha, descera aquele encantamento, aquela estranha e invisível luz de amizade, aventura e contentamento.

— É quase pesado demais.

Jack sorriu.

— Não para nós dois.

Juntos, unidos no esforço pelo desafio, subiram, penando, a última encosta da montanha.

Juntos cantaram — Um! Dois!

Três! e lançaram o tronco na grande pilha. Então recuaram, rindo de prazer triunfante, de modo que Ralph, imediatamente, teve de plantar uma bananeira.

Abaixo deles, havia meninos ainda trabalhando, embora alguns dos menores já tivessem perdido interesse naquilo, passando a buscar frutas na nova floresta. Os gêmeos, com insuspeitada inteligência, subiram com montões de folhas secas nos braços e as comprimiram contra a pilha. Um a um, à medida que achavam que a pilha estava pronta, os meninos pararam de ir buscar mais material e ficaram por ali, de pé, no centro do topo rosado e pedregoso da montanha. A respiração voltava ao normal e o suor já secava.

Ralph e Jack entreolharam-se

enquanto os outros esperavam, perto deles. Tomavam consciência da situação, estavam envergonhados e não sabiam como confessar.

Ralph falou primeiro, todo vermelho.

— Você quer?

Limpou a garganta e repetiu.

— Você quer acender o fogo?

Agora, a situação absurda era evidente. Jack também corou.

Começou a resmungar vagamente.

— É preciso esfregar duas varinhas... Você esfrega...

Olhou para Ralph, que pronunciou a confissão definitiva de incompetência.

— Alguém trouxe fósforos?

— É só fazer um arco e dar voltas com a flecha — disse Roger.

Esfregou as mãos, imitando o movimento. — Psss. Psss.

Um ventinho passou pela montanha. Porquinho chegou com ele, de calça curta e camisa, saindo cautelosamente da floresta, com o sol da tarde refletindo-se nos seus óculos.

Segurava a concha sob o braço.

Ralph gritou.

— Porquinho! Você tem fósforos?

Os outros meninos também gritaram, até a montanha vibrar.

Porquinho sacudiu a cabeça e se aproximou da pilha.

— Puxa! É um monte e tanto de madeira, não é?

Jack, subitamente, apontou.

— Os óculos... vamos usar as lentes para acender o fogo!

Porquinho foi cercado antes de poder dar um passo para trás.

— Ei! Larguem-me! — Sua voz irrompeu num guincho de terror, quando Jack tirou-lhe os óculos do rosto. — Cuidado! Devolvam-me! Não vejo nada! Vou quebrar a concha!

Ralph deu-lhe uma cotovelada, afastando-o, e ajoelhou-se ao lado da pilha.

— Saiam de frente da luz.

Houve empurrões e puxões e

gritos fingidos. Ralph moveu as lentes para frente e para trás, de um lado e do outro, até que uma brilhante imagem branca do sol poente caiu num pedaço de madeira podre. Quase imediatamente, uma débil fumacinha subiu e fez com que tossisse. Jack também se ajoelhou e soprou suavemente, de modo que a fumaça afastou-se, adensando-se, e uma chama pequena apareceu. A chama, quase invisível no começo, sob a brilhante luz solar, envolveu um raminho, cresceu, enriqueceu-se de cor e atingiu um galho que explodiu com um craque seco. A

chama pulou para cima e os meninos explodiram em aplausos.

— Meus óculos! — uivou Porquinho. — Deem-me os óculos!

Ralph levantou-se e afastou-se da pilha, colocando os óculos nas mãos tateantes de Porquinho. A voz deste reduziu-se a um murmúrio.

— Só manchas, é tudo. Mal vejo minha mão...

Os meninos dançavam. A pilha estava tão podre e tão seca que troncos inteiros se entregavam apaixonadamente às chamas amarelas que surgiam sempre para cima numa grande língua de

fogo de mais de dez metros de altura. A metros da fogueira, o calor era como um sopro e a brisa era um rio de centelhas. Os troncos se transformavam em poeira branca.

Ralph gritou.

— Mais madeira! Vocês todos, tragam mais madeira!

A vida se tornou uma corrida com o fogo e os meninos espalharam-se pela parte superior da floresta. Manter uma boa fogueira na montanha era o objetivo imediato e ninguém pensava no que viria depois. Até os meninos menores, a não ser que fossem atraídos pelas frutas, traziam pedacinhos



de madeira e os jogavam na pira. O ar movia-se um pouco mais depressa e logo se tornou um vento fraco — com uma nítida diferença a sotavento e a barlavento. Num lado, o ar era frio, mas no outro, o fogo estendia um braço selvagem de calor que encrespava os cabelos num instante. Os meninos sentiram o vento da tardinha nas suas caras úmidas, pararam para desfrutar do seu frescor e descobriram que estavam exaustos. Estenderam-se nas sombras que havia entre as rochas espalhadas. A língua de fogo diminuiu rapidamente; os troncos da pira caíram para o

lado de dentro, com um ruído baixo e abafado pela cinza, levantando uma grande árvore que lançava fagulhas e que se dobrou, afastando-se, flutuando ao sabor do vento. Os meninos ficaram deitados, ofegantes como cachorros.

Ralph levantou a cabeça, apoiada entre os braços.

— Não foi bom.

Roger cuspiu na poeira quente.

— O quê?

— Não tinha fumaça. Só fogo.

Porquinho instalara-se numa saliência entre duas rochas e estava sentado, com a concha entre os joelhos.

— Fizemos uma fogueira que não serviu para nada. Não vamos poder conservar uma fogueira assim o tempo todo — disse ele.

— Você fez muito mesmo — disse Jack, com desprezo. — Ficou aí sentado.

— Nós usamos os óculos dele — disse Simon, sujando a face de preto com o antebraço. — Ele ajudou desse jeito.

— Estou com a concha — disse Porquinho, indignado. — Deixem-me falar!

— Aqui no topo da montanha, a concha não vale — disse Jack. — Cale a boca!

— Estou segurando a concha.

— É só pôr galhos verdes —  
disse Maurice. — É o melhor  
jeito de fazer fumaça.

— Estou com a concha...

Jack virou-se furiosamente.

— Cale a boca!

Porquinho ficou quieto. Ralph  
pegou a concha e olhou em volta  
para o círculo de meninos.

— Precisamos de gente só para  
cuidar do fogo. Qualquer dia  
pode aparecer um navio — fez  
um gesto com o braço, abarcando  
o tenso limite do horizonte — e  
se tivermos um sinal eles virão  
nos resgatar. E outra coisa.

Devemos ter mais regras. Onde a  
concha estiver pode sempre haver

reunião. Aqui em cima ou lá embaixo.

Assentiram. Porquinho abriu a boca para falar, percebeu o olhar de Jack e desistiu. Jack estendeu a mão para a concha e se levantou, segurando cuidadosamente o delicado objeto nas palmas cobertas de fuligem.

— Concordo com Ralph.

Precisamos ter regras e obedecer a elas. Afinal, não somos selvagens. Somos ingleses e os ingleses são melhores em tudo.

Logo, precisamos fazer as coisas certas.

Virou-se para Ralph.

— Ralph... vou dividir o coro...

meus caçadores, isto é... em grupos. E seremos responsáveis pela manutenção do fogo...

A generosidade fez irromper uma chuva de aplausos dos meninos; Jack sorriu para eles, depois sacudiu a concha, pedindo silêncio.

— Vamos deixar o fogo apagar agora. Afinal, quem vai ver fumaça no escuro? E podemos acender a fogueira de novo quando quisermos. Contraltos podem cuidar da fogueira esta semana; sopranos, na semana que vem...

O grupo concordou, gravemente.  
— E nós seremos responsáveis

também pelo trabalho de vigia. Se  
virmos um navio lá — seguiram  
com o olhar a direção apontada  
pelo braço ossudo —,  
colocaremos galhos verdes na  
fogueira. Então, haverá mais  
fumaça.

Todos olharam atentamente para  
o denso azul do horizonte, como  
se uma pequena silhueta pudesse  
aparecer ali a qualquer momento.  
No oeste, o sol era uma gota de  
ouro ardente que decaía mais e  
mais para perto do umbral do  
mundo. De repente, todos  
perceberam que a noite era o fim  
da luz e do calor.

Roger pegou a concha e olhou em

volta, sombriamente.

— Estive olhando o mar. Não há sinal de barco. Talvez nunca sejamos salvos.

Um murmúrio levantou-se e logo se extinguiu. Ralph pegou a concha.

— Eu disse antes que algum dia nos acharão. Só teremos de esperar; mais nada.

Um audaz e indignado Porquinho pegou a concha.

— Foi isso que eu disse! Eu falei das reuniões e outras coisas, então me mandaram calar a boca...

Ergueu a voz num tom queixoso de virtuosa recriminação. Os



meninos se agitaram e começaram a gritar contra ele.

— Vocês disseram que queriam fazer uma fogueirinha e acabaram fazendo uma pilha parecida com um monte de feno. Se eu tento falar qualquer coisa — gritou Porquinho, com amargo realismo —, dizem para eu calar a boca; mas se fosse Jack ou Maurice ou Simon...

Fez uma pausa em meio ao tumulto, de pé, olhando para além deles e para baixo, lá onde ficava a encosta inimiga da montanha e a grande mancha em que haviam achado a madeira. Então, riu tão estranhamente que todos se

calaram, olhando espantados para o brilho dos óculos dele.

Seguiram seu olhar para descobrir a piada irônica.

— Vocês acabaram conseguindo uma fogueirinha.

Fumaça subia aqui e ali entre as trepadeiras que engrinaldavam as árvores mortas ou moribundas.

Enquanto olhavam, uma faísca de fogo apareceu na raiz de um arbusto e, então, a fumaça se adensou. Pequenas chamas moveram-se pelo corpo de uma árvore e avançaram através de folhas e mato, dividindo-se e aumentando. Uma brasa tocou um tronco de árvore e subiu por ele

como um esquilo serelepe. A fumaça aumentou, separou-se, formou-se em ondas. O esquilo saltou nas asas do vento e agarrou-se em outra árvore ereta, devorando-a inteira. Sob a escura abóbada de folhas e fumaça, o fogo agarrou-se à floresta e começou a roê-la. Acres de fumaça negra e amarela rolaram firmemente rumo ao mar. Ante a visão das chamas e da irresistível caminhada do fogo, os meninos irromperam em vivas agudos e excitados. Como uma espécie de animal selvagem, as chamas rastejaram, tal um jaguar rastejando sobre o ventre, rumo a

uma linha de brotos semelhantes a bétulas que bordejavam uma saliência da rocha rosada.

Saltaram para a primeira das árvores e os galhos mostraram uma breve folhagem de fogo. O coração da chama pulou agilmente através da distância entre as árvores e então balançou e brilhou por toda a fileira. Sob os meninos que davam saltos, meio quilômetro quadrado de floresta era uma fúria selvagem de fumaça e chamas. Os ruídos do fogo fundiram-se num só como um rufar de tambores que parecia abalar a montanha.

— Pronto, aí está a fogueirinha.

Espantado, Ralph percebeu que os meninos estavam ficando parados e quietos, sentindo um começo de medo ante o poder desencadeado abaixo deles. A compreensão disso e o medo enfureceram-no.

— Ora, cale a boca!

— Estou com a concha — disse Porquinho, ferido. — Tenho direito de falar.

Olharam-no com olhos onde só havia desinteresse, os ouvidos atentos para o rufar de tambores do fogo. Porquinho relanceou a vista nervosamente pelo inferno e abraçou a concha.

— Temos que deixar queimar

tudo, agora. E essa era a nossa lenha.

Lambeu os lábios.

— Não podemos fazer nada.

Deveríamos ter mais cuidado.

Estou com medo...

Jack tirou os olhos do fogo.

— Você está sempre com medo.

Não é... Gordinho?

— Eu estou com a concha —

disse Porquinho debilmente.

Virou-se para Ralph. — Eu estou

com a concha, não é, Ralph?

Contra a vontade, Ralph deixou

de olhar a esplêndida e terrível

cena.

— O que foi?

— A concha. Tenho direito de

falar.

Os gêmeos riram juntos.

— Queríamos fumaça...

— Vejam agora...

Uma fumaceira estendia-se a quilômetros de distância da ilha.

Todos os meninos, menos

Porquinho, começaram a rir; logo, estavam explodindo em gargalhadas.

Porquinho perdeu a paciência.

— Eu estou com a concha!

Escutem! A primeira coisa que deveríamos ter feito eram abrigos lá na praia. Lá não faz nem metade do frio à noite. Mas bastou Ralph dizer “fogueira” para todos saírem uivando e

gritando montanha acima. Como um bando de crianças!

Agora, todos estavam ouvindo a tirada.

— Como esperam ser salvos se não fazem primeiro o que tem de ser feito primeiro e não agem certo?

Tirou os óculos e fez um gesto como se fosse largar a concha, mas o súbito avanço da maioria dos meninos maiores para ela fez com que mudasse de ideia. Enfiou a concha embaixo do braço e encostou-se numa pedra.

— Então, quando chegaram aqui, fizeram uma fogueira inútil. Tudo que conseguiram foi pôr fogo na



ilha. Não seria engraçado se a ilha inteira pegasse fogo? Frutas cozidas é o que teríamos para comer, além de porco queimado. E não é nada engraçado! Vocês disseram que Ralph era o chefe e não lhe deram tempo para pensar. Daí, quando ele disse uma coisa, vocês saíram correndo como, como...

Fez uma pausa para ganhar fôlego e o fogo grunhiu para eles.

— E não é tudo. Os meninos. Os pequenos. Quem tomou conta deles? Quem sabe quantos eram? Ralph, de repente, deu um passo em frente.

— Eu lhe disse. Eu lhe disse para

fazer uma lista de nomes!

— Como eu podia fazer?

Sozinho? — gritou Porquinho, indignado. — Ficaram ali uns dois minutos. Depois, caíram no mar, entraram pela floresta, espalharam-se por toda parte. Como eu podia saber quem era quem?

Ralph passou a língua pelos lábios pálidos.

— Então você não sabe quantos de nós havia?

— Como eu podia saber com os pequenos correndo em volta como insetos? Então, quando vocês três voltaram, assim que você falou da fogueira, todos

correram para longe e eu não tive chance...

— Chega! — disse Ralph, asperamente, pegando a concha de Porquinho. — Se não deu, não deu.

— ...então, viemos aqui em cima e pegaram meus óculos.

Jack virou-se para ele.

— Cale a boca!

— ...e os pequenos estavam lá por baixo, onde está pegando fogo. Como saberemos se ainda não estão lá?

Porquinho levantou-se e apontou para a fumaça e as chamas. Um murmúrio levantou-se entre os meninos e morreu. Algo estranho

estava acontecendo com Porquinho, que arquejava para respirar.

— Aquele pequeno... — balbuciou Porquinho —, aquele com o sinal no rosto, não o estou vendo. Onde está ele agora?

O grupo ficou silencioso como a morte.

— Aquele que falava de cobras. Ele estava lá embaixo...

Uma árvore explodiu no fogo como uma bomba. Altos ramos de trepadeiras surgiram à vista por um instante, agonizaram e caíram de novo. Os meninos menores gritaram.

— Cobras! Cobras! Vejam as

cobras!

No oeste, despercebido, o sol estava só a um ou dois centímetros do mar. Os rostos estavam iluminados de vermelho por uma luz que vinha de baixo. Porquinho deixou-se cair contra uma pedra e a pegou com as duas mãos.

— Aquele pequeno que tinha um sinal na... cara... onde está... agora? Eu não o estou vendo. Os meninos entreolharam-se, assustados, sem acreditar.

— ...onde está?

Ralph murmurou a resposta, como que envergonhado.

— Talvez ele tenha voltado para

O...

Sob eles, do lado inimigo da montanha, continuava o rufar de tambores.

### 3

## Cabanas na praia

Jack estava dobrado sobre si mesmo, agachado como um corredor, o nariz a poucos centímetros do chão úmido. Os troncos das árvores e as trepadeiras que os circundavam perdiam-se numa sombra verde a nove metros de altura, sobre ele, enquanto ao seu redor dominava o mato rasteiro. Ali aparecia apenas a leve pista de uma trilha: um raminho partido e o que poderia ser o sinal de uma borda de casco. Ele baixou o queixo e

ficou olhando as pegadas como que as forçando a falar. Então, imitando um cachorro, pouco à vontade de quatro, mas sem ligar para isso, avançou uns cinco metros e parou. Um laço de trepadeira mostrava uma gavinha pendente de um nódulo. A gavinha estava polida na borda inferior: os porcos, ao passarem pelo laço, raspavam nela com seu lombo hirsuto.

Jack ficou agachado, com o rosto a poucos centímetros dessa pista, depois olhou fixamente para a semiescuridão dos arbustos. Seu cabelo cor de areia, muito mais comprido do que quando haviam



chegado, estava mais claro agora. Suas costas nuas eram uma mistura de sardas escuras e pele descascada de queimaduras de sol. Na mão direita carregava um pau afiado de um metro e meio de comprimento; não tinha roupas além da esfarrapada calça curta, segura pelo cinturão da faca. Fechou os olhos, levantou a cabeça, farejou a corrente de ar quente em busca de informação. Ele e a floresta estavam muito quietos. Enfim, deixou escapar um longo suspiro e abriu os olhos. Eram de um azul brilhante — olhos que a frustração tornava faiscantes e

quase dementes. Passou a língua pelos lábios secos e examinou a floresta nada comunicativa.

Então, avançou novamente, verificando o chão aqui e ali.

O silêncio da floresta era mais opressivo que o calor e, nessa hora do dia, não havia nem o zumbido dos insetos. Só quando Jack espantou um pássaro espalhafatoso, de um primitivo ninho de raminhos, é que o silêncio se rompeu e os ecos repetiram um grito agudo que parecia ter vindo de abismos imemoriais. O próprio Jack se encolheu diante desse grito, e inspirou profundamente com um

assobio. Por um momento, deixava de ser um caçador e era uma coisa furtiva, parecida com um macaco, entre a confusão das árvores. Então, a trilha, a frustração, exigiram-no outra vez e ele passou a observar avidamente o chão. Junto a uma grande árvore onde cresciam flores pálidas num tronco cinzento, ele examinou, fechou os olhos e farejou novamente o ar cálido. Desta vez, a respiração curta, uma palidez passageira — e uma súbita onda de sangue lhe subiu ao rosto. Passou como uma sombra sob a escuridão da árvore e se agachou, olhando para o chão

pisado aos seus pés.

Os excrementos estavam quentes.

Empilhavam-se entre a terra revolvida. Eram verde-oliva, lisos e fumegavam um pouco.

Jack levantou a cabeça e fixou o olhar na massa inescrutável das trepadeiras que cruzavam a trilha.

Então, levantou a lança e correu para a frente. Além das

trepadeiras, a trilha se juntava a marcas suficientemente

numerosas e calcadas para transformar tudo num quase caminho. O chão estava

endurecido pela passagem

constante de animais e, quando

Jack se levantou totalmente, ouviu

algo se mexer ali. Levou o braço direito para trás e atirou a lança com toda a sua força. Da trilha veio o rápido e pesado soar de cascos, um som de castanholas, sedutor, enlouquecedor — a promessa de carne. Ele atravessou correndo os arbustos e pegou a lança. O trote dos porcos extinguiu-se ao longe.

Jack ficou ali, banhado em suor, sujo de terra marrom, manchado por todas as vicissitudes de um dia de caça. Xingando, voltou pela trilha e avançou até onde a floresta se abria um pouco, até onde, em vez de troncos nus encimados por copas escuras,

havia troncos cinza-claros e  
coroas emplumadas de palmas.  
Além deles, brilhava o mar, e  
Jack pôde ouvir as vozes. Ralph  
estava de pé, junto a uma  
construção de troncos e folhas de  
palmeiras, um abrigo rude de  
frente para a lagoa, que parecia  
prestes a desmoronar. Ele não  
ouviu Jack falar.

— Arranjou água?

Ralph olhou para cima, franzindo  
a testa, deixando as folhas  
entrelaçadas. Não percebeu Jack  
nem quando o viu.

— Eu perguntei se você arranhou  
água. Estou com sede.

Ralph afastou de vez a atenção do

abrigo e percebeu Jack, com um sobressalto.

— Oh, oi. Água? Lá perto da árvore. Acho que ainda há um pouco.

Jack pegou uma casca de coco cheia até a boca de água fresca, de uma série que fora colocada à sombra, e bebeu. A água derramou-se pelo seu queixo, pelo pescoço e pelo peito. Deu um suspiro barulhento quando acabou.

— Eu precisava disso.

Simon falou de dentro do abrigo.

— Mais pra cima.

Ralph virou-se para o abrigo e levantou um galho com todo um

telhado de folhas.

As folhas se separaram e caíram flutuando. A cara triste de Simon apareceu no buraco.

— Desculpe.

Ralph observou o desastre com desgosto.

— Nunca terminaremos.

Atirou-se no chão, perto de Jack. Simon ficou olhando do buraco de dentro do abrigo. Embaixo, Ralph explicou.

— Faz dias que trabalhamos. E veja!

Dois abrigos estavam de pé, mas vacilantes. Este era uma ruína.

— E continuam sumindo. Lembra-se da reunião? Como todo mundo



iria dar duro até acabar os abrigos?

— Menos eu e meus caçadores...

— Menos os caçadores. Bem, os pequenos não...

Gesticulou, buscando uma palavra.

— Não têm remédio. Os mais velhos não são muito melhores.

Você vê só? Trabalhei o dia inteiro com Simon. Mais ninguém. Foram pro mar, comer ou brincar. Simon tirou a cabeça para fora, cuidadosamente.

— Você é o chefe. Fale com eles. Ralph deitou-se e olhou para as palmeiras e o céu.

— Reuniões. Nós não adoramos

reuniões? Todo dia, duas vezes por dia. Nós falamos. — Ficou de lado, apoiado num cotovelo. — Aposto que se eu tocar a concha neste minuto, eles virão correndo. Então, você sabe, bancaremos os solenes e alguém falará que deveríamos construir um jato, um submarino ou um aparelho de televisão. Quando a reunião acabar, eles trabalharão uns cinco minutos, depois irão passear ou caçar.

Jack corou.

— Nós queremos carne.

— Bem, ainda não conseguimos. E queremos abrigos. Além disso, o resto dos seus caçadores voltou

há horas. Ficaram nadando.

— Eu continuei — disse Jack. —  
Eu os deixei ir. Eu tinha de  
continuar. Eu...

Ele tentou comunicar a compulsão  
de rastrear e matar que o estava  
devorando.

— Eu continuei. Pensei que  
sozinho...

A loucura voltou aos seus olhos.

— Eu pensei que poderia matar.

— Mas não matou.

— Pensei que poderia.

Uma paixão oculta vibrou na voz  
de Ralph.

— Mas não conseguiu ainda.

A observação poderia ter  
passado por casual, não fora o

tom.

— Você não se importaria de ajudar com os abrigos, não é?

— Nós queremos carne...

— E não conseguimos ainda.

Agora, o antagonismo era perceptível.

— Mas eu vou! Da próxima vez!

Preciso fazer uma ponta afiada nesta lança. Ferimos um porco, mas a lança não se enfiou nele. Se tivéssemos pontas bem...

— Precisamos de abrigos.

De repente, Jack gritou, furioso.

— Você está me acusando...?

— Tudo que disse é que temos um trabalho duro. É só.

Os dois estavam vermelhos e

achavam difícil entreolhar-se.

Ralph virou de bruços e começou a brincar com a grama.

— Se chover como aconteceu quando chegamos, vamos precisar de abrigos. E mais uma coisa. Precisamos de abrigos porque os...

Fez uma pequena pausa e os dois esqueceram sua raiva. Quando Ralph recomeçou, o assunto era outro, seguro.

— Você percebeu, não é?

Jack largou a lança e ficou de cócoras.

— Percebeu o quê?

— Bem, eles estão com medo.

Virou-se e fixou o rosto altivo e

sujo de Jack.

— Do jeito das coisas. Eles sonham. Você pode ouvi-los. Você já ficou acordado à noite? Jack balançou a cabeça.

— Eles falam e gritam. Os pequenos. Até alguns dos outros. Como se...

— Como se não fosse uma boa ilha.

Espantados pela interrupção, olharam para o rosto sério de Simon.

— Como se... — disse Simon —, o bicho, o bicho ou a coisa-serpente, fosse verdadeiro. Lembram-se? Os dois meninos mais velhos

sobressaltaram-se quando ouviram o nome vergonhoso. Não se falava agora de cobras, elas não eram mencionáveis.

— Como se esta não fosse uma boa ilha — disse Ralph lentamente. — Sim, é isso. Jack sentou-se e esticou as pernas.

— Eles estão malucos.

— É uma bobagem. Lembra-se de quando fomos explorar?

Sorriram um para o outro, lembrando-se do encantamento do primeiro dia. Ralph continuou.

— Então, nós precisamos de abrigos como uma espécie de...

— Lar.

— Certo.

Jack encolheu as pernas, abraçou os joelhos e franziu a testa, num esforço para conseguir clareza.

— A mesma coisa na floresta.

Quero dizer, quando você está caçando... não quando está colhendo frutos, claro, mas quando você está em seu...

Fez uma curta pausa, sem saber se Ralph iria levá-lo a sério.

— Continue.

— Quando você está caçando, às vezes você se sente como se... — Corou subitamente.

— Claro, não é nada de mais. Só um sentimento. Mas você se sente como se não estivesse caçando,



mas... sendo caçado. Como se houvesse alguma coisa atrás de você o tempo todo na floresta. Ficaram quietos de novo: Simon atento, Ralph incrédulo e levemente indignado. Sentou-se, esfregando um ombro com a mão suja.

— Bem, não sei.

Jack ficou de pé, num pulo, e falou bem depressa.

— É assim que a gente se sente na floresta. Claro, é só isso. Só... só...

Deu alguns passos rápidos para a praia, depois voltou.

— Só que eu sei como se sentem. Entendeu? É isso.

— A melhor coisa que podemos fazer é que nos venham buscar. Jack teve de pensar um momento antes de se lembrar sobre qual busca Ralph falara.

— Buscar? Oh, sim, é claro! De qualquer forma, gostaria de pegar um porco antes... — Recolheu a lança e a fincou no chão. O olhar opaco e transtornado voltou aos seus olhos. Ralph encarou-o criticamente através de sua franja de cabelo louro.

— Enquanto seus caçadores se lembrarem da fogueira...

— Você e sua fogueira!

Os dois meninos correram para a praia e, de costas para a beira do

mar, olharam para a montanha rosada. O fio de fumaça traçava uma linha de giz que subia pelo azul sólido do céu, oscilava nas alturas e desaparecia. Ralph franziu a testa.

— De que distância se poderá ver isso?

— Quilômetros.

— Não fizemos fumaça suficiente.

A parte inferior do fio, como que ciente de estar sendo observada, engrossou num borrão cremoso, que subia pela débil coluna.

— Eles colocaram ramos verdes

— resmungou Ralph. — Por quê?

— Apertou os olhos e foi

girando, para examinar o horizonte.

— Ali!

Jack gritou tão alto que Ralph pulou.

— Quê?! Onde? É um navio?

Mas Jack estava apontando para os altos declives que desciam da montanha para a parte plana da ilha.

— Mas claro! Eles ficam ali em cima, devem ficar, quando o sol está quente demais...

Ralph fixou assombrado o rosto arrebatado de Jack.

— ...sobem lá em cima. Bem alto, na sombra, descansando durante o calor, como vacas no campo...

— Pensei que você tinha visto um navio!

— Podemos seguir um... pintar as caras para que não nos vejam... talvez cercá-los e então...

A indignação acabou com o controle de Ralph.

— Eu estava falando de fumaça! Você não quer ser salvo? Tudo que sabe falar é sobre porco, porco, porco!

— Mas nós queremos carne!

— E eu trabalhei o dia inteiro só com Simon, para você chegar e nem perceber as cabanas!

— Eu também estava trabalhando...

— Mas você gosta disso! —

gritou Ralph. — Você queria caçar! Enquanto eu...

Defrontaram-se na praia brilhante, espantados com aquele choque de personalidades. Ralph afastou os olhos primeiro, fingindo estar interessado num grupo de pequenos na areia. Além da plataforma, vinham os gritos dos caçadores na “piscina”. Na ponta da plataforma, Porquinho estava deitado, olhando para a água brilhante.

— As pessoas não ajudam muito. Ralph queria dizer que as pessoas nunca eram bem o que se pensava delas.

— Simon. Ele ajuda. — Apontou

para os abrigos.

— Os outros saíram correndo.

Ele fez tanto quanto eu. Só...

— Simon está sempre disposto.

Ralph dirigiu-se para as cabanas,  
ao lado de Jack.

— Ajudarei um pouco —  
resmungou Jack —, antes de  
tomar banho.

— Não precisa.

Mas quando chegaram aos  
abrigos, Simon não estava à vista.  
Ralph olhou pelo buraco e depois  
virou-se para Jack.

— Ele se mandou.

— Vou comer alguma coisa —  
disse Jack —, e tomar banho.  
Ralph franziu a testa.

— Ele é um menino estranho. E engraçado.

Jack confirmou, mais pelo desejo de concordar com alguma coisa e, por consentimento tácito, afastaram-se do abrigo e foram para a “piscina”.

— E depois — disse Jack —, quando eu tiver tomado banho e comido algo, irei até o outro lado da montanha, para ver se consigo descobrir alguma pista. Vem?

— Mas o sol está quase se pondo!

— Terei tempo...

Andavam juntos: dois mundos de experiências e sentimentos, incapazes de se comunicar.



— Se eu pelo menos pegasse um porco!

— Vou voltar e continuar a fazer o abrigo.

Entreolharam-se, desconcertados, com amor e ódio. Toda a quente água salgada da “piscina”, os gritos, os risos e as esguichadas de água foram apenas suficientes para uni-los novamente.

Simon, que eles esperavam encontrar ali, não estava na “piscina”.

Quando os outros dois haviam corrido para a praia a fim de olhar a montanha, ele os seguira por uns poucos metros, mas logo

parou. Com a testa franzida, ficara de pé, olhando para um monte de areia na praia, onde alguém tentara construir uma casinha, uma cabana. Então, virou as costas e entrou na floresta, com ar decidido. Era um menino baixo e magro, com queixo pontudo e olhos tão brilhantes que haviam enganado Ralph, fazendo-o acreditar que fosse alguém deliciosamente alegre e travesso. O desgrehado monte de cabelo preto era comprido e caía, quase escondendo uma testa larga e baixa. Vestia os restos de uma calça curta e seus pés estavam nus como os de Jack. Quase

moreno de cor, Simon se queimara até ficar de um bronzeado escuro, que brilhava com o suor.

Avançou escarpa acima, passou pela grande rocha onde Ralph subira na primeira manhã; depois, virou para a direita, internando-se pelas árvores. Andava com passo seguro através da área de árvores frutíferas, onde os mais acomodados podiam encontrar alimentação fácil, embora insatisfatória. Flores e frutos cresciam juntos na mesma árvore e, por toda parte, havia o cheiro de coisas maduras e o zumbido de um milhão de abelhas. Os

pequenos que haviam corrido atrás dele alcançaram-no ali. Conversaram, gritaram coisas confusas, empurraram-no para as árvores. Então, entre o barulho das abelhas ao sol da tarde, Simon pegou os frutos que eles não conseguiam alcançar, descobriu os melhores por entre a folhagem, passou-os para as mãos infinitamente estendidas. Quando os satisfez, fez uma pausa e olhou em torno. Os pequenos observavam-no inescrutavelmente por entre punhados duplos de frutas maduras.

Simon virou-se e se afastou, indo até onde o levou o caminho

menos perceptível. Logo a floresta virgem fechou-se. Altos troncos mostravam inesperadas flores pálidas até a abóbada escura, onde a vida continuava o seu clamor. O ar também era escuro ali e as trepadeiras deixavam cair suas lianas como o cordame de navios afundados. Os pés de Simon deixavam marcas no chão macio e as trepadeiras, quando ele as tocava, tremiam de cima abaixo.

Afinal, chegou a um lugar onde batia mais sol. Sem precisar alcançar mais longe em busca de luz, as trepadeiras formavam um grande tapete que ficava do lado

de uma clareira na mata. Ali, um afloramento da rocha fechava a superfície e não permitia que nada mais crescesse, além de pequenas plantas e samambaias. Todo o espaço era cercado por arbustos escuros e aromáticos: era como se fosse um recipiente cheio de luz e calor. Uma grande árvore tombada num canto inclinava-se contra as ainda eretas e uma ágil trepadeira distribuía flores vermelhas e amarelas até sua copa.

Simon parou. Olhou por sobre o ombro, como Jack fizera nos caminhos que se fechavam por trás dele, e deu uma olhada

rápida em volta para confirmar que estava completamente só. Por um instante, seus movimentos foram quase furtivos. Então, inclinou-se e rastejou para o centro do tapete. As trepadeiras e os arbustos estavam tão cerrados — seu suor ficou neles — que se fecharam após sua passagem. Quando ficou a salvo no meio, encontrou-se numa pequena cabana, separada da clareira por poucas folhas. Agachou-se, afastou as folhas e olhou para a clareira. Nada se movia a não ser um par de irisadas borboletas que dançava em círculos no ar cálido. Prendendo a respiração, ficou

atento aos sons da ilha. A noite avançava; rareavam os sons dos fantásticos pássaros brilhantes, os zumbidos das abelhas, e até os gritos das gaivotas que voltavam aos seus abrigos entre as pedras quadradas. As ondas do mar aberto quebrando-se, a quilômetros de distância, no recife, faziam um acompanhamento menos perceptível que o sussurro do sangue.

Simon deixou cair a cortina de folhas. A inclinação das franjas da luz cor de mel diminuiu; o sol deslizou pelos arbustos, passou sobre os botões semelhantes a



velas verdes, moveu-se rumo à abóbada e, sob as árvores, a escuridão se acentuou. Com a diminuição da luz, as cores berrantes amorteceram e o calor e a premência se reduziram. Os botões-velas se mexeram. Suas sépalas verdes abriram-se um pouco e as pontas brancas das flores subiram delicadamente ao encontro do ar livre.

Agora, a luz do sol subira, abandonando a clareira, retirando-se do céu. A escuridão dominava, submergindo os caminhos entre as árvores, tornando-os vagos e estranhos como o fundo do mar. Os botões-

velas abriram suas grandes flores  
brancas que brilharam sob a luz  
que caía, imprecisa, das  
primeiras estrelas. E o cheiro  
espalhou-se pelo ar e tomou  
posse da ilha.

## 4

# **Caras pintadas e cabelos compridos**

O primeiro ritmo a que se acostumaram foi a lenta passagem da alvorada ao rápido crepúsculo. Aceitaram os prazeres da manhã, o sol brilhante, o mar que subia pela praia e o ar leve, como um período em que brincar era ótimo e a vida tão cheia que a esperança era desnecessária e até esquecida. Por volta do meio-dia, à medida que torrentes de luz caíam perpendicularmente, as

cores puras da manhã eram suavizadas com tons de pérola e opalinos. O calor — como que impelido pelo peso ameaçador do sol — tornava-se um golpe a que eles se esquivavam, correndo para a sombra e ficando ali deitados, até dormindo, talvez. Coisas estranhas aconteciam ao meio-dia. O mar cintilante subia, separava-se em planos ruidosos de mistério. O recife de coral e as poucas e raquíticas palmeiras que ficavam nas partes mais altas flutuavam no céu, tremulavam, desarraigavam-se, corriam como gotas de chuva sobre um fio ou se repetiam numa insólita sucessão

de espelhos. Às vezes, surgia terra onde não havia terra, irrompendo ante os olhos dos meninos como uma bolha de ar. Porquinho descartava tudo isso, falando doutoralmente sobre “miragens”; como nenhum menino podia chegar nem mesmo até o Recife, à faixa de água onde esperavam tubarões vorazes, eles se acostumaram com esses mistérios e os ignoravam, da mesma forma que ignoravam as milagrosas e palpitantes estrelas. Ao meio-dia, as ilusões se fundiam no céu e então o sol espiava para baixo como um olho irado. Contudo, no fim da tarde,

as miragens desapareciam e o horizonte tornava-se mais nivelado, azul e nítido, à medida que o sol declinava. Era outro período de frescor relativo, embora ameaçado pela chegada da escuridão. Quando o sol se punha, as trevas caíam sobre a ilha como uma mortalha e logo os abrigos ficavam cheios de inquietação, sob as remotas estrelas.

Entretanto, a tradição norteeuropeia de trabalho, diversão e refeições a determinadas horas do dia não permitia que se ajustassem completamente a esse novo ritmo. O pequeno Percival,

no começo, enfiara-se num abrigo, ficando ali durante dois dias, falando, cantando e chorando. Pensaram que ele estava maluco, o que era meio engraçado. Desde então, era doentio, vivia de olhos vermelhos e sentia-se miserável: um menininho que brincava pouco e chorava muito.

Os meninos menores eram conhecidos pelo nome genérico de “pequenos”. A escadinha do tamanho, de Ralph para baixo, era gradativa; embora houvesse uma região duvidosa habitada por Simon, Robert e Maurice, ninguém tinha qualquer

dificuldade em reconhecer os grandes numa ponta e os pequenos na outra. Os indiscutivelmente pequenos, aqueles com cerca de seis anos, levavam uma vida própria bem diferente e, ao mesmo tempo, bem intensa. Comiam a maior parte do dia, pegando frutas onde as conseguiam alcançar e não ligavam muito para sua maturação ou qualidade. Agora estavam acostumados com dores de estômago e uma espécie de diarreia crônica. Sofriam horrores indizíveis no escuro e ficavam juntos para se consolar mutuamente. Além da comida e



do sono, achavam tempo para brincar à vontade na areia branca à beira da água brilhante.

Choravam com muito menos frequência por suas mães do que se poderia esperar; estavam bem queimados e terrivelmente sujos. Obedeciam às convocações da concha, em parte porque Ralph as fazia e era suficientemente grande para ser um elo com o mundo adulto da autoridade, e em parte porque gostavam da diversão que representava uma reunião. A não ser isso, raramente se incomodavam com os grandes e sua vida apaixonadamente emocional e associativa era bem

própria deles.

Construíram castelos na areia, na margem do riacho. Esses castelos tinham uns trinta centímetros de altura e eram decorados com conchas, flores murchas e pedras escolhidas. Em volta dos castelos havia um complexo de marcos, caminhos, muralhas e estradas de ferro que só tinham significado se examinados ao nível da praia. Os pequenos brincavam aí. Se não estavam felizes, pelo menos sua atenção se absorvia.

Frequentemente, pelo menos três deles brincavam da mesma coisa, ao mesmo tempo.

Estavam brincando agora —

Henry era o maior deles. Também era parente distante de outro menino, aquele — o de sinal rubro no rosto — que nunca mais fora visto desde a noite da grande fogueira; mas Henry não tinha idade bastante para entender isso e, se lhe dissessem que o outro menino tinha ido para casa num avião, aceitaria o fato sem alvoroço e sem dúvidas.

Henry era uma espécie de líder nessa tarde, pois os outros dois eram Percival e Johnny, os menores meninos da ilha.

Percival era terroso e nem sua mãe poderia achar que fosse muito atraente; Johnny era forte,

de cabelo louro e beligerância inata. Só estava sendo obediente agora porque estava interessado. Os três meninos, ajoelhados na areia, estavam em paz.

Roger e Maurice saíram da floresta. Haviam sido substituídos no trabalho da fogueira e desceram para tomar banho de mar. Roger avançou diretamente sobre os castelos, chutando-os, enterrando as flores, espalhando as pedras escolhidas. Maurice seguiu-o, rindo, e ajudou na destruição. Os três pequenos pararam de brincar e ficaram olhando. Até então, os marcos particulares em que estavam

interessados não haviam sido tocados, portanto não protestaram. Só Percival começou a choramingar, com um olho cheio de areia, e Maurice saiu correndo. Na sua vida anterior, Maurice fora castigado por encher de areia o olho de um menino menor. Embora ali não houvesse um pai para acertar-lhe uma mão pesada, Maurice ainda sentia uma sensação de malfeito. Na sua mente esboçaram-se as linhas de uma desculpa. Resmungou algo sobre nadar e partiu na corrida. Roger ficou, olhando os menores. Não estava muito mais escuro do

que quando chegara, mas o monte de cabelo preto que caía sobre a nuca e a testa parecia combinar com sua face sombria e tornava repulsivo algo naquele rosto que, à primeira vista, parecia deixar transparecer apenas um isolamento insociável. Percival parou de choramingar e voltou a brincar, pois as lágrimas haviam limpado a areia. Johnny olhou-o com olhos azul-porcelana.

Depois, começou a jogar areia para cima, fazendo uma chuva, e Percival começou a chorar outra vez.

Quando Henry se cansou do brinquedo e se pôs a andar pela

praia, Roger seguiu-o, permanecendo atrás das palmeiras, vagando casualmente na mesma direção. Henry andava a certa distância das palmeiras e da sombra, porque era pequeno demais para se preocupar com o sol. Avançou praia abaixo e se entreteve à beira da água. A grande maré do Pacífico estava subindo e a cada poucos segundos a água relativamente parada da lagoa subia um centímetro. Havia criaturas que viviam nessa última arremetida do mar, minúsculas transparências que saíam da água para vasculhar a areia quente e seca. Com impalpáveis órgãos

sensoriais, examinavam esse novo campo. Talvez houvesse surgido comida onde não houvera nada na última incursão; excrementos de pássaros, insetos talvez, qualquer dos demais espalhados da vida terrestre. Como uma miríade de brancos dentes numa serra, as transparências recolhiam o lixo da praia.

Isso era fascinante para Henry. Cavoucou por ali com uma varinha que era levada de um lado para outro pelas ondas, desbotada e gasta, tentando controlar os movimentos dos limpadores da praia. Traçava



pequenos arroios que a maré enchia e tentava povoá-los com as criaturas. Tornou-se absorvido além da mera felicidade, à medida que se sentia dominando coisas vivas. Falava com elas, estimulava-as, ordenava-as. A maré o fazia retroceder e suas pegadas tornavam-se baías onde as criaturas ficavam aprisionadas, o que lhe dava a ilusão da soberania. Agachou-se à beira do mar, inclinou a cabeça e um punhado de cabelo caiu-lhe sobre a testa, passando dos olhos. O sol da tarde disparava flechas invisíveis.

Roger também esperava. Primeiro

escondera-se atrás de um grande tronco de palmeira, mas o interesse de Henry pelas transparências era tão óbvio que ele acabou saindo do esconderijo. Deu uma olhada pela praia. Percival fora embora, chorando, e Johnny ficara na posse triunfante dos castelos. Sentou-se ali, cantarolando para si mesmo e jogando areia num imaginário Percival. Além dele, Roger via a plataforma e as cintilações da água espadanada por Ralph, Simon, Porquinho e Maurice, que mergulhavam na piscina. Prestou atenção cuidadosamente, mas não distinguiu o que falavam.

Um vento súbito balançou as franjas das palmeiras, e as frondes mexeram-se e se agitaram. A 15 metros acima de Roger, um cacho de cocos, massas fibrosas grandes como bolas de rúgbi, soltaram-se de seus talos. Caíram na direção do menino com uma série de duros golpes, embora nenhum chegasse a atingi-lo. Roger não pensou em sair correndo, só olhou dos cocos para Henry e novamente para os cocos.

O solo sob as palmeiras era uma praia alta; gerações de palmeiras haviam trabalhado para suavizar as pedras que caíram nas areias

de outra praia. Roger agachou-se, pegou uma pedra, mirou e a jogou em Henry — mas não para acertar. A pedra, uma relíquia de outros tempos, passou a uns cinco metros à direita de Henry e caiu na água. Roger pegou um punhado de pedras e começou a atirá-las. Mas havia um espaço ao redor de Henry, talvez com uns seis metros de diâmetro, em que ele não ousava acertar. Aí, invisível mas poderoso, surgia o tabu da vida antiga. Em volta do menino ajoelhado, havia a proteção dos pais, da escola, da polícia e da lei. O braço de Roger era condicionado por uma civilização

que nada sabia dele e estava em ruínas. Henry espantou-se com os chapas na água, largou as transparências silenciosas e esticou a cabeça para o núcleo dos anéis concêntricos, como um cão de caça. As pedras caíam de um lado e do outro; Henry virava-se obedientemente, mas sempre tarde demais para ver as pedras no ar. Por fim, viu uma e riu, procurando o amigo que o estava provocando. Mas Roger escondera-se atrás do tronco da palmeira e se encostara a ele, respirando em ritmo acelerado, com os olhos piscando. Então, Henry perdeu o interesse nas

pedras e foi embora.

— Roger.

Jack estava de pé, sob uma árvore, a uns dez metros dali.

Quando Roger abriu os olhos e o viu, uma sombra mais escura pareceu estender-se sob sua pele bronzeada. Mas Jack não percebera nada. Estava ansioso, impaciente, fazendo gestos. Roger foi até ele.

Havia um tanque no fim do rio, um pouco de água represada por um banco de areia, com brancos lírios de água e juncos semelhantes a agulhas. Ali esperavam Bill, Sam e Eric. Jack, protegendo-se do sol, ajoelhou-se

à beira do tanque e abriu as duas grandes folhas que carregava.

Uma delas continha argila branca, a outra, vermelha. Ao lado, havia uma varinha carbonizada trazida da fogueira.

Jack explicou a Roger, enquanto trabalhava.

— Eles não me cheiram. Acho que me veem. Algo rosado sob as árvores.

Lambuzou-se com a argila.

— Se eu tivesse um pouco de verde!

Virou uma cara meio oculta para Roger e respondeu ao olhar interrogativo.

— Para caçar. Como na guerra.

Você sabe... pintura de camuflagem. Como as coisas que querem parecer outras...

Agitou-se, na vontade de se comunicar.

— ...como mariposas num tronco de árvore...

Roger compreendeu e assentiu, gravemente. Os gêmeos andaram até Jack e começaram a protestar timidamente sobre alguma coisa. Jack fez um gesto dominador.

— Calem-se.

Esfregou a vara carbonizada entre as manchas de vermelho e branco que fizera no rosto.

— Não, vocês dois virão comigo. Deu uma olhada na sua imagem



refletida e não gostou do que viu. Inclinou-se, pegou um duplo punhado de água morna e limpou a sujeira do rosto. Surgiram sardas e sobrancelhas claras. Roger sorriu, de má vontade. — Você não parece muito pintado.

Jack planejou sua nova cara. Pintou de branco uma face e um círculo em volta de um olho. Depois, esfregou vermelho na outra metade da cara e traçou uma lista preta de carvão obliquamente, da orelha direita até a parte esquerda da mandíbula. Olhou para o reflexo no tanque, mas sua respiração

turvou o espelho.

— Sameeric. Me arranjem um coco. Vazio.

Ajoelhou-se, segurando a concha de água. Uma mancha circular de sol atingiu seu rosto e uma imagem brilhante surgiu nas profundezas da água. Olhou espantado, não mais para si, porém para um estranho terrível. Derramou a água e se levantou de um salto, excitado, rindo. Junto ao tanque, seu corpo musculoso ostentava uma máscara que atraía os olhos dos outros e os atemorizava. Começou a dançar e sua risada se tornou um grunhido sedento de sangue. Brincou que

investia contra Bill e a máscara tornou-se algo independente, atrás da qual Jack se escondia, livre da vergonha e da consciência de si próprio. A cara vermelha, branca e preta agitava-se no ar e dançava na direção de Bill. Este se levantou, rindo; de repente, ficou quieto e, aos tropeções, se internou pelos arbustos.

Jack investiu na direção dos gêmeos.

— O resto em fila. Vamos!

— Mas...

— ...nós...

— Vamos! Vou rastejar e acertar...

Foram impelidos pela máscara.

Ralph saiu da “piscina” e correu praia acima. Sentou-se sob as palmeiras, à sombra. Seu cabelo louro estava colado sobre as sobrancelhas e puxou-o para trás. Simon boiava na água, batendo os pés. Maurice treinava mergulho. Porquinho ia, de um lado para outro, sem rumo, pegando coisas a esmo e jogando fora. Os tanques entre as rochas, que o fascinavam tanto, estavam cobertos pela maré, e ele não se interessava por nada até a maré baixar. Agora, vendo Ralph sob as palmeiras, andou até ele e se sentou. Porquinho usava os restos de uma calça curta, o corpo gordo

ganhara um bronzeado dourado, os óculos ainda brilhavam quando fixava alguma coisa. Era o único menino na ilha cujo cabelo nunca parecia crescer. Os outros estavam desgrenhados, mas o cabelo de Porquinho ainda ficava em mechas sobre a cabeça, como se a calvície fosse seu estado natural e essa cobertura imperfeita logo devesse sumir, como o veludo nos chifres de um cervo jovem.

— Estive pensando num relógio

— disse. — Poderíamos fazer um de sol. Poríamos uma vara na areia, então...

O esforço para expressar os

processos matemáticos  
envolvidos era grande demais.  
Em vez disso, fez alguns gestos.  
— E um avião, uma televisão —  
disse Ralph, irônico. — E uma  
máquina a vapor.

Porquinho sacudiu a cabeça.  
— É preciso um monte de coisas  
de metal para isso — disse —, e  
não temos metal. Mas varas nós  
temos.

Ralph virou-se e sorriu  
involuntariamente. Porquinho era  
um chato, sua gordura, sua asma e  
suas ideias vulgares eram uma  
chatura. Mas sempre havia um  
pequeno prazer em zombar dele,  
mesmo que de modo accidental.

Porquinho viu o sorriso e o interpretou erradamente como mostra de amizade. Os grandes haviam chegado à opinião tácita de que Porquinho era um estranho, não só pelo sotaque, o que realmente não tinha importância, mas também pela gordura, pela asma, os óculos e uma certa aversão pelo trabalho manual. Agora, pensando que algo do que dissera fora a razão do sorriso de Ralph, entusiasmou-se e aproveitou a vantagem.

— Temos um monte de varas. Cada um de nós pode ter um relógio de sol. Então saberemos as horas.

— O que iria ser ótimo para nada.

— Você disse que queria que fizéssemos coisas. Para que pudessem vir nos buscar.

— Oh, cale-se.

Ficou de pé num salto e correu de volta para a “piscina”, bem quando Maurice deu um mergulho sofrível. Ralph ficou contente com a chance de mudar de assunto. Gritou, quando Maurice voltou à superfície.

— Barrigada! Barrigada!

Maurice sorriu para Ralph, que entrou facilmente na água. De todos os meninos, era o mais à vontade ali; mas hoje, chateado



pela menção da salvação, a inútil e rasteira menção do resgate, até as verdes profundezas da água e o estilhaçado sol dourado não traziam consolo. Ao invés de ficar e brincar, nadou com firmes braçadas por sob Simon e nadou de peito até a outra ponta da “piscina”, para ficar ali, macio e lustroso como uma foca.

Porquinho, sempre de cara amarrada, levantou-se e veio para o seu lado, ao que Ralph virou-se de bruços e fingiu não ver ninguém. As miragens haviam sumido e ele passou sombriamente o olhar pela tensa linha do horizonte.

No instante seguinte, estava de pé, gritando.

— Fumaça! Fumaça!

Simon tentou sentar-se na “piscina” e ficou com a boca cheia de água. Maurice, que estava de pé, pronto para mergulhar, girou nos calcanhares, deu um pulo para a plataforma, depois voltou para a grama sob as palmeiras. Ali, começou a vestir sua calça curta esfarrapada, para estar pronto para o que desse e viesse.

Ralph ficou de pé, uma mão puxando o cabelo, a outra cerrada. Simon estava saindo da água. Porquinho esfregava os

óculos na calça e piscava para o mar, Maurice enfiou as duas pernas numa das pernas da calça: entre todos, só Ralph estava tranquilo.

— Não consigo ver a fumaça — disse Porquinho, mal acreditando.

— Não consigo ver, Ralph, onde está?

Ralph não disse nada. Agora, os dois punhos estavam cerrados junto à testa, de modo que o cabelo louro não lhe chegava aos olhos. Estava inclinado para a frente e o sal já estava embranquecendo seu corpo.

— Ralph, onde está o navio?

Simon ficou ali, olhando de Ralph

para o horizonte. A calça de Maurice cedeu com um suspiro e ele a abandonou como um farrapo, correu para a floresta, mas voltou logo.

A fumaça era um pequeno nó apertado no horizonte, desenrolando-se lentamente. Sob a fumaça havia um ponto que poderia ser uma chaminé. O rosto de Ralph estava pálido, quando ele falou consigo mesmo.

— Eles verão nossa fumaça.

Agora Porquinho estava olhando na direção certa.

— Não parece grande coisa.

Virou-se e olhou para a montanha. Ralph continuou a seguir o navio,

avidamente. A cor voltara ao seu rosto. Simon estava ao seu lado, silencioso.

— Sei que não enxergo muito bem — disse Porquinho —, mas nós estamos fazendo alguma fumaça?

Ralph mexeu-se, impaciente, ainda fixando o navio.

— A fumaça lá na montanha.

Maurice veio correndo e ficou olhando o mar. Simon e Porquinho estavam olhando para cima, para a montanha. Porquinho enrugou o rosto, mas Simon gritou como se estivesse ferido.

— Ralph! Ralph!

A urgência do grito fez Ralph

mexer-se na areia.

— Digam-me — disse Porquinho ansiosamente. — Há algum sinal? Ralph olhou para a fumaça que se dissipava no horizonte, depois para a montanha.

— Ralph, por favor. Há um sinal? Simon esticou a mão, timidamente, para tocar Ralph, mas este começou a correr, jogando água pela parte rasa da “piscina”, seguiu pela branca e quente areia, enfiou-se sob as palmeiras. Um momento depois, estava lutando com o mato emaranhado que já dominava a escarpa. Simon correu atrás dele, depois Maurice. Porquinho

gritava.

— Ralph! Por favor, Ralph!

Então, começou a correr também, tropeçando na calça abandonada por Maurice, antes de chegar ao terraço. Por trás dos quatro meninos, a fumaça movia-se suavemente pelo horizonte. Na praia, Henry e Johnny jogavam areia em Percival que chorava baixinho outra vez. Os três ignoravam completamente toda aquela agitação.

Quando chegou ao extremo interior da escarpa, Ralph usou uma preciosa parcela de fôlego para xingar. Enfiou o corpo nu com tal violência desesperada

por entre as ásperas trepadeiras, que logo o sangue escorreu por sua pele. Parou exatamente onde começava a íngreme subida da montanha. Maurice estava a uns poucos metros dele.

— Os óculos de Porquinho! — gritou Ralph. — Se a fogueira estiver apagada realmente, precisaremos deles...

Parou de gritar e esticou-se todo no chão. Porquinho mal estava visível, avançando pesadamente praia acima. Ralph olhou para o horizonte, depois para a montanha. O que seria melhor: pegar os óculos de Porquinho ou deixar o navio ir embora? E se



subissem, e se a fogueira estivesse apagada, e tivessem de ver Porquinho ir chegando aos poucos e o navio sumindo no horizonte? No auge de toda aquela necessidade, agoniado pela indecisão, Ralph gritou: — Meu Deus! Meu Deus!

Simon, lutando com os arbustos, prendeu a respiração. Seu rosto estava retorcido. E enquanto a coluna de fumaça continuava a mover-se no horizonte, Ralph corria doidamente, furioso consigo mesmo.

A fogueira estava morta. Perceberam isso imediatamente; viram o que realmente já sabiam

lá na praia, quando surgira a fumaça do mundo familiar. A fogueira estava apagada, sem fumaça, morta. Os vigias haviam sumido. Ao lado, pronta para ser usada, uma pilha de lenha inútil. Ralph virou-se para o mar. O horizonte se estendia, novamente impessoal, sem o menor indício de fumaça. Ralph correu, tropeçando pelas pedras, parou na ponta do cume rosado, gritando para o navio.

— Volte! Volte!

Correu para a frente e para trás no cume, o rosto sempre voltado para o mar, erguendo a voz como louco.

— Volte! Volte!

Simon e Maurice chegaram.

Ralph procurou no seu íntimo a pior palavra que soubesse.

— Deixaram a maldita fogueira apagar!

Olhou para o lado inimigo da montanha. Porquinho chegou, sem fôlego, lamuriendo como um dos pequenos. Ralph cerrou o punho e ficou muito vermelho. A intensidade do seu olhar, a amargura da sua voz falavam por ele.

— Estão lá.

Uma procissão surgiu, lá longe, entre as pedras rosadas que ficavam perto da beira da água.

Alguns dos meninos usavam bonés pretos, mas outros estavam quase nus. Jogavam paus para o ar, sempre que podiam andar com mais facilidade. Cantavam algo que tinha a ver com o fardo que os gêmeos carregavam tão cuidadosamente. Ralph distinguiu Jack com facilidade, mesmo àquela distância, alto, ruivo e inevitavelmente liderando a procissão.

Simon olhou então, de Ralph para Jack, como olhara de Ralph para o horizonte, e o que viu parecia meter-lhe medo. Ralph não disse mais nada, só esperou a procissão chegar mais perto. O canto era

audível, mas, àquela distância, ainda indistinto. Atrás de Jack vinham os gêmeos, carregando uma grande vara nos ombros. A carcaça destripada de um porco balançava na vara, sacudindo-se pesadamente à medida que os gêmeos subiam pelo chão irregular. A cabeça do porco pendia do pescoço aberto e parecia procurar algo no solo. Enfim, as palavras do canto flutuaram até eles, através daquilo que parecia uma bacia de madeira enegrecida e cinzas.

— Matem o porco! Cortem a garganta! Tirem o sangue!

Agora já se distinguiam as

palavras: a procissão chegara à parte mais íngreme da montanha e, num minuto ou dois, o canto acabou. Porquinho lastimou-se e Simon fez com que se calasse rapidamente, como se o outro tivesse falado alto demais na igreja.

Jack, com o rosto manchado de argila, atingiu o cume primeiro e saudou Ralph excitadamente, com a lança levantada.

— Veja! Matamos um porco... subimos, sem fazer barulho, atrás deles... fizemos um círculo... Vozes irromperam, dentre os caçadores.

— Fizemos um círculo...

— Rastejamos...

— O porco guinchou...

Os gêmeos ficaram de pé, com o porco entre eles, sacudindo e derramando gotas negras na pedra. Os dois pareciam compartilhar o mesmo amplo e estático sorriso. Jack tinha coisas demais para contar a Ralph, ao mesmo tempo. Em vez disso, deu um ou dois passos de dança, depois se lembrou da sua dignidade e ficou ali, sorrindo. Percebeu a sujeira nas mãos e fez uma careta de nojo, procurando alguma coisa com que se limpar, depois esfregou-as na calça e riu. Ralph falou.

— Você deixou a fogueira apagar.

Jack deu uma olhada, vagamente irritado pela observação irrelevante, mas feliz demais para se deixar atingir por uma coisa assim.

— Podemos acender a fogueira outra vez. Você deveria ter ido com a gente, Ralph. Foi sensacional. Os gêmeos derrubaram...

— Acertamos o porco...

— ...eu caí em cima...

— E cortei a garganta do porco

— disse Jack, orgulhoso, embora agitando-se nervosamente ao dizer isso. — Você me empresta



sua faca para fazer um talho no cabo da minha?

Os meninos tagarelavam e dançavam. Os gêmeos continuavam sorrindo.

— Houve ondas de sangue — disse Jack, rindo e estremecendo.

— Você deveria ter vindo!

— Iremos caçar todo dia...

Ralph falou de novo, roucamente. Não se mexera.

— Você deixou a fogueira apagar.

A repetição deixou Jack contrafeito. Olhou para os gêmeos e depois para Ralph.

— Precisávamos deles na caçada — disse —, ou não haveria gente

suficiente para o cerco.

Corou, consciente de um erro.

— A fogueira só ficou apagada por uma hora ou duas. Podemos acendê-la de novo...

Percebeu então a nudez cheia de lanhos de Ralph e o severo silêncio dos quatro. Procurou, generoso na sua felicidade, incluí-los no que havia acontecido. Sua mente estava povoada de lembranças: lembranças da tomada de consciência, quando fecharam o cerco sobre o porco que se debatia, o conhecimento de que haviam vencido uma coisa viva, imposto sua vontade a ela, tirado

sua vida como que sorvendo longamente uma bebida deliciosa. Abriu os braços.

— Você devia ter visto o sangue! Agora, os caçadores estavam mais quietos, mas ao ouvirem isso, começaram a fazer barulho de novo. Ralph puxou o cabelo para trás. Sua voz saiu alta e selvagem, reduzindo-os ao silêncio.

— Apareceu um navio. Jack, diante de implicações demais ao mesmo tempo, todas terríveis demais, afastou-se deles. Pôs uma das mãos no porco e tirou a faca. Ralph abaixou o braço, de punho cerrado, e falou.

— Apareceu um navio. Lá longe.  
Você disse que a fogueira seria  
vigiada e a deixou apagar! —  
Deu um passo na direção de Jack,  
que se virou e ficou olhando.

— Poderiam ter visto a gente.  
Poderíamos ter ido para casa...  
Isso foi amargo demais para  
Porquinho, que perdeu a timidez  
na agonia da perda. Começou a  
gritar, agudamente.

— Você e seu sangue, Jack  
Merridew! Você e sua caça!  
Poderíamos ter ido para casa...  
Ralph empurrou Porquinho para o  
lado.

— Eu era o chefe e você iria  
fazer o que eu dissesse. Você

falou. Mas você nem pôde  
construir cabanas, então, foi caçar  
e deixou a fogueira apagar...

Virou-se, na pausa do silêncio.

Então, sua voz irrompeu de novo,  
num clímax de exasperação.

— Apareceu um navio...

Um dos caçadores menores  
começou a chorar. A triste  
verdade estava penetrando em  
todos. Jack ficou muito vermelho,  
enquanto golpeava e dilacerava o  
porco.

— O trabalho era muito.

Precisávamos de todo mundo.

Ralph virou-se.

— Você poderia ficar com todo  
mundo quando os abrigos

estivessem prontos. Mas tinha de caçar...

— Precisávamos de carne.

Jack ficou de pé, a faca ensanguentada na mão. Os dois se defrontaram. Ali estava o mundo brilhante da caça, táticas, regozijo feroz, habilidade. E ali estava o mundo da saudade e do senso comum frustrado. Jack passou a faca para a mão esquerda e encheu a testa de sangue, ao passar a mão pelo cabelo emplastrado.

Porquinho começou de novo.

— Você não deveria ter deixado a fogueira apagar. Você disse que a fumaça continuaria...

Isso, vindo de Porquinho, mais os lamentos de apoio dados por alguns dos caçadores, levou Jack à violência. O olhar desvairado chegou aos olhos azuis. Deu um passo e, finalmente, podendo atingir alguém, largou o punho na barriga de Porquinho. Porquinho caiu sentado, com um grunhido. Jack ficou de pé, olhando-o. Sua voz saiu distorcida pela humilhação.

— É isso? Era isso que você estava querendo, não é?

Gorducho!

Ralph avançou um passo e Jack deu um safanão na cabeça de Porquinho. Os óculos de

Porquinho voaram e tiniram nas pedras. Porquinho gritou, aterrorizado.

— Meus óculos!

Precipitou-se, rastejando e tateando pelas pedras, mas Simon chegou primeiro, descobriu os óculos para ele. As paixões adejavam sobre Simon com asas medonhas, naquele cume de montanha.

— Uma lente está quebrada.

Porquinho pegou os óculos e os colocou. Olhou malevolamente para Jack.

— Eu preciso de óculos. Agora só tenho uma vista. Você vai ver...



Jack fez um gesto na direção de Porquinho, que fugiu tropeçando até que uma pedra grande ficasse entre eles. Esticou a cabeça por cima da pedra e olhou Jack pela sua única lente faiscante.

— Agora só tenho um olho. Você vai ver...

Jack imitou os gemidos e a fuga atropelada.

— Você vai ver... ah!

Porquinho e a paródia eram tão engraçados que os caçadores começaram a rir. Jack sentiu-se estimulado. Continuou a tropeçar e as risadas chegaram a um furacão de histeria. A contragosto, Ralph sentiu seus

lábios se contraindo; estava furioso consigo mesmo por ceder assim.

Resmungou.

— Foi uma sujeira da grossa.

Jack interrompeu seus giros e ficou ereto, olhando Ralph. Falou, num grito.

— Está certo! Está certo!

Olhou para Porquinho, para os caçadores, para Ralph.

— Desculpe! Pelo fogo, quero dizer. É. Eu...

Endireitou-se.

— Peço desculpas!

O vozerio dos caçadores foi de admiração por comportamento tão generoso. Claramente, achavam

que Jack fizera a coisa certa e se pusera ao lado da verdade com sua generosa desculpa, enquanto Ralph, de modo indefinido, ficara do lado errado. Esperavam por uma resposta adequada de bom senso.

Mas a garganta de Ralph recusava-se. Ressentia-se também desse truque verbal, além do mau comportamento de Jack. A fogueira estava morta, o navio fora embora. Não entendiam? Pela sua garganta passou a raiva, ao invés do bom senso.

— Foi uma sujeira da grossa!  
Fez-se silêncio no cimo da montanha, enquanto o olhar opaco

apareceu nos olhos de Jack e sumiu.

A palavra final de Jack foi um resmungo contrafeito.

— Está certo. Acendam a fogueira.

Com a perspectiva de uma ação positiva, a tensão diminuía um pouco. Ralph não falou mais nada, não fez nada, ficou olhando para baixo, para as cinzas aos seus pés. Jack gritava e se agitava. Deu ordens, cantou, assobiou, fez observações para o silencioso Ralph... observações que não precisavam de resposta, logo não poderiam provocar mal-entendidos. Mesmo assim, Ralph

continuava quieto. Ninguém, nem mesmo Jack, iria lhe dizer que se mexesse e, no fim de tudo, haviam feito a fogueira a três metros de distância, num lugar nada conveniente. Ralph confirmou assim sua chefia e não poderia escolher um modo melhor para isso, nem que tivesse dias para pensar. Contra essa arma, tão indefinível e eficiente, Jack não tinha forças e morria de raiva sem saber por quê. No instante em que acabaram de fazer a pilha de lenha, estavam em lados opostos de uma alta barreira.

Quando acabou a construção da fogueira, explodiu outra crise.

Jack não tinha meios de acendê-la. Então, para sua surpresa, Ralph foi até onde Porquinho estava e pegou os óculos. Nem mesmo Ralph sabia como se rompera e reatara, em alguma parte, o elo que o ligava a Jack.

— Eu trarei de volta.

— Eu também vou.

Porquinho ficou atrás dele, ilhado num mar de cores sem significado, enquanto Ralph ajoelhava-se e enfocava o círculo brilhante. Assim que a fogueira foi acesa, Porquinho estendeu as mãos e pegou os óculos.

Ante as flores fantasticamente atraentes — violetas, vermelhas e

amarelas — a discórdia desapareceu. Tornaram-se um círculo de meninos em volta de uma fogueira de acampamento e até Porquinho e Ralph se sentiram meio atraídos. Logo, alguns dos meninos estavam correndo encosta abaixo em busca de mais lenha, enquanto Jack cortava o porco. Tentaram manter a carcaça inteira numa estaca sobre o fogo, mas a madeira se queimava antes que o porco começasse a assar. Afinal, enfiaram pedaços de carne em ramos e os colocaram nas chamas: mesmo assim, os meninos quase se assaram tanto quanto a carne.

Ralph avançou, hesitante.

Pretendia recusar a carne, mas depois de uma dieta de frutas e nozes, com um raro caranguejo ou peixe, sua resistência era mínima. Aceitou um pedaço de carne meio crua e enfiou os dentes nela, como um lobo.

Porquinho falou, também hesitante.

— Não vai ter nada para mim?

Jack pretendia deixá-lo na dúvida, como demonstração de força, mas como Porquinho previra a omissão, era necessário um pouco mais de crueldade.

— Você não caçou.

— Ralph também não — disse



Porquinho, em tom de choro —, nem Simon. — Falou mais alto: — Os caranguejos que a gente come só têm um pouquinho de carne.

Ralph mexeu-se, contrafeito.

Simon, sentado entre os gêmeos e Porquinho, esfregou a boca e passou seu pedaço de carne para Porquinho, sobre as pedras. Ele o pegou. Os gêmeos deram uma risadinha e Simon abaixou a cabeça, envergonhado.

Então Jack ficou de pé num salto, cortou um grande pedaço de carne e jogou-o aos pés de Simon.

— Coma! Seu desgraçado!  
Olhou furioso para Simon.

— Pegue!

Girou nos calcanhares, centro de um confuso círculo de meninos.

— Eu trouxe carne para vocês!

Inúmeras e inexprimíveis frustrações combinaram-se para fazer sua fúria primitiva inspirar um respeito atemorizado.

— Eu pintei o rosto... rastejei.

Agora comam... vocês todos... e eu...

Lentamente o silêncio no cume da montanha foi crescendo até se poder ouvir o crepitar da fogueira e o débil silvar da carne assando. Jack olhou em volta, buscando compreensão, mas só encontrou respeito. Ralph estava de pé entre

as cinzas da fogueira de sinalização, as mãos cheias de carne, sem dizer nada.

Então, finalmente, Maurice quebrou o silêncio. Mudou de assunto para o único tema que poderia reunir uma maioria.

— Onde vocês acharam o porco?

Roger apontou para o lado inimigo.

— Estava ali, perto do mar.

Jack, recuperando-se, não pôde suportar ouvir outro contando a sua história. Falou depressa.

— Espalhamo-nos ao redor.

Rastejei, com as mãos e os joelhos. As lanças caíam porque não tinham pontas. O porco

correu e fez um barulho terrível...  
— Virou-se e correu em círculos,  
sangrando...

Todos os meninos falavam ao  
mesmo tempo, aliviados e  
excitados.

— Fechamos o cerco...

O primeiro golpe paralisara a  
parte traseira, então fecharam o  
círculo e golpearam, golpearam...

— Cortei a garganta do porco...

Os gêmeos, ainda compartilhando  
seu sorriso idêntico, pularam e  
correram um em volta do outro.

Então, o resto se juntou a eles,  
gritando e fazendo ruídos como  
os do porco morrendo.

— Uma na cabeça!

— Acerte uma pra valer!  
Então, Maurice fingiu ser o porco  
e correu guinchando para o meio;  
os caçadores, cercando-o,  
brincaram de golpeá-lo.

Dançavam e cantavam.

Matem o porco! Cortem a  
garganta! Tirem o sangue!

Ralph ficou olhando, com inveja  
e ressentimento. Não falou até  
que se cansassem e o canto  
morresse.

— Vamos fazer uma reunião.

Um a um, pararam e ficaram  
olhando para ele.

— Com a concha. Vamos fazer  
uma reunião, mesmo que tenha de  
ser no escuro. Lá embaixo, na

plataforma. Quando eu tocar. Já.  
Virou-se e se afastou, montanha  
abaixo.

## 5

### Bicho da água

A maré subia e só havia uma estreita faixa de praia firme entre a água e a areia branca e solta perto do terraço de palmeiras. Ralph escolheu o caminho da faixa firme porque precisava pensar: só ali ele podia deixar os pés avançarem sem precisar olhar para eles. De repente, caminhando à beira da água, sentiu-se tomado de espanto. Descobriu que compreendia o aborrecimento daquela vida, onde todo caminho era improvisado e

uma parte considerável do tempo em que se estava desperto era passado olhando onde pisar. Parou, de frente para a praia, lembrando-se daquela primeira exploração entusiasmada, como se fizesse parte de uma infância mais brilhante, e sorriu sarcasticamente. Virou-se e retrocedeu até a plataforma, com o sol no rosto. Chegara a hora da reunião e enquanto caminhava, envolto nos esplendores cada vez mais decadentes de sol, reviu cuidadosamente os pontos da sua fala. Não deveria haver erros nessa reunião, nada de perseguir coisas imaginárias...



Perdeu-se num labirinto de pensamentos que não se definiam — faltavam-lhe palavras com que os pudesse expressar. Franzindo a testa, tentou novamente.

Essa reunião não seria divertida, mas uma coisa séria.

Passou a andar mais depressa, consciente tanto da necessidade de se apressar quanto do sol que se punha e do vento que soprava no seu rosto, criado pela sua própria velocidade. Esse ventinho fazia a camisa cinza colar-se no seu peito e ele notou — na sua nova disposição de compreender — que as fraldas estavam duras como papelão e

desagradáveis; percebeu também como as barras esfarrapadas da calça estavam deixando uma marca rosada e desconfortável na frente das suas coxas. Com um espasmo mental, Ralph descobriu sujeira e decadência; entendeu o quanto detestava ficar sempre puxando o cabelo emaranhado que lhe caía nos olhos e, enfim, quando o sol se punha, ficar rolando ruidosamente para dormir entre folhas secas. Pensando nisso, começou a correr.

A praia perto da “piscina” estava cheia de grupos de meninos esperando a reunião. Abriram caminho para ele,

silenciosamente, conscientes do seu mau humor e do erro da fogueira.

O lugar de reunião onde ele estava era mais ou menos um triângulo, embora irregular e incompleto, como tudo que haviam feito. Primeiro, havia o tronco em que se sentou; uma árvore morta que deveria ter sido excepcionalmente grande para a plataforma. Talvez tivesse sido trazida até ali por uma daquelas lendárias tempestades do Pacífico. Esse tronco de palmeira jazia paralelo à praia, de modo que quando Ralph se sentou, ficou de frente para a ilha — mas, para

os meninos, ele era uma figura escura contra o brilho da lagoa. Os dois lados do triângulo cuja base era o tronco eram meio indefinidos. À direita, havia um tronco polido por traseiros irrequietos na parte superior, mas não tão grande quanto o do chefe, nem tão confortável. À esquerda havia quatro troncos pequenos; um deles — o mais distante — estava lamentavelmente empenado. Uma após outra as reuniões tinham sido interrompidas por gargalhadas, quando alguém se inclinava demais para trás e o tronco virava, jogando meia dúzia de

meninos de costas na grama. Mas, agora, pensava que ninguém tivera o expediente — nem ele, nem Jack, nem Porquinho — de trazer uma pedra e escorar a coisa. Então eles iriam continuar a suportar o assento desequilibrado porque, porque... Outra vez se perdeu em águas profundas demais.

A grama havia murchado na frente de cada tronco, mas crescia alta e intocada no centro do triângulo. No vértice, a grama crescia outra vez porque ninguém se sentava lá. Em torno do lugar de reunião, elevavam-se os troncos cinzentos, retos ou inclinados, apoiando o

teto baixo das folhas. Nos dois lados, a praia; atrás, a lagoa; na frente, a escuridão da ilha.

Ralph virou-se para o lugar do chefe. Nunca haviam tido uma reunião em hora tão avançada assim. Por isso, o lugar parecia tão diferente. Normalmente, a parte inferior do telhado verde era iluminada por uma massa confusa de reflexos dourados e os rostos eram clareados de modo invertido, como — pensou Ralph — quando se tem nas mãos uma lanterna elétrica. Mas agora a luz do sol chegava obliquamente, de modo que as sombras eram o que deveriam ser.

Sentiu outra vez aquela estranha inclinação de especular, que lhe parecia tão estranha. Se os rostos eram diferentes quando iluminados de cima ou de baixo, o que era um rosto? O que era qualquer coisa?

Ralph mexeu-se, impaciente. Que problema! Sendo chefe, você tem de pensar, tem de saber. E as ocasiões passavam, portanto era preciso decidir logo. Isso era uma coisa para pensar; porque pensar era uma coisa preciosa, que dava resultado...

Só que não consigo pensar — concluiu Ralph de frente para o lugar do chefe. Não como

Porquinho.

Novamente nessa noite, Ralph teve de ajustar seus valores.

Porquinho conseguia pensar. Ele caminhava passo a passo dentro daquela cabeça gorda, só que Porquinho não era chefe. Mas Porquinho, apesar de todo seu corpo ridículo, tinha cérebro. Ralph agora era um especialista em pensar e podia reconhecer isso em outra pessoa.

O sol nos olhos lembrou-o de que o tempo passava. Pegou a concha ao pé da árvore e examinou a sua superfície. A exposição ao ar desbotara os amarelos e rosados até um quase branco, próximo da



transparência. Ralph sentiu uma espécie de afetuosa reverência pela concha, embora ele próprio a tivesse tirado da lagoa. Ficou de frente para o lugar de reunião e levou a concha aos lábios.

Os outros esperavam por isso e vieram imediatamente. Os que sabiam que um navio passara ao largo da ilha enquanto a fogueira estava apagada mortificavam-se ante o pensamento da cólera de Ralph; mas aqueles, entre eles os pequenos, que nada sabiam ficaram impressionados pelo ar geral de solenidade. O lugar de reunião encheu-se logo; Jack, Simon, Maurice, a maioria dos

caçadores, à direita de Ralph; o resto à esquerda, sob o sol.

Porquinho veio e ficou fora do triângulo. Isso indicava que queria ouvir, mas sem falar.

Porquinho pretendia mostrar assim sua desaprovação.

— O negócio é o seguinte: precisamos de uma reunião.

Ninguém disse nada, mas os rostos que se viraram para Ralph estavam atentos. Ele sacudiu a concha. Aprendera na prática que declarações fundamentais como essa tinham de ser ditas pelo menos duas vezes antes que todo mundo entendesse. Era preciso sentar, atrair todos os olhares

para a concha e lançar palavras como pesadas pedras redondas entre os grupinhos que esperavam agachados ou de cócoras.

Buscava na mente palavras simples para que até os pequenos entendessem o que se tratava na reunião. Depois, talvez, debatedores hábeis — Jack, Maurice, Porquinho — usariam toda a sua arte para distorcer a reunião; mas agora, no começo, o tema do debate devia ser apresentado claramente.

— Precisamos de uma reunião. Não para brincar. Não para rir nem cair do tronco — o grupo dos pequenos na árvore

empenada deu risadinhas e se entreolhou. — Não para fazer piadas ou para... — levantou a concha num esforço para achar a palavra convincente — para espertezas. Não para essas coisas. Para arrumar as coisas. Fez uma pausa.

— Eu andei por aí. Andei sozinho, pensando no jeito das coisas. Sei do que precisamos. Uma reunião para acertar tudo. E antes de mais nada, tenho de falar.

Fez outra pausa e, automaticamente, puxou o cabelo para trás. Porquinho entrou no triângulo nas pontas dos pés, feito

seu protesto ineficaz. Juntou-se aos outros.

Ralph continuou.

— Tivemos uma porção de reuniões. Todo mundo gosta de falar e de ficar junto dos outros. Decidimos coisas. Mas elas não foram feitas. Iríamos trazer água do rio e deixá-la nas cascas de coco sob as folhas frescas. Foi assim, por alguns dias. Agora não há mais água. As cascas estão secas. A gente bebe no rio.

Houve um sussurro de assentimento.

— Não que haja mal em beber no rio. Só quero dizer que eu mesmo prefiro tomar água ali, vocês

sabem onde, naquele tanque onde há a cachoeira... do que numa velha casca de coco. Só que nós dissemos que iríamos trazer a água. E não trouxemos. Só havia duas cascas cheias esta tarde.

Passou a língua pelos lábios.

— Depois foi a vez das cabanas.

Dos abrigos.

O murmúrio cresceu novamente e morreu.

— A maioria dorme nos abrigos.

Esta noite, a não ser Sameeric junto à fogueira, todos dormiram neles. Quem construiu os abrigos?

Logo irrompeu um clamor. Todo mundo fizera as cabanas. Ralph teve de sacudir a concha de novo.

— Esperem um pouco! Quero dizer, quem construiu as três? Nós todos fizemos a primeira, quatro fizeram a segunda e eu e Simon fizemos a última ali. Por isso está cai não cai. Não. Não é para rir. Essa cabana poderá cair se chover outra vez. Precisaremos delas então.

Fez uma pausa e limpou a garganta.

— E mais uma coisa. Escolhemos aquelas pedras bem pra lá da piscina como banheiro. Foi bem-escolhido também. A maré limpa aquele lugar. Os pequenos sabem disso.

Houve risadas aqui e ali, olhares

furtivos.

— Mas muita gente parece usar qualquer lugar. Até perto das cabanas e da plataforma. Vocês, pequenos, quando estão pegando frutas, se ficarem apertados...

A assembleia rugiu.

— Digo que se ficarem apertados, devem ir para longe do lugar das frutas. É sujo.

Desta vez, gargalhadas.

— Eu disse que é sujo!

Puxou a camisa cinza e dura.

— É sujo de verdade. Se ficarem apertados, corram pela praia até as pedras.

Porquinho estendeu a mão para a concha, mas Ralph sacudiu a



cabeça. Aquele discurso fora planejado, ponto por ponto.

— Todos teremos de usar as pedras de novo. Este lugar está ficando sujo. — Fez uma pausa.

A assembleia, sentindo a proximidade de uma crise, estava tensa e na expectativa. — E mais: sobre a fogueira.

Ralph deixou escapar o ar com um pequeno som que foi repetido pelo auditório. Jack começou a cortar um pedaço de madeira com sua faca e cochichou algo com Robert, que olhou para longe.

— A fogueira é a coisa mais importante da ilha. Como poderemos ser salvos algum dia,

a não ser por sorte, se não  
tivermos uma fogueira? É demais  
para nós fazer uma fogueira?

Estendeu os braços.

— Olhem! Quantos somos?

Mesmo assim não podemos  
manter a fogueira soltando

fumaça. Não entendem? Não

podem ver que devemos morrer  
antes de deixar o fogo apagar?

Houve um risinho afetado entre os  
caçadores. Ralph virou-se  
vivamente para eles.

— Vocês, caçadores! Podem rir!

Mas eu lhes digo que a fumaça é  
mais importante que o porco,

mesmo que matem muitos. Vocês  
compreendem? — Abriu os

braços e se virou para todo o triângulo.

— Precisamos fazer fumaça lá em cima... ou morrer. — Fez uma pausa, pensando no próximo ponto.

— E mais uma coisa.

Alguém falou.

— Coisas demais.

Houve murmúrios de assentimento. Ralph não ligou.

— E mais uma coisa. Quase pusemos fogo na ilha inteira. E perdemos tempo arrastando pedras e fazendo fogueirinhas para cozinhar. Agora eu digo isto e vai ser uma regra, porque sou o chefe. Só vamos ter uma fogueira,

lá na montanha. Sempre.  
Explodiu uma gritaria,  
imediatamente. Meninos se  
levantaram, gritaram, e Ralph  
gritou de volta.

— Se quiserem acender uma  
fogueira para cozinhar peixe ou  
caranguejo, não custará nada ir lá  
para cima. Desse jeito, teremos  
certeza.

Mãos estenderam-se para a  
concha, à luz do sol poente. Ele a  
segurou com força e subiu no  
tronco, com um salto.

— Era o que eu queria dizer.  
Agora já disse. Vocês votaram  
em mim para chefe. Agora, façam  
o que eu disse.

Os meninos se aquietaram, lentamente, e acabaram sentando-se de novo. Ralph desceu do tronco e falou, em tom normal.

— Lembrem-se. O banheiro, nas pedras. Conservar a fogueira acesa e com fumaça para servir de sinal. Nada de trazer fogo da montanha. Vamos levar a comida até lá.

Jack levantou-se, franzindo a testa na semiescuridão e estendeu as mãos.

— Ainda não acabei.

— Mas você falou, falou!...

— Estou com a concha.

Jack sentou-se, resmungando.

— E a última coisa. Disso todos

podem falar.

Esperou até a plataforma ficar bem quieta.

— As coisas estão piorando. Não entendo por quê. Começamos bem; éramos felizes. E então...

Moveu a concha levemente, olhando além deles para o nada, lembrando-se do bicho, da cobra, da fogueira, da conversa sobre medo.

— Então a gente começou a se assustar.

Um murmúrio, quase um gemido, irrompeu e sumiu. Jack deixou de cortar a madeira. Ralph continuou abruptamente.

— Mas é conversa dos pequenos.

Vamos esclarecer isso. A última coisa, a coisa que todos podemos discutir, é resolver esse medo.

O cabelo caiu-lhe nos olhos outra vez.

— Temos de falar sobre esse medo e decidir que não há nada de que ter medo. Eu me sinto assustado às vezes; só que é uma bobagem! Como os fantasmas. Então, quando resolvermos isso, poderemos recomeçar a cuidar de coisas como a fogueira. — A imagem de três meninos andando pela praia brilhante relampejou na sua mente. — E seremos felizes.

Cerimoniosamente, Ralph deixou

a concha no tronco ao seu lado, como sinal de que seu discurso acabara. A luz solar chegava agora em raios horizontais. Jack levantou-se e pegou a concha.

— Então essa reunião é para descobrir o que está havendo. Eu lhes digo o que está havendo. Vocês, pequenos, começaram tudo isso com histórias de medo. Bichos? De onde? Claro que às vezes temos medo, mas nos dominamos. Só que Ralph diz que vocês gritam à noite. O que quer dizer isso, além de que têm pesadelos? De qualquer modo, vocês não caçam, não constroem



nem ajudam, são um bando de bebês e mariquinhas. É isso.

Quanto ao medo... vocês têm de se dominar como o resto de nós.

Ralph olhou para Jack, de boca aberta, mas Jack não percebeu.

— A verdade é que o medo não pode machucar vocês mais do que um sonho. Não há bichos de que se ter medo nesta ilha. — Olhou por toda a fileira de pequenos, que cochichavam. — Bem que mereciam que alguma coisa pegasse vocês, seu montão de bebês chorões inúteis! Mas não há animal...

Ralph interrompeu-o bruscamente.

— Que é isso? Quem disse alguma coisa sobre um animal?

— Você, outro dia. Disse que eles sonham e gritam. Agora eles falam, não só os pequenos, os meus caçadores às vezes, falam de uma coisa, uma coisa escura, um bicho, alguma espécie de animal. Eu ouvi. Pensou que não, não é? Agora, ouçam. Não há animais grandes em ilhas pequenas. Só porcos. Só há leões e tigres em lugares grandes como a África e a Índia...

— E o Zoológico...

— Estou com a concha. Não estou falando do medo. Estou falando do bicho. Tenham o medo que

quiserem. Mas quanto ao bicho... Jack fez uma pausa, sacudindo a concha, e se virou para os caçadores, com seus sujos bonés pretos.

— Sou um caçador ou não sou? Os outros confirmaram, simplesmente. Era mesmo um caçador. Ninguém duvidava disso.

— Bem.. percorri a ilha inteira. Sozinho. Se houvesse um bicho, eu o teria visto. Vocês têm medo porque são assim, mas não há bicho algum na floresta.

Jack devolveu a concha e se sentou. A reunião inteira aplaudiu-o com alívio. Então

Porquinho estendeu a mão.

— Não concordo com tudo que Jack disse, só com uma parte.

Claro que não há um bicho na floresta. Como pode haver? O que um bicho comeria?

— Porco.

— Nós comemos porco.

— Porquinho.

— Estou com a concha! — disse Porquinho, indignado. — Ralph, eles têm de se calar, não é?

Calem a boca, seus pequenos! O que quero dizer é que não concordo com esse tal de medo. Claro que não há o que temer na floresta! Porque eu mesmo estive lá. Daqui a pouco vocês estarão

falando de fantasmas e outras coisas assim. Nós sabemos o que há e se houver alguma coisa de errado existe alguém para dar um jeito.

Tirou os óculos e piscou para eles. O sol sumiu como se tivessem apagado a luz.

Continuou a explicar.

— Se a gente está com dor na barriga, pequena ou grande...

— A sua é grande.

— Quando pararem de rir talvez possamos continuar a reunião. E se vocês, pequenos, se esticarem nesse tronco outra vez, cairão num instante. Sentem-se no chão e ouçam. Não. A gente tem médicos

para tudo, até para dentro da cabeça. Não é possível dizer que ficaremos com medo de nada o tempo todo! A vida — disse Porquinho expansivamente — é científica, isso é que é. Num ano ou dois, quando a guerra acabar, viajarão para Marte e voltarão. Sei que não há bicho, não com garras etc., mas sei que também não há medo.

Porquinho fez uma pausa.

— A não ser...

Ralph mexeu-se, impaciente.

— A não ser o quê?

— A não ser que estejamos com medo de gente.

Um som, meio risada, meio

zombaria, irrompeu dentre os meninos sentados. Porquinho abaixou a cabeça e continuou falando com rapidez.

— Vamos ouvir o pequeno que falou de um bicho e talvez possamos mostrar como ele é bobo.

Os pequenos começaram a se empurrar, então um deles avançou.

— Como é seu nome?

— Phil.

Para um pequeno, era bem confiante, estendendo as mãos para a concha, como Ralph fazia, olhando em volta para atrair as atenções antes de falar.

— Na noite passada, tive um sonho, um sonho horrível, de luta contra umas coisas. Eu estava sozinho, fora da cabana, lutando com as coisas, aquelas coisas enroscadas nas árvores.

Fez uma pausa e os outros pequenos riram, numa simpatia horrorizada.

— Então fiquei com medo e acordei. E eu estava sozinho fora da cabana, no escuro, e as coisas enroscadas tinham ido embora.

O horror vivo disso, tão possível e tão cruamente aterrorizante, fez com que silenciassem. A voz do menino continuou, muito débil, por trás da concha branca.



— E eu tive medo e comecei a chamar Ralph, quando vi alguma coisa se mexendo entre as árvores, alguma coisa grande e horrível.

Fez uma pausa, meio assustado com a lembrança, embora orgulhoso com a sensação que criara.

— Foi um pesadelo — disse Ralph —, ele estava andando enquanto dormia.

A assembleia murmurou um assentimento reprimido. O pequeno sacudiu a cabeça teimosamente.

— Eu estava dormindo quando as coisas enroscadas estavam

lutando e quando foram embora eu estava acordado e vi aquela coisa grande e horrível mexendo-se nas árvores.

Ralph estendeu as mãos para a concha e o pequeno se sentou.

— Você estava dormindo. Não havia ninguém ali. Como alguém poderia estar andando na floresta à noite? Havia alguém? Alguém saiu?

Houve uma longa pausa enquanto a assembleia sorria ante o pensamento de alguém poder sair no escuro. Então Simon se levantou e Ralph olhou-o espantado.

— Você! O que estava fazendo no

escuro?

Simon pegou a concha, tremendo.

— Eu queria... ir a um lugar... um lugar que conheço.

— Que lugar?

— Só um lugar que eu conheço.

Um lugar na selva.

Hesitou.

Jack resolveu a questão com aquele desprezo na voz que podia soar tão engraçado e definitivo.

— Você estava apertado.

Sentindo a humilhação de Simon, Ralph pegou a concha de volta, olhando Simon seriamente, bem nos olhos.

— Bem, não faça isso de novo.

Compreendeu?... Não à noite. Já

há bastante conversa fiada sobre bichos, sem que os pequenos o vejam deslizando por aí como uma...

No riso gozativo que explodiu havia uma ponta de medo e condenação. Simon abriu a boca para falar, mas Ralph estava com a concha, então voltou ao seu lugar.

Quando todos ficaram em silêncio, Ralph virou-se para Porquinho.

— Bem, Porquinho?

— Houve outro. Ele.

Os pequenos empurraram Percival para a frente, depois o deixaram sozinho. Ele ficou no

centro do triângulo, metido na grama até o joelho, olhando para os pés ocultos, tentando fingir que estava numa tenda. Ralph lembrou-se de outro menino pequeno que ficara assim e tentou afastar a lembrança. Várias vezes fizera isso, e só uma coisa como essa de agora é que podia novamente despertar a lembrança, trazer tudo à superfície. Não houvera mais contagem dos pequenos, em parte por não se ter jeito de garantir contar todos e em parte porque Ralph sabia a resposta a uma pergunta que Porquinho fizera no cume da montanha. Havia menininhos

louros, bronzeados, sardentos e bem sujos, mas seus rostos eram terrivelmente desprovidos de manchas maiores. Ninguém vira novamente o sinal de nascença cor de amora. Mas daquela vez Porquinho havia provocado e intimidado. Admitindo tacitamente que se lembrava do que não se devia mencionar, Ralph fez um sinal afirmativo para Porquinho.

— Vamos. Pergunte.

Porquinho ajoelhou-se, segurando a concha.

— Vamos lá. Como é seu nome? O menino se retorceu para dentro de sua tenda. Porquinho virou-se,

impotente, para Ralph que falou asperamente.

— Como é seu nome?

Atormentados pelo silêncio e pela recusa, os meninos irromperam num canto.

— Como é seu nome? Como é seu nome?

— Quietos!

Ralph encarou o menino de perto, sob o crepúsculo.

— Diga-nos. Como é seu nome?

— Percival Wemys Madison, Vicariato, Harcourt St. Anthony, Hants, telefone, telefone, tele...

Como se essa informação estivesse profundamente arraigada nas fontes da tristeza, o

menino chorou. Seu rosto se enrugou, as lágrimas saltaram dos olhos, a boca se abriu até que puderam ver um buraco quadrado escuro. Primeiro, ele era uma efígie silenciosa da tristeza, depois a lamentação irrompeu dele, alta e fina como a voz da concha.

— Cale-se! Cale-se!

Percival Wemys Madison não se calava. Uma fonte fora aberta, bem além do alcance da autoridade e até da intimidação física. O choro continuou, soluço após soluço, e parecia ampará-lo, como que cravado nele...

— Cale-se! Cale-se!



Agora, os pequenos já não estavam mais quietos.

Lembraram-se das suas tristezas pessoais e talvez sentissem que deveriam compartilhar aquela tristeza universal. Começaram a chorar em solidariedade, dois deles quase tão alto quanto Percival.

Maurice salvou a situação.

Gritou:

— Olhem para mim!

Fingiu cair. Esfregou o traseiro e se sentou no tronco empenado, rolando de costas na grama.

Era um péssimo palhaço, mas Percival e os outros viram-no, fungaram e riram. Agora, todos

estavam rindo tão absurdamente que os grandes se juntaram a eles. Jack foi o primeiro a se fazer ouvir. Não estava com a concha e falou contra as regras, mas ninguém se importou.

— E o bicho?

Algo estranho aconteceu a Percival. Bocejou e vacilou, mas Jack pegou-o e sacudiu-o.

— Onde o bicho vive?

Percival encolheu-se entre as mãos de Jack.

— É um bicho esperto — disse Porquinho zombando —, que consegue se esconder nessa ilha.

— Jack esteve em toda parte...

— Onde pode viver um bicho?

— Bicho uma ova!

Percival resmungou alguma coisa e a assembleia riu de novo. Ralph inclinou-se para a frente.

— O que ele disse?

Jack escutou a resposta de Percival e se afastou dele.

Percival, livre, cercado pela confortadora presença de humanos, caiu na grama alta e começou a dormir.

Jack limpou a garganta, depois declarou casualmente:

— Ele diz que o bicho vem do mar.

A última risada morreu. Ralph virou-se involuntariamente, uma figura negra e curvada contra a

lagoa. O grupo olhou com ele; considerou as amplas extensões de água, o mar alto mais além, desconhecido azul de possibilidades infinitas. Ouviram silenciosamente os suspiros e sussurros do recife.

Maurice falou tão alto que todos se sobressaltaram.

— Papai disse que ainda não descobriram todos os animais que há no mar.

A discussão dominou outra vez a reunião. Ralph levantou a concha brilhante e Maurice pegou-a obedientemente. Todos se acalmaram.

— Quero dizer que quando Jack

diz que vocês podem ter medo porque as pessoas têm medo de qualquer jeito, ele estava certo. Mas quando diz que só há porcos na ilha, espero que esteja certo, mas ele não sabe, não de verdade, para valer. — Maurice tomou fôlego. — Meu pai disse que há coisas, essas que soltam tinta, polvos, que têm centenas de metros de comprimento e comem baleias inteiras. — Fez uma pausa e riu alegremente. — Não acredito no bicho, é claro. Como Porquinho disse, a vida é científica, mas nós não sabemos, não é? Não para valer, quero dizer...

Alguém gritou.

— Um polvo não pode sair da água!

— Pode!

— Não pode!

Num instante, a plataforma ficou cheia de sombras que discutiam e gesticulavam. Para Ralph, sentado, isso parecia o fim da sanidade. Medo, bichos, nenhum consenso geral de que a fogueira era o mais importante: e quando alguém tentava arrumar as coisas, explodia a discussão, trazendo assuntos novos e desagradáveis. Viu algo branco no escuro perto dele e tirou a concha de Maurice. Soprou com toda a força. Os

meninos calaram-se imediatamente. Simon estava perto dele, com as mãos na concha. Simon sentia uma necessidade perigosa de falar, mas falar numa reunião era uma coisa terrível para ele.

— Talvez — disse hesitante —, talvez haja um bicho.

A reunião gritou selvagemente e Ralph ficou olhando, espantado.

— Você, Simon? Você acredita nisso?

— Não sei — disse Simon. As batidas do coração sufocavam-no.

— Mas...

Explodiu a tormenta.

— Sente-se!

— Cale-se!

— Pegue a concha!

— Vá embora!

— Cale a boca!

Ralph gritou.

— Ouçam-no! Ele está com a concha!

— O que quero dizer é... talvez sejamos nós.

— Está louco!

Essa última exclamação foi de Porquinho, que chegou a perder o controle. Simon continuou.

— Poderíamos ser uma espécie de...

Simon não conseguiu falar, no seu esforço de exprimir o mal essencial da humanidade. A



inspiração acabou chegando.

— Qual é a coisa mais suja que há?

Como resposta, Jack lançou no silêncio da incompreensão que se seguiu umas cruas sílabas expressivas. O alívio foi como um orgasmo. Os pequenos que haviam trepado no tronco empenado caíram de novo, mas ninguém ligou. Os caçadores gritaram de prazer.

O esforço de Simon desmoronou em ruínas; as risadas fustigaram-no cruelmente e ele se retraiu, indefeso, para seu lugar.

A assembleia acabou silenciando. Alguém falou fora de vez.

— Talvez ele queira dizer que é alguma espécie de fantasma.

Ralph levantou a concha e fixou a escuridão. A coisa mais clara era a praia pálida. Estariam os pequenos mais perto? Sim, não havia dúvidas sobre isso: estavam amontoados num apertado novelo de corpos na grama central. Um sopro de vento fez as palmeiras falarem e o barulho parecia muito alto, agora que a escuridão e o silêncio tornavam-no tão perceptível. Dois troncos cinzentos esfregaram-se com um rangido maligno que ninguém notara de dia.

Porquinho pegou a concha. Sua voz era indignada.

— Não acredito em fantasmas. Nunca!

Jack também ficou de pé, inexplicavelmente furioso.

— Quem se importa com o que você acredita, Gordinho?

— Estou com a concha!

Houve o som de uma breve luta e a concha mexeu-se para a frente e para trás.

— Devolva-me a concha!

Ralph enfiou-se entre eles e levou um soco no peito. Arrancou a concha de alguém e se sentou, sem fôlego.

— Já se falou demais de

fantasmas. Deveríamos ter deixado isso para a luz do dia. Soou uma voz anônima e sussurrante.

— Talvez o bicho seja isso, um fantasma.

Os meninos estremeceram como se o vento tivesse soprado.

— Estão falando demais fora de vez — disse Ralph —, e não podemos ter reuniões de verdade se não ligarmos para as regras.

Parou outra vez. O plano cuidadoso dessa reunião desmoronava.

— Que querem que eu diga agora? Errei ao fazer essa reunião tão tarde. Vamos votar, sobre os

fantasmas, quero dizer; depois, vamos para as cabanas porque estamos todos cansados. Não é, Jack? Esperem. Digo aqui e agora que não acredito em fantasmas. Ou não acho que acredito. Mas não gosto de pensar neles. Não agora, no escuro. Mas vamos resolver o que está havendo. Levantou a concha, por um momento.

— Muito bem. Eu acho que resolver o que está havendo é saber se há fantasmas ou não... Pensou por um instante, formulando a questão.

— Quem acha que pode haver fantasmas?

Por bastante tempo, fez-se silêncio, sem qualquer movimento aparente. Então, Ralph fixou o escuro e vislumbrou as mãos. Falou, inexpressivamente.

— Entendi.

O mundo, aquele mundo compreensível e cheio de leis, estava desaparecendo. Antes havia isto e aquilo; agora, agora o navio fora embora.

A concha foi tirada das suas mãos e a voz de Porquinho guinchou.

— Eu não voto nos fantasmas!

Girou em redor de todos.

— Lembrem-se disso, vocês todos!

Ouviram-no bater o pé.

— O que somos? Humanos? Ou animais? Ou selvagens? O que os adultos irão pensar? Ir de qualquer jeito... caçar porcos... deixando a fogueira apagar... e agora!

Uma sombra caiu sobre ele, tempestuosamente.

— Cale a boca, sua lesma gorda! Houve um momento de luta e a concha luzente balançou-se para cima e para baixo. Ralph ficou de pé, num salto.

— Jack! Jack! Você não está com a concha! Deixe-o falar.

O rosto de Jack surgiu ao seu lado.

— E você cale a boca. Quem é

você, afinal? Sentado aí...  
dizendo o que todos devem fazer.  
Você não sabe caçar, não sabe  
cantar...

— Eu sou o chefe. Fui escolhido.

— E que diferença faz essa  
escolha? Só dando ordens que  
não têm nenhum sentido...

— Porquinho está com a concha.

— Certo... favoreça Porquinho  
como sempre faz...

— Jack!

A voz de Jack soou num arremedo  
amargo.

— Jack! Jack!

— As regras — gritou Ralph —,  
você está quebrando as regras!

— Que importa?



Ralph recorreu a toda a sua habilidade.

— Porque as regras são a única coisa que temos!

Mas Jack estava gritando contra ele.

— Que as regras vão pro inferno! Somos fortes, nós caçamos! Se houver um bicho, nós o caçaremos! Vamos cercá-lo e bater, bater, bater!...

Deu um grito selvagem e pulou para a areia pálida. De repente, a plataforma estava cheia de barulho e excitação, tropeções, gritos e risadas. A reunião se desagregou e se transformou em figuras dispersas que andavam

falando, das palmeiras até a água e ao longo da praia, perdendo-se na escuridão. Ralph sentiu a concha tocar sua face e a tomou de Porquinho.

— O que os adultos irão dizer?

— gritou Porquinho de novo. — Olhe para eles!

O som de uma caçada fingida, de risos histéricos e terror real vinha da praia.

— Sobre a concha, Ralph!

Porquinho estava tão perto que Ralph podia ver o brilho da sua única lente.

— A fogueira. Não percebem?

— Você precisa ser duro agora. Obrigue-os a fazer o que você

quiser.

Ralph respondeu, com a voz cautelosa de quem recorda um teorema.

— Se eu soprar a concha e eles não voltarem, então não poderemos fazer nada. Não conseguiremos manter a fogueira acesa. Seremos como animais. Nunca seremos salvos.

— Se você não soprar, logo seremos animais de qualquer jeito. Não posso ver o que estão fazendo, mas posso ouvir.

As figuras dispersas reuniram-se na areia e viraram uma densa massa móvel. Cantavam algo e os pequenos, que haviam passado

por coisas demais, afastavam-se chorando. Ralph levou a concha aos lábios, mas depois a baixou.

— O problema é: há fantasmas, Porquinho? Ou bichos?

— Claro que não.

— Por quê?

— Porque não teria sentido. As casas, as ruas, a tevê não funcionariam.

Os meninos que dançavam e cantavam estavam distantes e agora seu som era apenas um ritmo sem palavras.

— Mas suponha que isso não tenha mesmo sentido. Não aqui, nesta ilha. Suponha que há coisas nos observando e esperando.

Ralph estremeceu violentamente e se aproximou de Porquinho; acabaram se chocando, assustados.

— Pare de falar assim! Já temos problemas de sobra, Ralph, e já aguentei coisas demais! Se há fantasmas...

— Eu deveria desistir de ser chefe. Ouça-os.

— Oh Deus! Oh, não!

Porquinho agarrou o braço de Ralph.

— Se Jack fosse chefe, todos caçariam e não haveria fogueira. Ficaríamos aqui até morrer. Sua voz transformou-se num guincho.

— Quem está sentado aí?

— Eu. Simon.

— Bela turma que somos — disse Ralph. — Três ratos cegos.

Desisto.

— Se você desistir — disse Porquinho num sussurro aflito —, o que acontecerá comigo?

— Nada.

— Ele me odeia. Não sei por quê. Se ele puder fazer o que quiser... Com você não há problema, ele o respeita. Além disso, você o acertou.

— Agora há pouco você estava numa bela luta com ele.

— Eu estava com a concha — disse Porquinho, simplesmente.

— Eu tinha direito de falar.

Simon estirou-se no escuro.

— Continue a ser chefe.

— Cale a boca, pequeno Simon!  
Por que não falou que não havia bicho nenhum?

— Tenho medo dele — disse  
Porquinho — porque eu o  
conheço. Quando você tem medo  
de alguém, você o odeia, mas não  
pode parar de pensar nele. Você  
se ilude, dizendo que ele no fundo  
é legal. Então você o vê de novo;  
é como a asma e você não  
consegue respirar. É assim. Ele  
também o odeia, Ralph...

— Eu? Por que eu?

— Não sei. Você gritou com ele

por causa da fogueira. E você é chefe e ele não.

— Mas ele é, é. Jack Merridew!

— Fiquei na cabana muito tempo para pensar. Conheço gente, me conheço. E ele. Ele não pode ferir você, mas se você sair do caminho, ele acertará o que estiver mais próximo. E sou eu.

— Porquinho está certo, Ralph. Há você e Jack. Continue como chefe.

— Estamos nos perdendo e as coisas estão piorando. Em casa, sempre há um adulto. Por favor, senhor; por favor, senhorita; e você tem uma resposta. Como eu gostaria!...



— Gostaria que minha tia estivesse aqui.

— Gostaria que meu pai... Ora, que adianta?

— A fogueira precisa ficar acesa. A dança acabara e os caçadores estavam voltando para seus abrigos.

— Os adultos sabem das coisas — disse Porquinho. — Não têm medo do escuro. Reúnem-se, tomam chá e discutem. Então, as coisas entram nos eixos...

— Eles não poriam fogo na ilha. Nem perderiam...

— Fariam um barco...

Os três meninos ficaram no escuro, esforçando-se inutilmente

para evocar a majestade da vida adulta.

— Não brigariam...

— Nem quebrariam meus óculos...

— Nem falaria de um bicho...

— Se pudessem nos mandar uma mensagem, pelo menos — gritou Ralph, desesperado. — Se eles pudessem nos mandar algo deles... um sinal ou alguma coisa...

Um lamento agudo vindo das trevas gelou-lhes o sangue e fez com que se encostassem uns nos outros. Então o lamento cresceu, remoto e sobrenatural, transformando-se num balbuciar

desarticulado. Percival Wemys Madison, do Vicariato, Harcourt St. Anthony, deitado na grama alta, estava vivendo em circunstâncias tais que não poderia ser ajudado nem mesmo pelo encantamento de seu endereço.

# 6

## Bicho do ar

Não havia mais luz além da que vinha das estrelas. Quando perceberam o que era aquele ruído fantasmagórico e Percival se aquietou novamente, Ralph e Simon pegaram-no desajeitadamente e o carregaram para uma cabana. Porquinho não se afastou deles, apesar de todas as suas palavras de valentia, e os três meninos maiores foram juntos para o abrigo mais próximo. Deitaram-se, inquietos e fazendo barulho entre as folhas secas,

observando a mancha de estrelas que era a abertura para a lagoa.

Às vezes, um pequeno gritava nos outros abrigos e, uma vez, um grande falou no escuro. Então eles também adormeceram.

Uma fatia de lua subiu acima do horizonte, de tamanho quase insuficiente para conseguir traçar uma esteira de luz, mesmo quando a se apoiar na água; mas havia outras luzes no céu movendo-se rapidamente, cintilando ou desaparecendo, embora lá embaixo não chegasse o menor ruído da batalha travada a 16 quilômetros de altura. Mas desceu um sinal do mundo dos

adultos, embora naquela hora não houvesse uma só criança acordada para vê-lo. Houve uma súbita e brilhante explosão, uma queda em parafuso através do céu; depois, novamente, a escuridão e as estrelas. Apareceu uma pequena mancha acima da ilha, um vulto descendo rapidamente sob um paraquedas, um vulto que se sacudia com membros bamboleantes. Os ventos cambiantes das várias altitudes levavam a figura lá para onde bem quiseram. Aí, a cinco quilômetros, o vento serenou, varrendo-a numa grande curva além do recife e da lagoa, rumo à

montanha. A figura caiu e se encolheu entre as flores azuis da encosta da montanha, mas, nessa altura, soprou uma suave brisa e o paraquedas mexeu-se violentamente, oscilou e se soltou. A figura, arrastando os pés, deslizou montanha acima. Metro a metro, sopro a sopro, o vento arrastou a figura por entre as flores azuis, por cima dos pedregulhos e das pedras vermelhas, até que ficou encolhida entre as rochas quebradas do cimo da montanha. Ali, o vento soprava, soprava firmemente e as cordas do paraquedas se enredaram e

enroscaram. A figura, agora sentada, com a cabeça metida num capacete entre os joelhos, estava segura por uma confusão de cordas. O vento, ao soprar, estirava as cordas e esse movimento levantava a cabeça e o peito da figura que parecia então perscrutar o cimo da montanha. Depois, cada vez que o vento amainava, as cordas se dobravam e a figura inclinava-se outra vez para a frente, mergulhando a cabeça entre os joelhos. Assim, à medida que as estrelas moviam-se pelo céu, a figura sentada no cimo da montanha levantava, inclinava-se,



levantava outra vez...

No escuro das primeiras horas da manhã, houve uns ruídos junto a uma pedra, perto da encosta da montanha. Dois meninos puxavam uma pilha de arbustos e folhas secas, duas sombras indistintas que conversavam sonolentemente. Eram os gêmeos, cuidando da fogueira. Teoricamente, um estava dormindo e um de sentinela. Mas não conseguiam fazer as coisas corretamente, se isso significasse agir independentemente. Já que ficar acordado a noite inteira era impossível, os dois dormiram. Agora se aproximavam da

mancha mais escura que fora a primeira fogueira, bocejando, esfregando os olhos, avançando com pés habituados ao caminho. Quando chegaram lá, pararam de bocejar e um deles correu rapidamente em busca dos arbustos e folhas.

O outro se ajoelhou.

— Acho que apagou.

Tirou as cinzas com os galhinhos que lhe foram colocados nas mãos.

— Não.

Deitou-se e pôs os lábios junto das brasas, soprando delicadamente. Seu rosto apareceu, iluminado de vermelho.

Parou de soprar por um instante.

— Sam... dê-me...

— ...uma madeira boa de  
queimar.

Eric inclinou-se e soprou  
lentamente de novo até as brasas  
brilharem. Sam enfiou um pedaço  
de madeira no meio delas, depois  
um ramo inteiro. O brilho  
aumentou e o ramo pegou fogo.

Sam empilhou outros galhos.

— Não queime tudo — disse Eric  
—, você está pondo madeira  
demais.

— Vamos nos esquentar.

— Precisamos pegar mais  
madeira.

— Estou com frio.

— Eu também.

— Além disso, está...

— ...escuro. Está certo.

Eric recuou de cócoras e ficou olhando Sam ativar a fogueira.

Fez um anteparo de madeira e o fogo ficou aceso sem problemas.

— Foi por pouco...

— Ele estava...

— ...uma fera.

— É.

Por um momento, os gêmeos fixaram a fogueira em silêncio.

Então, Eric deu uma risadinha abafada.

— Ele estava uma fera, não é?

— Por causa do...

— Fogo e do porco.

— Sorte que ele deu a bronca em Jack, e não na gente.

— É. Lembra do velho Fera na escola?

— Menino, aos-poucos-você-está-me-deixando-louco!

Os gêmeos compartilharam seu riso idêntico, depois se lembraram da escuridão e das outras coisas, ficaram olhando em volta, intranquilos. As chamas, presas no anteparo, atraíram novamente seus olhares. Eric observou os insetos da madeira que deslizavam por ela e eram tão freneticamente incapazes de evitar o fogo; pensou na primeira fogueira, ali mesmo, na encosta

mais íngreme da montanha, onde agora estava totalmente escuro. Não gostou de pensar nisso e afastou o olhar do cimo da montanha.

O calor irradiava-se agora e os atingia agradavelmente. Sam brincava de enfiar galhos na fogueira, o mais perto possível. Eric estendeu as mãos abertas, tentando saber a que distância o calor era insuportável. Olhando preguiçosamente além da fogueira, refez mentalmente os contornos diurnos das rochas partidas, com base nas sombras planas. Ali estava a pedra grande, as outras três, a pedra fendida e,

bem ali, havia um buraco, bem ali.

— Sam.

— Hem?

— Nada.

As chamas devoravam a madeira, as cascas retorciam-se e caíam, a resina explodia. O anteparo caiu para dentro e enviou um amplo círculo de luz por todo o cume da montanha.

— Sam...

— Hem?

— Sam! Sam!

Sam olhou irritado para Eric. A intensidade do olhar de Eric tornava terrível a direção para a qual olhava, pois Sam estava de

costas para ela. Arrastou-se ao redor da fogueira, agachou-se junto a Eric e procurou ver.

Estavam imóveis e abraçados, quatro olhos fixos e sem piscar, duas bocas abertas.

Bem embaixo deles, as árvores da floresta suspiraram, depois rugiram. O cabelo mexeu-se nas suas testas e as chamas passaram a soprar de um lado. Lá, de uns 15 metros de onde estavam, veio um barulho, o estalo do tecido se abrindo.

Nenhum deles gritou, mas o abraço ficou mais apertado e as bocas se abriram ao máximo. Por uns dez segundos, ficaram ali



agachados, enquanto a fogueira  
oscilante lançava fumaça,  
centelhas e ondas de luz  
inconstante por sobre o cimo da  
montanha.

Então, como se tivessem uma só  
mente apavorada, desceram  
atropeladamente pelas rochas e  
fugiram.

Ralph sonhava. Adormecera após  
horas de agitação e voltas  
barulhentas entre as folhas secas.  
Nem mesmo os sons de pesadelo  
dos outros abrigos chegavam  
mais até ele, pois estava de volta  
ao lugar de que viera,  
alimentando os pôneis com  
açúcar por cima da cerca do

jardim. Então, alguém sacudiu seu braço, dizendo que estava na hora do chá.

— Ralph! Ralph!

As folhas rugiam como o mar.

— Ralph, acorde!

— Que foi?

— Nós vimos...

— ...o bicho...

— ...de verdade!

— Quem são vocês? Os gêmeos?

— Nós vimos o bicho...

— Quietos. Porquinho!

As folhas rugiram de novo.

Porquinho tropeçou nele e um gêmeo puxou-o pelo braço, quando ele tentou sair para o quadrilátero de estrelas pálidas.

— Você não pode sair, é horrível!

— Porquinho... onde estão as lanças?

— Posso ouvir o...

— Silêncio. Fique quieto!

Ficaram ali à escuta, primeiro em dúvida, depois com terror, ante a descrição que os gêmeos cochicharam, entre pausas de extremo silêncio. Logo a escuridão ficou cheia de garras, cheia do terrível desconhecido e de ameaças. Uma madrugada interminável apagou as estrelas e afinal a luz, triste e cinzenta, infiltrou-se na cabana.

Começaram a se mexer, embora o

mundo lá fora ainda fosse terrivelmente perigoso. O labirinto da escuridão dividia-se em próximo e distante e lá num ponto do céu as nuvenzinhas aqueceram-se de cor. Um solitário pássaro marinho levantou voo, com um grito áspero que ecoou, e alguma coisa guinchou na floresta. Agora, as faixas de nuvens perto do horizonte começavam a brilhar em tons rosados e as frondes emplumadas das palmeiras já se tornavam verdes.

Ralph ajoelhou-se na entrada da cabana e olhou cuidadosamente em volta.

— Sameeric. Chamem todos para uma reunião. Sem barulho.

Vamos.

Os gêmeos, abraçados e trêmulos, ousaram cruzar os poucos metros até a cabana vizinha e espalharam a terrível notícia. Ralph ficou de pé e andou até a plataforma, por uma questão de dignidade, embora suas costas estivessem arrepiadas. Porquinho e Simon seguiram-no e os outros meninos vieram cautelosamente.

Ralph pegou a concha do assento e a levou aos lábios; hesitou e acabou não soprando. Ficou com ela na mão, mostrou-a para os outros e eles compreenderam.

Os raios do sol que há pouco subiam em leque desde o horizonte agora desciam à altura dos olhos. Ralph deu uma olhada para a crescente fatia de ouro que os iluminava pela direita e que parecia assim encorajá-los a falar. O círculo de meninos à sua frente ergueu as lanças de caça. Estendeu a concha a Eric, o gêmeo mais próximo.

— Nós vimos o bicho com nossos olhos. Não... não estávamos dormindo...

Sam continuou a história. Como de costume, a concha servia ao mesmo tempo para os dois gêmeos, pois sua unidade

fundamental era reconhecida.

— Era peludo. Havia algo se mexendo atrás da cabeça... asas.

O bicho se mexia também...

— Foi horrível. Parecia se sentar...

— O fogo brilhava...

— Tínhamos acabado de acender...

— ...mais lenha nele...

— Tinha olhos...

— Dentes...

— Garras...

— Corremos o mais que pudemos...

— Tropeçando nas coisas...

— O bicho nos seguiu...

— Vi como corria atrás das

árvores...

— Quase me pegou...

Ralph apontou temerosamente para o rosto de Eric que estava lanhado pelos espinhos dos arbustos.

— Como aconteceu isso?

Eric levou a mão ao rosto.

— Estou todo arranhado. Estou sangrando?

O círculo de meninos encolheu-se de terror. Johnny, ainda bocejando, caiu num choro barulhento e foi esbofeteado por Bill até parar. A manhã brilhante estava cheia de ameaças e o círculo começou a mudar. Começaram a olhar mais para



fora que para dentro e as lanças de madeira afiada eram como uma cerca. Jack chamou-os de volta para o centro.

— Vai ser uma caçada de verdade! Quem vem?

Ralph mexeu-se, com impaciência.

— Essas lanças são de madeira. Não seja bobo!

Jack olhou-o com desprezo.

— Está com medo?

— Claro que estou. Quem não está?

Virou-se para os gêmeos, como último recurso, mas sem esperança.

— Isso não é uma brincadeira,

não é?

A resposta foi tão enfática que não houve mais dúvidas.

Porquinho pegou a concha.

— Nós não poderíamos ficar... bem... ficar aqui? Talvez o bicho não chegue perto daqui.

Se não houvesse a possibilidade de alguma coisa estar vigiando, Ralph teria gritado com ele.

— Ficar aqui? E vivermos cercados neste pedacinho de ilha, sempre à espera? Como iríamos arranjar comida? E a fogueira?

— Vamos já — disse Jack, intranquilo. — Estamos perdendo tempo.

— Não. E os pequenos?

— Que vão pro inferno!  
— Alguém tem de cuidar deles.  
— Ninguém cuidou até agora.  
— Não era preciso! Agora é.  
Porquinho vai cuidar deles.  
— Está certo. Deixe Porquinho longe do perigo.  
— Mas pense um pouco. O que Porquinho pode fazer com um olho só?

O resto dos meninos olhava curiosamente de Jack para Ralph.  
— E outra coisa. Você não pode fazer uma caçada como sempre, porque o bicho não deixa rastro. Se deixasse, você teria visto. Pelo que sabemos, o bicho pode andar de árvore em árvore.

Concordaram com ele.

— Então precisamos pensar.

Porquinho pegou seus óculos quebrados e limpou a lente restante.

— E nós, Ralph?

— Você está sem a concha.  
Tome.

— Quero dizer... e nós? Suponha que o bicho venha quando vocês estiverem fora. Não enxergo bem e se eu ficar com medo...

Jack interrompeu, com desprezo.

— Você está sempre com medo.

— Estou com a concha.

— Concha! Concha! — gritou

Jack. — Não precisamos mais da concha. Sabemos quem deve

falar. Que adianta Simon falar, ou Bill, ou Walter? Já é tempo de algumas pessoas saberem que têm de ficar quietas e deixar para os outros, nós, as decisões sobre as coisas...

Ralph não podia mais ignorar esse discurso. O sangue aqueceu as suas faces.

— Você está sem a concha — disse. — Sente-se.

O rosto de Jack ficou tão branco que as sardas pareciam pontinhos castanho-claros. Passou a língua nos lábios e ficou de pé.

— Isso é assunto de caçadores. Os outros meninos olharam para Ralph, atentamente. Porquinho,

sentindo-se incomodamente envolvido, pôs a concha aos pés de Ralph e se sentou. O silêncio ficou opressivo e Porquinho prendeu a respiração.

— Isso é mais que um assunto de caçadores — disse Ralph, enfim —, porque você não pode seguir o bicho. E você não quer ser salvo?

Virou-se para a assembleia.

— Vocês todos não querem ser salvos?

Olhou para Jack.

— Eu disse antes, a fogueira é a coisa principal. Agora, ela deve estar apagada.

A velha exasperação salvou-o e

lhe deu a energia de atacar.

— Ninguém tem mais cabeça?

Temos de reacender a fogueira.

Você nunca pensa nisso, Jack, não é? Ou nenhum de vocês quer ser salvo?

Sim, eles queriam ser salvos, não havia dúvida sobre isso; com uma violenta reviravolta para o lado de Ralph, a crise passou.

Porquinho respirou, afinal, deu um suspiro, tentou inspirar de novo e não conseguiu. Ficou deitado contra um tronco, de boca aberta e sombras azuis ao redor dos lábios. Ninguém se importou com ele.

— Agora pense, Jack. Há algum

lugar em que você não esteve?

De má vontade, Jack respondeu.

— Só... claro! Lembra-se?

Aquela ponta, onde as pedras estão empilhadas. Estive lá perto.

A rocha faz uma espécie de ponte.

Só há um jeito de subir.

— E o bicho deve morar ali.

Todo mundo falou ao mesmo tempo.

— Calem-se. Muito bem. É ali que vamos procurar. Se o bicho não estiver ali, subiremos a montanha para ver. E acenderemos a fogueira.

— Vamos.

— Vamos comer antes. Depois partiremos. — Ralph fez uma



pausa. — É melhor levarmos lanças.

Após terem comido, Ralph e os grandes avançaram pela praia. Deixaram Porquinho amparado pela plataforma. O dia prometia, como os outros, ser um banho de sol sob uma abóbada azul. A praia estendia-se diante deles numa curva suave até que a perspectiva a unia à floresta; o dia ainda não avançara muito — estava longe de ser obscurecido pelos véus móveis das miragens. Por escolha de Ralph, seguiram um prudente caminho ao longo do terraço de palmeiras, em vez de se atreverem pela areia quente

junto à água. Deixou Jack mostrar o caminho e Jack avançou com precaução teatral, embora pudessem ter visto um inimigo a uns vinte metros de distância.

Ralph ia à retaguarda, grato por entregar a responsabilidade a outro por algum tempo.

Simon, andando na frente de Ralph, sentiu um sobressalto de incredulidade — um bicho com garras que arranhavam, que se sentava num cimo de montanha, que não deixava rastro e que, apesar de tudo, não era bastante rápido para pegar Sameeric.

Cada vez que Simon pensava no bicho, surgia no seu íntimo a

imagem de um ser humano,  
heroico e doente ao mesmo  
tempo.

Suspirou. Outras pessoas podiam  
levantar-se e falar numa reunião,  
aparentemente sem aquela terrível  
sensação de opressão da  
personalidade: podiam falar do  
que pensavam como se  
estivessem conversando com uma  
só pessoa. Deu um passo lateral e  
olhou para trás. Ralph vinha ali,  
com a lança sobre o ombro.

Timidamente, Simon reduziu o  
passo até andar lado a lado com  
Ralph, olhando para ele através  
do montão de cabelo negro que  
lhe caía agora nos olhos. Ralph

deu uma olhada de lado, sorriu constrangido como se houvesse esquecido que Simon pusera-se em ridículo, depois fixou o nada outra vez. Por um instante, Simon ficou feliz por ter sido aceito, depois parou de pensar em si mesmo. Quando tropeçou numa árvore, Ralph olhou com impaciência e Robert deu uma risada. Simon cambaleou e uma mancha branca na sua testa ficou vermelha, sumindo depois. Ralph deixou Simon de lado e voltou ao seu inferno pessoal. Terminariam por chegar ao castelo: e o chefe teria de ir na frente. Jack veio correndo.

— Já vemos o lugar.

— Está bem. Vamos chegar o mais perto possível.

Seguiu Jack em direção ao castelo onde o chão subia levemente. À esquerda, ficava um emaranhado impenetrável de trepadeiras e árvores.

— Por que não pode haver algo ali?

— Você pode ver por quê. Nada entra ou sai.

— E o castelo?

— Olhe.

Ralph abriu a cortina de plantas e olhou. Havia apenas uns poucos metros de chão pedregoso antes dos dois lados da ilha quase se

reunirem, a ponto de se esperar que ali houvesse um promontório. Em vez disso, havia um estreito recife de pedra, com poucos metros de largura e uns 15 de comprimento, continuando a ilha mar adentro. Ali se estendia outra daquelas massas quadradas e rosadas que sustinham a estrutura da ilha. Deste lado do castelo, talvez a uns três metros de altura, estava o bastião rosado que haviam visto do cimo da montanha. A rocha da escarpa estava fendida e o cimo cheio de grandes pedras que davam a impressão de oscilar. Atrás de Ralph, a grama alta

estava cheia de caçadores  
silenciosos. Ralph olhou para  
Jack.

— Você é um caçador.

Jack ficou vermelho.

— Eu sei. Está certo.

Algo no fundo de Ralph falou por  
ele.

— Eu sou o chefe. Eu vou. Não  
discuta.

Virou-se para os outros.

— Vocês esperam aqui. Esperem  
por mim.

Viu que sua voz tendia a sumir ou  
a soar muito alta. Olhou para  
Jack.

— Você acha que...?

Jack murmurou.

— Estive em toda parte. Deve estar aqui.

— Certo.

Simon resmungou confusamente:

— Não acredito no bicho.

Ralph respondeu-lhe polidamente, como se falasse sobre o tempo.

— Não. Acho que não.

Sua boca estava tensa e sem cor.

Puxou o cabelo para trás, bem devagar.

— Bem. Até logo.

Obrigou os pés a se mexerem até que eles o levaram ao istmo de terra.

Abismos de ar deserto cercaram-no de todos os lados. Não havia



lugar para se esconder, mesmo que não tivesse de avançar. Fez uma parada no istmo estreito e olhou para baixo. Logo, numa questão de séculos, o mar transformaria o castelo numa ilha. À direita, estava a lagoa, agitada pelo mar aberto e à esquerda... Ralph estremeceu. A lagoa protegera-os do Pacífico e, por alguma razão, só Jack fora até o outro lado da ilha. Agora, ele tinha o ponto de vista de um inexperiente homem de terra e a arrebatção parecia a respiração de alguma criatura estupenda. Lentamente, as águas se enfiavam entre as pedras, revelando pedras

planas de granito rosa, estranhas formações de coral, pólipos e algas. Lá embaixo, as águas iam murmurando como o vento entre as copas da floresta. Havia ali uma pedra chata, parecida com o tampo de uma mesa, e as águas desciam por ela com um ruído de sucção nos quatro lados cobertos de algas, fazendo-os parecer escarpas. Então, o leviatã sonolento respirava — as águas subiam, as algas ondulavam e o mar fervia sobre a superfície da pedra-mesa com um rugido. Não se notava a passagem das ondas, só essa queda de um minuto, o fluxo e o refluxo.

Ralph virou-se para o espigão avermelhado. Os outros esperavam lá atrás na grama alta, esperando para ver o que ele faria. Percebeu que o suor das palmas já esfriara, percebeu com surpresa que realmente não esperara encontrar bicho nenhum e não sabia o que fazer se o achasse.

Viu que podia escalar o espigão, mas que não era necessário. As paredes verticais alçavam-se sobre uma espécie de base, de modo que à direita, sobre a lagoa, podia-se avançar ao longo de uma borda e contorná-lo. Era fácil e logo estava examinando os

contornos das pedras.

Nada, senão o que se podia esperar: pedras rosadas e desmoronadas, com camadas de guano sobre elas como glacê, uma encosta íngreme que levava às rochas espalhadas que coroavam o bastião.

Um som vindo de trás fez com que se virasse. Jack estava avançando pela borda.

— Não podia deixar você vir sozinho!

Ralph não disse nada. Subiu pelas pedras, examinou uma espécie de caverna que não tinha nada mais horrível que um monte de ovos podres. Terminou por sentar-se,

olhando em volta, batendo na  
pedra com a ponta da lança.

Jack estava excitado.

— Que lugar para um forte!

Uma coluna de espuma os atingiu.

— Não há água doce.

— Que é isso então?

Realmente havia uma comprida  
mancha verde na altura da metade  
da rocha. Subiram e provaram o  
fio de água.

— Você poderia colocar um coco  
aí, enchendo o tempo todo.

— Eu, não. É um lugar podre.

Lado a lado, escalaram a última  
elevação até onde a pilha  
decrecente era coroada pela  
última pedra quebrada. Jack

empurrou a mais próxima com seu punho e ela se mexeu levemente.

— Lembra-se...?

A consciência dos maus tempos irrompeu entre os dois. Jack falou rapidamente.

— É só colocar um tronco de palmeira aqui embaixo e, se vier um inimigo, veja!

Lá embaixo, a uns trinta metros, estava o istmo estreito, depois o chão pedregoso, a grama pontilhada de cabeças e além disso, a floresta.

— Um empurrão — gritou Jack exultante — e... uuuiii!

Fez um movimento de queda com a mão. Ralph olhou para a

montanha.

— Que foi?

Ralph virou-se.

— Por quê?

— Você estava olhando de um jeito...

— Não há sinal agora. Nada para mostrar.

— Você está com ideia fixa nesse sinal.

O tenso horizonte azul rodeava-os, só interrompido pelo cimo da montanha.

— É tudo que temos.

Encostou a lança na pedra móvel e puxou para trás duas mechas de cabelo.

— Temos de voltar e subir a

montanha. Foi lá que viram o bicho.

— O bicho não vai estar lá.

— Que mais podemos fazer?

Os outros, esperando na grama, viram Jack e Ralph são e salvos e saíram dos seus esconderijos para a luz do sol. Esqueceram o bicho na excitação da exploração. Cruzaram a ponte e logo estavam subindo e gritando. Ralph ficou de pé, a mão encostada num enorme bloco avermelhado, um bloco grande como uma roda de moinho partida e vacilante. Olhou sombriamente para a montanha. Fechou o punho e martelou com ele a parede vermelha à sua



direita. Seus lábios estavam cerrados com força e seus olhos fixavam anelantes sob a franja de cabelo.

— Fumaça.

Chupou o punho machucado.

— Jack, vamos.

Mas Jack não estava lá. Um grupo de meninos, fazendo um barulho que ele não percebera, empurrava e forçava uma pedra. Quando virou, a base cedeu e a massa se precipitou no mar, fazendo um trovejante penacho de espuma subir até a metade do espigão.

— Parem! Parem!

Sua voz criou um silêncio entre eles.

— Fumaça.

Uma coisa estranha passou-lhe pela cabeça. Algo adejou na sua mente como a asa de um morcego, obscurecendo suas ideias.

— Fumaça.

Logo voltaram suas ideias... e o ódio.

— Precisamos de fumaça. E vocês ficam aí, perdendo tempo. Vocês ficam empurrando pedras. Roger gritou.

— Temos tempo de sobra!

Ralph sacudiu a cabeça.

— Vamos até a montanha.

Irrompeu um alarido. Alguns dos meninos queriam voltar para a praia. Outros queriam empurrar

mais pedras. O sol estava brilhando e o perigo sumira com a escuridão.

— Jack, o bicho pode estar do outro lado. Pode ir na frente de novo. Você esteve lá.

— Podemos ir pela praia. Temos frutas ali.

Bill subiu até onde Ralph estava.

— Por que não podemos ficar aqui um pouco?

— Está certo.

— Vamos fazer um forte...

— Aqui não há comida — disse Ralph —, nem abrigo. Nem muita água fresca.

— Seria um forte espetacular.

— Podemos empurrar pedras...

— Bem na ponte...

— Eu disse: Vamos! — gritou

Ralph furiosamente. —

Precisamos ter certeza. Vamos já.

— Vamos ficar aqui...

— De volta para as cabanas...

— Estou cansado...

— Não!

Ralph estalou os nós dos dedos.

Não doeu.

— Eu sou o chefe. Vamos ter certeza. Vocês não podem ver a montanha? Não há sinal de fumaça. Pode haver um navio, até dois, ao largo. Vocês perderam a cabeça?

Chateados, os meninos ficaram quietos ou resmungaram.

Jack encabeçou a descida, para além do istmo.

## Sombras e árvores altas

A trilha de porcos corria perto dos montões de pedra que ficavam do outro lado à beira da água e Ralph estava contente por seguir Jack. Se pudesse fechar os ouvidos à lenta sucção do mar e à fervura do retorno, se conseguisse esquecer como eram sombrias e inexploradas as covas cobertas de samambaias, então teria uma chance de tirar o bicho da cabeça e sonhar um pouco. O sol já passara da vertical e o calor da tarde concentrava-se na ilha.

Ralph enviou uma mensagem para Jack e quando chegaram a um lugar de árvores frutíferas, o grupo todo parou e comeu. Sentado, Ralph notou o calor pela primeira vez nesse dia. Puxou com raiva a camisa cinza e imaginou se se aventuraria a lavá-la. Sentado sob o que lhe parecia um calor insólito, mesmo para a ilha, Ralph planejou sua toalete. Gostaria de ter uma tesoura e cortar o cabelo — puxou a massa para trás — cortar esse cabelo sujo quase totalmente. Gostaria de tomar um banho, um banho com água quente e sabonete. Passou a língua pelos dentes,

investigando, e decidiu que também seria bom ter uma escova de dentes. Daí, viriam as unhas... Ralph virou a mão e olhou. As unhas estavam roídas até o sabugo, embora não pudesse lembrar quando retomara o hábito, nem as vezes em que se entregara a ele.

— Logo estarei chupando o dedo...

Olhou em volta, furtivamente. Aparentemente ninguém ouvira. Os caçadores estavam sentados, enchendo-se com essa comida fácil, tentando convencer-se de que lhes bastavam as bananas e aquela fruta cinza-oliva parecida



com geleia. Com a lembrança de sua limpeza dos outros tempos como padrão, Ralph olhou-os. Estavam sujos, não com aquela sujeira espetacular de meninos que caíram na lama ou correram patinando nas poças de um dia chuvoso. Nenhum deles pedia tão gritantemente um banho, mas... os cabelos estavam compridos demais, emaranhados aqui e ali, com uma folha seca ou um raminho presos; até que os rostos estavam limpos, graças aos processos de comer e suar, mas tinham marcas nos ângulos menos acessíveis, uma espécie de sombra; as roupas, esfarrapadas,

endurecidas como as dele pelo suor, eram usadas não por pudor ou conforto, mas apenas por hábito; a pele estava ressecada pelo ar marinho...

Descobriu com um leve aperto no coração que aquelas eram as condições que aceitava agora como normais e nada estranhas. Suspirou e afastou a haste de onde tirara uma fruta. Os caçadores já estavam afastando-se para fazer suas necessidades no mato ou mais embaixo, nas rochas. Virou-se e olhou para o mar.

Ali, do outro lado da ilha, a vista era completamente diferente. Os

encantos nebulosos das miragens não podiam resistir às frias águas do oceano e o horizonte era recortado num azul duro. Ralph desviou os olhos para as pedras. Lá, quase ao nível do mar, podia-se seguir a incessante passagem das ondas do mar profundo.

Tinham quilômetros de extensão, aparentemente sem arrebentar e sem as ondulações das águas mais rasas. Passavam ao largo da ilha com um ar de negligência, ocupadas com outra coisa; eram não só um movimento progressivo mas o momentoso fluxo e refluxo de todo o oceano. Agora, o mar sugaria, fazendo cascatas e

cachoeiras de água, se retirando; depois, penetraria além das rochas e alisaria as algas como cabelos brilhantes; depois, ainda, uma pausa, e o mar se recolheria em si mesmo e subiria com um rugido, cobrindo irresistivelmente promontórios e afloramentos, subindo o pequeno recife, lançando, afinal um braço de ondas na arrebentação até se deter a um metro ou pouco mais de Ralph, com dedos de espuma. Onda após onda, Ralph seguiu o fluxo e o refluxo até que algo da natureza remota do mar entorpeceu-lhe o cérebro. Então, gradativamente, a extensão quase

infinita dessas águas obrigou-o a prestar atenção. Aquilo era o divisor, a barreira. Do outro lado da ilha, amenizado ao meio-dia pelas miragens, defendido pelo escudo da tranquila lagoa, podia sonhar com o salvamento, mas ali, ante a brutal insensibilidade do oceano, os quilômetros de distância, sentia-se prisioneiro, sem esperanças, condenado até... Simon falou quase ao seu ouvido. Ralph viu que apertava dolorosamente uma pedra nas mãos: percebeu que seu corpo estava arqueado, que os músculos de seu pescoço estavam contraídos e a boca aberta, tensa.

— Você vai voltar ao lugar de onde veio.

Simon balançava a cabeça ao falar. Estava ajoelhado numa só perna, olhando para baixo, para a pedra que apertava com ambas as mãos. A outra perna chegava à altura da cabeça de Ralph.

Ralph ficou perplexo e procurou alguma pista no rosto de Simon.

— É tão grande, quero dizer...

Simon assentiu.

— Não faz mal. Você vai voltar, eu acho, pelo menos...

Parte da tensão sumira do corpo de Ralph. Deu uma olhada para o mar e sorriu amargamente para Simon.

— Você tem um navio no bolso?  
Simon sorriu e sacudiu a cabeça.

— Como você sabe, hem?

Quando Simon ficou quieto,  
Ralph disse brevemente: — Você  
está maluco.

Simon sacudiu a cabeça  
violentamente, o cabelo negro e  
áspero caindo-lhe no rosto, nesse  
movimento, para trás e para a  
frente.

— Não, não estou. Só pensei que  
você vai voltar.

Por momentos não falaram mais  
nada. Então, sorriram de repente  
um para o outro.

Roger chamou, de uma cova.

— Venham ver!

O chão dava uma volta perto da trilha dos porcos e havia excremento fumegante. Jack inclinou-se sobre aquilo como se o amasse.

— Ralph, precisamos de carne, mesmo que estejamos caçando outra coisa.

— Se não nos desviarmos, caçaremos.

Partiram novamente, os caçadores um pouco arqueados com medo do bicho, enquanto Jack seguia na frente. iam mais devagar do que Ralph gostaria; de certo modo, porém, estava contente por andar lentamente, agitando a lança. Jack estava às voltas com algum



problema da caçada e a procissão parou. Ralph encostou-se numa árvore e imediatamente se entregou ao sonhar acordado. Jack estava encarregado da caçada e haveria tempo de chegar à montanha...

Certa vez, seguindo seu pai de Chatham a Davenport, morara numa casa à beira dos pântanos. Na sucessão de casas que conhecera, essa surgia com singular nitidez porque depois dessa casa foi mandado para a escola. Mamãe ainda estava com eles e papai vinha para casa todo dia. Pôneis selvagens vinham até

a cerca de pedras do fim do jardim e nevava. Bem atrás da casa havia uma espécie de barracão e se podia ficar ali, vendo os flocos de neve passarem girando. Podia-se ver o ponto úmido em que cada floco morria, depois se podia descobrir o primeiro floco que caía sem derreter e ficar olhando o chão embranquecendo completamente. Podia-se entrar em casa quando se sentia frio e ficar olhando pela janela, além daquela brilhante chaleira de cobre e do prato com os homenzinhos azuis...

Quando se ia para casa, havia uma tigela de flocos de milho

com açúcar e leite. E os livros — ficavam numa estante junto à cama, obliquamente, sempre com dois ou três postos lá em cima, porque ele não os quisera colocar de volta ao seu lugar. As pontas das páginas estavam dobradas e as capas tinham riscos. Havia aquele brilhante, resplandecente, sobre Topsy e Mopsy, que nunca lera porque era sobre duas meninas; havia um sobre o Mago, que ele lia com uma espécie de terror contido, pulando a página 27 e a terrível ilustração da aranha; havia um livro sobre gente que desenterrava coisas, coisas egípcias; havia o Livro

infantil dos trens, o Livro infantil dos navios. Nitidamente, apareceram diante dele, se estendesse a mão podia tocá-los, sentir seu peso e perceber como o Livro gigante dos meninos vinha escorregando e caía nas suas mãos... Tudo estava bem; tudo era alegre e amistoso.

Os arbustos estalaram à sua frente. Os meninos saíram desordenadamente da trilha de porcos e se emboscaram nas trepadeiras, gritando. Ralph viu Jack ser empurrado para o lado e cair. Então, apareceu uma criatura pulando pela trilha de porcos na

sua direção, com brilhantes presas e um grunhido intimidante. Ralph viu que podia medir a distância friamente e mirar. Com o javali a uns cinco metros de distância, arremessou a incrível lança de madeira que carregava, viu-a acertar no grande focinho e ficar pendurada ali por um instante. O grunhido virou guincho e o animal se enfiou pelo mato. A trilha se encheu outra vez de meninos que gritavam. Jack veio correndo e enfiou a lança nos arbustos.

— Por aqui...

— Mas ele nos viu!

O javali se afastava. Descobriram

outra trilha paralela à primeira e Jack começou a correr. Ralph estava cheio de medo, apreensão e orgulho.

— Acertei nele! A lança se enfiou no...

Chegaram inesperadamente a um espaço aberto junto ao mar. Jack olhou ansiosamente pela rocha nua.

— Fugiu.

— Acertei nele — disse Ralph de novo —, e a lança se enfiou um pouco.

Sentiu necessidade de testemunhas.

— Você não me viu?  
Maurice fez que sim.

— Eu vi. Bem lá no focinho...

Uuuiii!

Ralph continuou, excitado.

— Acertei-o mesmo. A lança se enfiou. Eu feri!

Sentiu o calor do novo respeito dos outros e achou que afinal a caçada fora uma coisa boa.

— Peguei-o mesmo. Era o bicho, eu acho!

Jack voltou.

— Não era o bicho. Era um javali.

— Acertei nele.

— Por que você não o pegou? Eu tentei...

A voz de Ralph ficou mais alta.

— Mas um javali!

Jack ficou vermelho, de repente.  
— Disse que nos viu, por que o  
acertou? Por que não esperou?  
Estendeu um braço.

— Veja.

Virou o antebraço esquerdo para  
que todos vissem. Na parte  
externa havia um machucado;  
pequeno, mas sangrando.

— Ele fez isso com suas presas.  
Não pude enfiar a lança a tempo.  
As atenções voltaram-se para  
Jack.

— É uma ferida — disse Simon  
—, e você deve chupá-la. Como  
Berengaria.

Jack chupou.

— Acertei nele — disse Ralph,



indignado. — Acertei com minha lança, feri o bicho.

Tentou atrair as atenções.

— Estava vindo pelo caminho.

Lancei, assim...

Robert mostrou-lhe os dentes.

Ralph entrou no brinquedo e todos riram. Acabaram todos atacando Robert que fingia investir.

Jack gritou.

— Façam um círculo!

O círculo moveu-se para a frente e para trás. Robert atacou, fingindo terror, mas depois com dor de verdade.

— Ai! Parem! Estão machucando!  
O cabo de uma lança caiu nas

suas costas enquanto fugia.

— Peguem!

Pegaram-no pelos braços e pernas. Ralph, impelido por uma repentina e violenta excitação, pegou a lança de Eric e atacou Robert.

— Matem! Matem!

De repente, Robert gritava e lutava com força frenética. Jack pegou-o pelo cabelo e brandiu a faca. Atrás dele estava Roger, lutando por chegar mais perto. O canto subiu, ritual, como no último momento de uma dança ou caçada.

— Matem o porco! Cortem a garganta! Tirem o sangue!

Ralph também lutava para chegar mais perto, para atingir um punhado daquela carne bronzeada e vulnerável. O desejo de apertar e machucar era irresistível.

O braço de Jack desceu; o círculo palpitante aplaudiu, imitou os ruídos de porco morrendo. Então ficaram quietos, ofegando, ouvindo os gemidos assustados de Robert. Ele esfregou a cara com um braço sujo e fez um esforço para recuperar sua posição.

— Ai, minha bunda!

Esfregou tristemente o traseiro.

Jack rolou sobre a grama.

— Foi uma boa brincadeira.

— Só uma brincadeira — disse Ralph, preocupado. — Uma vez me machucaram pra valer numa brincadeira assim...

— Deveríamos ter um tambor — disse Maurice —, então poderíamos fazer tudo como se deve.

Ralph encarou-o.

— Como se deve?

— Não sei. É preciso uma fogueira, acho. E um tambor.

Marca-se o ritmo com o tambor.

— É preciso um porco — disse Roger —, como numa caçada de verdade.

— Ou alguém para fingir — disse Jack. — Podíamos arranjar

alguém vestido de porco e ele poderia fingir... bem, fingir que me derrubava e tudo isso...

— Você quer um porco de verdade — disse Robert, ainda esfregando o traseiro —, porque tem de matá-lo.

— Pode-se usar um dos pequenos — disse Jack, e todos riram.

Ralph se sentou.

— Bem. Não vamos achar o que estamos procurando, se continuarmos assim.

Um a um ficaram de pé, alisando os farrapos.

Ralph olhou para Jack.

— Agora, a montanha.

— Não seria melhor voltarmos até onde Porquinho está, antes de escurecer? — disse Maurice.

Os gêmeos fizeram que sim, como se fossem apenas um menino.

— Sim. É mesmo. Podemos subir a montanha amanhã.

Ralph olhou e viu o mar.

— Precisamos acender a fogueira de novo!

— Você está sem os óculos de Porquinho — disse Jack —, não conseguirá acender.

— Então vamos ver se há algo na montanha.

Maurice falou, hesitante, não querendo parecer covarde.

— E se o bicho estiver lá em

cima?

Jack brandiu a lança.

— Nós o mataremos.

O sol parecia ter esfriado um pouco. Jack golpeou o ar com a lança.

— Que estamos esperando?

— Acho — disse Ralph — que se formos pela beira-mar chegaremos bem embaixo do lugar da fogueira. Poderíamos então subir a montanha.

Mais uma vez Jack liderou-os ao longo da sucção e do palpar do mar que cegava.

Mais uma vez Ralph sonhou, deixando seus pés hábeis encarregados das dificuldades do

caminho. Mas os pés pareciam menos hábeis do que antes. Na maior parte do caminho, os meninos resvalaram pela rocha nua perto da água e tiveram de avançar entre as pedras e a luxuriante escuridão da floresta. Havia pequenas escarpas para serem transpostas, algumas para serem usadas como caminhos, compridas travessias onde se empregavam tanto as mãos quanto os pés. Aqui e ali tinham de escalar rochas batidas pelas ondas, pular poças límpidas deixadas pela maré. Chegaram a um canal que dividia a praia estreita como um fosso. Parecia



não ter fundo e olharam  
espantados para a abertura  
sombria onde a espuma  
gorgolejava. Então, a onda  
recuou, o canal ferveu à frente  
deles e a espuma alçou-se até  
onde estavam, deixando-os  
molhados e trêmulos. Tentaram a  
floresta, mas ela era densa e  
cerrada como um ninho de  
pássaros; acabaram tendo de  
pular, um a um, nos momentos em  
que a água recuava; mesmo assim,  
alguns deles levaram outro banho.  
Depois, as rochas pareceram  
cada vez mais inacessíveis: eles  
pararam e se sentaram, secando  
seus farrapos e olhando os

contornos recortados das ondas que se moviam tão lentamente ao largo da ilha. Acharam frutas num lugar habitado por passarinhos brilhantes que enxameavam como insetos. Ralph disse que estavam indo muito devagar. Subiu numa árvore e, abrindo as folhas da copa, viu a cabeça quadrada da montanha ainda bem longe. Então, tentaram correr ao longo das rochas e Robert sofreu um corte feio no joelho; tiveram de reconhecer que o caminho deveria ser percorrido devagar por segurança. Começaram a avançar como se estivessem subindo uma montanha perigosa,

até que as pedras se tornaram uma escarpa inflexível que nascia na selva inacessível e caía a pique no mar.

Ralph olhou criticamente para o sol.

— É quase o fim da tarde. De qualquer forma, já passou da hora do chá.

— Não me lembro dessa escarpa — disse Jack, abatido —, logo, essa deve ser a parte da costa que não percorri.

Ralph concordou.

— Deixe-me pensar.

Nesse instante, Ralph não se sentiu constrangido por pensar em público, nem por enfrentar as

decisões do dia como se estivesse jogando xadrez. O único problema é que nunca fora um bom jogador de xadrez. Pensou nos pequenos e em Porquinho. Nitidamente, imaginou Porquinho sozinho, enfiado no abrigo silencioso, onde só havia o sono de pesadelos.

— Não podemos deixar os pequenos sozinhos com Porquinho. Não a noite toda! Os outros nada disseram, mas o rodearam, olhando.

— Se voltarmos, levará horas. Jack limpou a garganta e falou numa voz afetada e tensa.

— Não devemos deixar que nada

aconteça a Porquinho, não é?  
Ralph bateu nos dentes com a  
ponta suja da lança de Eric.

— Se atravessássemos...

Olhou em volta.

— Alguém tem de cruzar a ilha e  
dizer a Porquinho que voltaremos  
após o escurecer.

Bill falou, como se não  
acreditasse.

— Atravessar a floresta, sozinho?  
Agora?

— Não podemos mandar mais de  
um.

Simon abriu caminho até o  
cotovelo de Ralph.

— Eu vou, se você quiser. Não  
faz mal, mesmo.

Antes de Ralph ter tempo de responder, ele sorriu rapidamente, virou-se e se enfiou na floresta.

Ralph olhou outra vez para um Jack furioso, como se o visse pela primeira vez.

— Jack, aquela vez que você deu a volta pelo castelo de pedra...

Jack olhou-o fixamente.

— Sim?

— Você chegou a uma parte dessa praia, embaixo da montanha, além dali.

— Sim.

— E então?

— Achei uma trilha de porcos. Tinha vários quilômetros.

Ralph balançou a cabeça.

Apontou para a floresta.

— Então a trilha de porcos deve estar aí, em alguma parte.

Todos concordaram,  
judiciosamente.

— Muito bem, vamos por aí até descobrirmos a trilha de porcos.

Deu um passo e parou.

— Esperem um pouco! Onde vai dar a trilha?

— Na montanha — disse Jack. —

Eu lhe disse. — Zombou: —

Você não queria ir para a montanha?

Ralph suspirou, sentindo o antagonismo crescente,  
compreendendo que era assim

que Jack se sentia, sempre que deixava de ser o líder.

— Eu estava pensando na luz.

Iremos aos tropeções.

— Vamos procurar o bicho...

— Não teremos luz bastante.

— Não me importa — disse Jack ardorosamente. — Eu irei quando chegarmos lá. Você não? Será que você prefere voltar para as cabanas e contar tudo a Porquinho?

Agora foi a vez de Ralph corar, mas falou desesperadamente, com o novo entendimento que Porquinho lhe proporcionara.

— Por que você me odeia?

Os meninos agitaram-se,



inquieta, como se alguém tivesse dito algo indecente. O silêncio aumentou.

Ralph, ainda corado e ferido, foi o primeiro a avançar.

— Vamos.

Foi na frente e começou a cortar os cipós. Jack fechava a marcha, deslocado e pensativo.

A trilha era um túnel escuro, pois o sol se dirigia rapidamente para beira-mundo e na floresta sempre abundavam as sombras. A trilha era ampla e batida; correram num passo acelerado e quando o teto de folhas se abriu, pararam, ofegantes, olhando para as poucas estrelas que surgiam em volta do

cimo da montanha.

— Lá está.

Os meninos entreolharam-se, hesitantes. Ralph tomou uma decisão.

— Vamos direto para a plataforma, subiremos amanhã. Houve murmúrios afirmativos, mas Jack estava às suas costas.

— Claro, se você estiver com medo...

Ralph virou-se para ele.

— Quem foi primeiro no castelo de pedra?

— Eu também fui. E era de dia.

— Muito bem. Quem quer subir a montanha agora?

O silêncio foi a única resposta.

— Sameeric. Vocês?  
— Devemos ir avisar Porquinho.  
— ...é, dizer a Porquinho que...  
— Mas Simon foi!  
— Devemos dizer a Porquinho...  
no caso...

— Robert? Bill?  
Estavam querendo voltar à  
plataforma. Não que estivessem  
com medo, claro, só cansados.  
Ralph virou-se para Jack.

— Viu?  
— Eu vou subir a montanha.  
As palavras saíram  
rancorosamente da boca de Jack  
como se fossem uma praga. Olhou  
para Ralph, seu corpo magro se  
retesou, a lança alta como que o

ameaçando.

— Eu vou subir a montanha para procurar o bicho, agora.

Então, a suprema alfinetada, as palavras casuais e ácidas.

— Você vem?

Os outros meninos esqueceram sua vontade de ir embora e se viraram para observar esse novo confronto de dois espíritos, no escuro. A pergunta fora boa demais, venenosa demais, ferinamente intimidante — não precisava ser repetida. Atingiu um Ralph frio, de nervos relaxados, que pensava na volta às cabanas e às tranquilas e amistosas águas da lagoa.

— Tanto faz.

Espantado, ouviu sua voz sair, fria e casual, de forma que o veneno do desafio de Jack perdeu a força.

— Se você não se importa, claro.

— Oh, claro que não.

Jack deu um passo.

— Bem, então...

Lado a lado, observados pelos meninos silenciosos, os dois começaram a subir a montanha.

Ralph parou.

— Somos uns idiotas. Por que só nós dois temos de ir? Se encontrarmos algo, dois não bastarão...

Ouviram o barulho dos passos

dos meninos correndo dali.  
Espantosamente, uma figura  
escura moveu-se em sentido  
contrário.

— Roger?

— Sim.

— Então somos três.

Novamente se puseram a  
caminho, subindo a encosta da  
montanha. A escuridão parecia  
fluir à volta deles como uma  
maré. Jack, que não dissera nada,  
começou a sufocar e tossir, uma  
rajada de vento fez os três  
ficarem engasgados. Os olhos de  
Ralph encheram-se de lágrimas.

— Cinzas. Estamos quase no  
lugar da fogueira.

Seus passos e a brisa ocasional levantavam leves nuvens de pó. Agora que haviam parado de novo, Ralph teve tempo, enquanto tossiam, de lembrar-se como eram tontos. Se não houvesse bicho nenhum, e era quase certo que não havia, tudo bem; mas se houvesse algo esperando no cimo da montanha, de que iria adiantar só três deles, prejudicados pela escuridão e armados só com paus?

— Estamos sendo uns idiotas.

Do escuro veio a resposta.

— Assustado?

Irritado, Ralph se agitou. Era Jack o culpado de tudo.

— Claro que estou. Mas mesmo assim estamos sendo uns idiotas.

— Se você não quiser ir — disse a voz sarcástica —, eu irei sozinho.

Ralph ouviu a frase irônica e odiou Jack. Os olhos ardendo, o cansaço e o medo encheram-no de raiva.

— Vá então! Esperaremos aqui. Houve um silêncio.

— Por que não vai? Está com medo?

Uma mancha no escuro, uma mancha que era Jack, destacou-se e começou a avançar.

— Está certo. Até logo.

A mancha sumiu. Outra tomou seu



lugar.

Ralph sentiu o joelho encostar em algo duro e pressionou um tronco carbonizado, áspero ao contato. Sentiu os restos afiados do que fora uma casca encostados no joelho; percebeu que Roger se sentara, tateou com as mãos e se sentou ao lado dele, enquanto o tronco rolava sobre cinzas invisíveis. Roger, pouco comunicativo por natureza, não disse nada. Não deu qualquer opinião sobre o bicho, nem disse a Ralph por que quisera vir nessa expedição maluca. Simplesmente se sentou e ficou mexendo o tronco para a frente e para trás.

Ralph percebeu um rápido e irritante ruído, notando que Roger estava batendo a sua ridícula lança em alguma coisa.

Então ficaram ali, o furioso Ralph e o impermeável Roger, balançando e batendo; ao redor deles, o céu baixo estava cheio de estrelas, exceto ali onde a montanha cavara um buraco de escuridão.

Houve um leve ruído bem em cima deles, o som de alguém dando passos gigantescos e perigosos na pedra ou na cinza.

Jack descobriu-os e falou, trêmulo, com uma voz quase irreconhecível, parecida com um

coaxar.

— Vi uma coisa lá em cima.

Ouviram-no tropeçar no tronco,  
que balançou violentamente.

Ficou quieto um minuto, depois  
sussurrou.

— Tomem cuidado. Pode ter-me  
seguido.

Uma chuva de cinza caiu sobre  
eles. Jack sentou-se.

— Vi uma coisa inchar lá na  
montanha.

— Você imaginou isso — disse  
Ralph, debilmente. — Nada iria  
inchar. Nenhuma espécie de  
animal.

Roger falou; sobressaltaram-se,  
porque tinham esquecido dele.

— Um sapo.

Jack riu baixinho e estremeceu.

— Uma espécie de sapo. Também tinha um barulho. Uma espécie de “plop”. Então, a coisa inchou.

Ralph surpreendeu-se, não tanto pelo jeito da sua voz, que era o mesmo de sempre, mas pelo desafio que havia nela.

— Vamos dar uma olhada.

Pela primeira vez, desde que conhecera Jack, Ralph pôde sentir que ele hesitava.

— Agora?

A voz de Ralph falou por ele.

— Claro.

Levantou-se e os liderou através das cinzas que estalavam no

escuro.

Agora que sua voz silenciara, ouvia a voz íntima da razão e também outras vozes. Porquinho chamava-o de criança. Outra voz disse-lhe para não ser um idiota; a escuridão e a iniciativa desesperada davam à noite uma irreabilidade semelhante à de uma cadeira de dentista.

Ao chegarem à última encosta, Jack e Roger se aproximaram: de manchas de tinta transformaram-se em figuras visíveis. De comum acordo, pararam e se agacharam juntos. Atrás deles, no horizonte, havia uma mancha de céu mais claro onde a lua sairia dali a um

instante. O vento rugiu na floresta e seus molambos colaram-se no corpo.

Ralph mexeu-se.

— Vamos.

Avançaram rastejando, Roger um pouco atrasado. Jack e Ralph contornaram juntos a saliência da montanha. A superfície brilhante da lagoa estava lá embaixo e além dela havia uma linha comprida e branca: o recife.

Roger juntou-se a eles.

Jack cochichou.

— Vamos rastejar de quatro.

Talvez esteja dormindo.

Roger e Ralph se moveram, deixando Jack desta vez para trás,

apesar de todas as suas valentes palavras. Chegaram ao cume chato onde a pedra era dura demais para mãos e joelhos.

Uma criatura que inchava.

Ralph pôs a mão nas cinzas frias e macias da fogueira e sufocou um grito. Sua mão e o ombro se torceram devido ao contato inesperado. Verdes manchas luminosas de náusea apareceram por um instante e se fundiram na escuridão. Roger estava deitado atrás dele e a boca de Jack junto à sua orelha.

— Lá, onde havia uma abertura na pedra. Uma espécie de corcova, está vendo?

Umas cinzas voaram da fogueira morta para o rosto de Ralph. Não podia ver o buraco nem nada mais, porque as manchas verdes surgiram de novo e aumentaram, enquanto o cimo da montanha parecia deslizar para um lado. Outra vez, de longe, ouviu Jack cochichar.

— Está com medo?

Nem tanto atemorizado quanto paralisado; ficou ali imóvel, no cimo de uma montanha que se mexia e diminuía. Jack afastou-se dele. Roger se levantou, tropeçando, com um arquejo, e avançou. Ralph ouviu-os cochichando.



— Você está vendo alguma coisa?

— Lá...

Na frente deles, a três ou quatro metros, havia uma corcova parecida com uma pedra, onde não deveria haver pedra alguma.

Ralph pôde ouvir um barulho baixinho e inarticulado, vindo de alguma parte, talvez da própria boca, levantou-se à custa de toda sua vontade, fundiu seu medo e repugnância com o ódio e avançou. Deu dois pesados passos para a frente.

Por trás deles, o disco da lua desenhava-se claramente no horizonte. À frente, algo parecido

com um grande macaco estava dormindo sentado, com a cabeça entre os joelhos. Então o vento rugiu na floresta, houve uma confusão na escuridão e a criatura levantou a cabeça, avançando para eles a ruína de um rosto. Ralph viu-se dando pulos gigantescos entre as cinzas, ouviu outras criaturas gritando e saltando, desafiando o impossível na encosta escura; a montanha ficou deserta, a não ser por três paus abandonados e a coisa que se inclinava.

## 8

# Sacrifício para as trevas

Porquinho olhava, com ar infeliz, da praia pálida pela alvorada para a montanha escura.

— Você tem certeza? Mesmo?

— Já lhe disse uma dúzia de vezes — disse Ralph. — Nós o vimos.

— E você acha que estamos seguros aqui?

— Ora, que diabo! Como vou saber?

Ralph afastou-se dele e deu uns passos pela praia. Jack estava ajoelhado, traçando uma figura

circular com seu indicador. A voz de Porquinho chegou até eles, num sussurro.

— Você tem certeza? Mesmo?

— Vá lá em cima e veja — disse Ralph, com desprezo. — E boa viagem.

— Não tenho medo.

— O bicho tem dentes — disse Ralph — e grandes olhos pretos. Tremeu violentamente. Porquinho pegou sua única lente e poliu a superfície.

— Que vamos fazer?

Ralph virou-se para a plataforma. A concha brilhava entre as árvores, uma bolha branca contra o lugar de onde o sol sairia.

Jogou o cabelo para trás.

— Não sei.

Lembrou-se da fuga em pânico,  
montanha abaixo.

— Honestamente, acho que não  
podemos enfrentar uma coisa  
daquele tamanho. Nós falamos,  
mas não enfrentaríamos um tigre.  
Nós nos esconderíamos. Até Jack  
se esconderia.

Jack ainda olhava para a areia.

— E meus caçadores?

Simon saiu sem barulho das  
sombras junto às cabanas. Ralph  
ignorou a pergunta de Jack.

Apontou para os tons amarelados  
sobre o mar.

— Enquanto há luz, somos bem

corajosos. Mas e daí? Agora aquela coisa tomou conta da fogueira, como se não quisesse que sejamos salvos...

Agora, esfregava as mãos, inconscientemente. Sua voz ficou mais alta.

— Logo, não podemos fazer uma fogueira de sinalização... Estamos derrotados.

Uma ponta de ouro apareceu sobre o mar e imediatamente o céu se iluminou.

— E meus caçadores?

— Meninos armados com paus. Jack ficou de pé. Seu rosto estava vermelho enquanto se afastava. Porquinho colocou o óculos e

olhou para Ralph.

— Agora sim. Você insultou os caçadores dele.

— Ora, cale-se!

O som da concha malsoprada interrompeu-os. Como se fizesse uma serenata para o sol nascente, Jack continuou soprando até que as cabanas ficaram agitadas e os caçadores subiram para a plataforma. Os pequenos choramingavam, como faziam agora com frequência. Ralph levantou-se obedientemente e foi com Porquinho até à plataforma.

— Falam — disse Ralph amargamente —, falam, falam, falam.

Pegou a concha de Jack.

— Esta reunião...

Jack interrompeu-o.

— Eu chamei todos.

— Se você não o fizesse, eu faria.

Você só soprou a concha.

— Bem, isso não é chamar?

— Ora, pegue! Vá, fale!

Ralph lançou a concha nos braços de Jack e se sentou no tronco.

— Chamei todos para essa reunião — disse Jack —, por causa de um monte de coisas.

Primeiro, agora vocês sabem, vimos o bicho. Fomos rastejando.

Estávamos a um metro dele. O bicho sentou-se e olhou para nós. Não sei o que faz. Nem sabemos



o que é...

— O bicho vem do mar...

— Do escuro...

— Árvores...

— Quietos! — gritou Jack. —

Ouçam. O bicho está sentado ali,  
o que quer que seja...

— Talvez esteja esperando...

— Caçando...

— Caçando — disse Jack.

Lembrou-se de seus velhos  
tremores na floresta. — Sim. O  
bicho é um caçador. Só... calem-  
se! A próxima coisa é que não  
podemos matá-lo. E a próxima  
coisa é que Ralph disse que meus  
caçadores não servem pra nada.  
— Nunca disse isso!

— Estou com a concha. Ralph acha que vocês são covardes, que fugiram do javali e do bicho. E isso não é tudo.

Houve uma espécie de suspiro na plataforma como se todos soubessem o que iria acontecer.

A voz de Jack continuou, trêmula, mas determinada, lutando contra o silêncio nada propício.

— Ele é como Porquinho. Fala coisas como Porquinho. Não é um bom chefe.

Jack apertou a concha contra o corpo.

— Ele é um covarde.

Por um instante, silenciou, mas depois continuou.

— Lá em cima, quando Roger e eu avançamos, ele ficou para trás.

— Eu também fui!

— Depois.

Os dois meninos entreolharam-se fixamente através de cortinas de cabelo.

— Eu também fui — disse Ralph —, depois corri. Você fez o mesmo.

— Então, me chame de covarde. Jack virou-se para os caçadores.

— Ele não é um caçador. Nunca nos trouxe carne. Não é um prefeito da escola e nada sabemos dele. Só dá ordens e espera que as pessoas obedeçam em troca de nada. Tudo isso que

estou falando...

— Todo esse falatório — gritou Ralph. — Fala, fala! Quem quer ouvir? Quem fez essa reunião? Jack virou-se, corado, queixo abaixado. Seu olhar brilhava sob as sobrancelhas.

— Muito bem então — disse, com um tom de profundo significado e ameaçador. — Muito bem.

Segurou a concha contra o peito com uma mão e agitou o indicador no ar.

— Quem acha que Ralph não deve ser o chefe?

Olhou, em expectativa, para os meninos que o cercavam,

imóveis. Sob as palmeiras, havia apenas um silêncio mortal.

— Levantem as mãos — disse Jack alto. — Quem quer que Ralph não seja o chefe?

O silêncio continuou, sem fôlego, pesado e cheio de vergonha.

Lentamente, o rubor sumiu das faces de Jack, e então voltou com uma violência dolorosa. Passou a língua nos lábios e entortou a cabeça, de modo que seu olhar evitou o embaraço de cruzar com outros olhos.

— Quantos acham...

Sua voz vacilou. As mãos que seguravam a concha tremeram. Deu uma tossidinha e falou alto.

— Muito bem, então.

Pôs a concha cuidadosamente na grama aos seus pés. Lágrimas de humilhação corriam dos cantos dos olhos.

— Não vou mais brincar. Não com vocês.

A maioria dos meninos agora estava olhando para baixo, para a grama a seus pés. Jack limpou a garganta de novo.

— Não vou fazer parte do bando de Ralph...

Olhou pela extensão dos troncos da direita, contando os caçadores que haviam sido um coro.

— Vou ficar sozinho. Ele pode pegar os seus porcos. Quem

quiser caçar quando eu estiver caçando pode vir também. Saiu aturdido do triângulo para a encosta que levava à areia branca.

— Jack!

Jack virou-se e olhou para Ralph. Por um instante, parou, mas depois gritou, esganiçadamente, com raiva.

— Não!

Pulou da plataforma e correu pela praia, sem ligar para o firme fluxo de suas lágrimas. Ralph ficou olhando até que o outro se internou na floresta.

Porquinho estava indignado.

— Eu estou falando com você, Ralph, mas você fica aí assim... Olhando para Porquinho sem vê-lo, Ralph falou baixinho para si mesmo.

— Ele voltará. Quando o sol sumir, ele virá. — Olhou para a concha na mão de Porquinho.

— O quê?

— Ah, bom!

Porquinho desistiu de tentar repreender Ralph. Limpou o vidro outra vez e voltou ao seu assunto.

— Podemos continuar sem Jack Merridew. Há outros além dele nesta ilha. Mas agora temos um bicho de verdade, embora mal



possa acreditar nele; precisamos ficar perto da plataforma; haverá menos necessidade dele e da sua caça. Agora podemos decidir realmente sobre o que está havendo.

— Não adianta, Porquinho. Não podemos fazer nada.

Por um instante, sentaram-se, num silêncio deprimido. Simon levantou-se, afinal, e pegou a concha de Porquinho, que ficou tão espantado a ponto de continuar de pé. Ralph olhou para Simon.

— Simon? O que é agora?

Um som apagado de zombaria passou pelos meninos e Simon

estremeceu.

— Acho que deve haver alguma coisa para fazer. Algo que nós... A pressão dos meninos fez sua voz vacilar novamente. Procurou ajuda e simpatia, escolhendo Porquinho. Virou-se na direção dele, apertando a concha contra seu peito bronzeado.

— Acho que deveríamos subir a montanha.

O círculo estremeceu de medo. Simon não falou mais e se virou para Porquinho, que o olhava com uma expressão de incompreensão divertida.

— Para que subir lá onde está o bicho se Ralph e os outros dois

não puderam fazer nada?

Simon sussurrou uma resposta.

— Que mais podemos fazer?

Acabando de falar, deixou

Porquinho tirar a concha das suas mãos. Então se afastou e se sentou tão longe dos outros quanto possível.

Porquinho falava agora com mais segurança e com prazer — coisa que os outros teriam percebido se as circunstâncias não fossem tão graves.

— Digo que podemos ir em frente sem uma certa pessoa. Agora, digo que precisamos decidir o que iremos fazer. E acho que posso lhes dizer o que Ralph vai

dizer. A coisa mais importante da ilha é a fumaça e não podemos ter fumaça sem uma fogueira.

Ralph fez um movimento intranquilo.

— Ora, Porquinho. Não teremos fogueira. Aquela coisa está sentada lá em cima... precisamos ficar aqui.

Porquinho levantou a concha como que para dar força às suas próximas palavras.

— Não temos fogueira na montanha. Mas que mal há numa fogueira aqui? Podemos fazer uma fogueira nas pedras. Até na areia. Vai fazer fumaça do mesmo jeito.

— É mesmo!

— Fumaça!

— Ao lado da piscina!

Os meninos começaram a gritar.

Só Porquinho poderia ter a ousadia intelectual de sugerir que se mudasse a fogueira.

— Então vamos fazer a fogueira aqui embaixo — disse Ralph.

Olhou em volta. — Podemos fazê-la bem aqui, entre a piscina e a plataforma. Claro...

Interrompeu-se, franzindo a testa, pensando na coisa, mordendo uma unha distraidamente.

— Claro que a fumaça não vai ser grande coisa, não será vista de longe. Mas não precisaremos ir lá

perto; perto do...

Os outros sacudiram as cabeças, compreendendo perfeitamente.

Não seria preciso ir lá perto.

— Vamos fazer a fogueira agora.

As maiores ideias são as mais simples. Agora havia algo para ser feito e trabalharam com empenho. Porquinho estava tão cheio de alegria e liberdade expansiva com a partida de Jack, tão cheio de orgulho por sua contribuição para o bem da sociedade, que ajudou a pegar madeira. A madeira que ele arranjou estava bem perto, uma árvore caída na plataforma, que não era usada para as reuniões.

Mas, para os outros, a santidade da plataforma protegera até o que era inútil ali. Os gêmeos perceberam que agora a fogueira ficaria perto deles, como sinal de tranquilidade na noite; isso fez alguns dos pequenos dançarem e baterem palmas.

A madeira não estava tão seca quanto a que haviam usado na montanha. Parte dela estava úmida e podre, pululante de insetos. Era preciso levantar os troncos do solo com cuidado, senão eles se desfaziam em pó molhado. Além disso, para evitar entrar na floresta, os meninos atarefavam-se com qualquer

madeira caída nas proximidades, mesmo que estivesse envolvida por novos arbustos. As vizinhanças da floresta e da escarpa eram familiares, perto da concha e das cabanas, suficientemente amistosas à luz do dia. Mas ninguém se importava em pensar o que poderia acontecer à noite. Trabalharam assim com grande energia e alegria, embora à medida que o tempo avançava houvesse um toque de pânico na energia e de histeria na alegria. Fizeram uma pirâmide de folhas e ramos, galhos e troncos, na areia perto da plataforma. Pela



primeira vez desde que estava na ilha, Porquinho tirou os óculos, ajoelhou-se e focalizou o sol na lenha. Logo havia um teto de fumaça e um monte de chamas amareladas.

Os pequenos, que haviam visto poucas fogueiras desde a primeira catástrofe, ficaram violentamente excitados.

Dançaram e cantaram: havia um ar de festa no grupo.

Finalmente, Ralph parou de trabalhar e ficou de pé, tirando o suor do rosto com um antebraço sujo.

— Precisamos ter uma fogueira pequena. Esta é grande demais

para tomarmos conta.

Porquinho sentou-se cuidadosamente na areia e começou a limpar sua lente.

— Podemos experimentar.

Podemos fazer uma fogueira pequena e colocar galhos verdes nela para fazer fumaça. Algumas das folhas devem ser melhores que outras para isso.

À medida que a fogueira se apagava, arrefecia a excitação.

Os pequenos pararam de cantar e dançar, espalhando-se na direção do mar, das árvores frutíferas ou das cabanas.

Ralph jogou-se na areia.

— Precisamos fazer uma nova

lista para ver quem vai cuidar do fogo.

— Se puder encontrá-los.

Olhou em volta. Então, pela primeira vez, viu que havia ali poucos dos grandes e entendeu por que o trabalho fora tão duro.

— Onde está Maurice?

Porquinho limpou os óculos de novo.

— Espero... não, ele não entraria sozinho na floresta, não é?

Ralph ficou de pé num pulo, correu em volta da fogueira e voltou para junto de Porquinho, segurando os cabelos.

— Mas precisamos ter uma lista! Você, eu, Sameeric e...

Não olhou para Porquinho, mas falou em tom indiferente.

— Onde estão Bill e Roger?

Porquinho inclinou-se para a frente e pôs um pedaço de madeira na fogueira.

— Espero que tenham ido embora. Espero que também não queiram brincar.

Ralph sentou-se e começou a fazer buraquinhos na areia.

Surpreendeu-se ao ver que um tinha uma gota de sangue.

Examinou suas unhas roídas de perto e viu o pequeno globo de sangue que surgia onde o sabugo fora mordido.

Porquinho continuou a falar.

— Vi-os fugindo quando  
estávamos pegando madeira.  
Foram daquele lado. Do mesmo  
lado que ele foi.

Ralph terminou sua inspeção e  
olhou para cima. O céu, como que  
acompanhando as grandes  
mudanças entre eles, estava  
diferente, tão cheio de nuvens que  
em alguns lugares o ar quente  
parecia branco. O disco do sol  
estava todo prateado como se  
estivesse mais próximo e não tão  
quente, mas o ar estava abafado...

— Estavam sempre dando  
problemas, não é?

A voz vinha de perto do seu  
ombro e parecia ansiosa.

— Podemos passar sem eles.  
Agora vamos ser mais felizes,  
não é?

Ralph sentou-se. Os gêmeos  
chegaram, puxando um grande  
tronco e sorrindo triunfalmente.  
Jogaram o tronco nas brasas e  
voaram centelhas.

— Podemos ir em frente  
sozinhos, não é?

No longo intervalo em que o  
tronco secou, pegou fogo e ficou  
vermelho, Ralph sentou-se na  
areia, sem dizer nada. Não viu  
Porquinho se aproximar dos  
gêmeos e cochichar para eles,  
nem os três entrarem na floresta.  
— Chegamos.

Voltou a si com um sobressalto. Porquinho e os outros dois estavam ao seu lado, carregados de frutas.

— Pensei que deveríamos fazer uma festa — disse Porquinho.

Os três se sentaram. Tinham um monte de frutas com eles, todas bem maduras. Sorriram para Ralph quando ele pegou algumas e começou a comer.

— Obrigado — disse. Então, com a ênfase da surpresa agradável:

— Obrigado!

— Poderemos fazer tudo, nós mesmos — disse Porquinho. — Eles, que não têm senso comum, são os que causam problemas

nesta ilha. Faremos uma fogueira pequena...

Ralph lembrou-se do que o preocupava.

— Onde está Simon?

— Não sei.

— Acha que está subindo a montanha?

Porquinho explodiu numa gargalhada barulhenta e pegou mais fruta.

— Talvez — engoliu o que lhe enchia a boca —, ele é louco.

Simon passara pela área de árvores frutíferas, mas hoje os pequenos estavam ocupados com a fogueira na praia e não o



havam seguido até lá. Continuou, por entre as trepadeiras, até chegar ao grande tapete estendido ao lado da clareira e avançou para dentro. Além da cortina de folhas, a luz do sol caía e as borboletas dançavam no centro a sua dança infinita. Ajoelhou-se e a flecha do sol caiu sobre ele. Naquela vez o ar parecia vibrar com o calor; agora, estava ameaçador. Logo o suor corria do seu comprido e áspero cabelo. Mudou de lugar, inquieto, mas não havia jeito de evitar o sol. Agora, estava com sede, com muita sede. Continuou sentado.

Bem longe, na praia, Jack estava de pé diante de um grupinho de meninos. Parecia brilhantemente contente.

— Caçar — disse. Deu uma olhada neles. Cada um usava os restos de um boné negro e houve um tempo, há séculos, em que se perfilavam em duas fileiras disciplinadas, com uma voz que tinha o som de anjos.

— Vamos caçar. Eu vou ser o chefe.

Concordaram e a crise passou facilmente.

— E agora, o bicho.

Mexeram-se, olhando para a floresta.

— Digo que não vamos nos preocupar com o bicho.

Sacudiu a cabeça para eles.

— Vamos esquecer o bicho.

— Vamos!

— Sim!

— Esquecer o bicho!

Se Jack ficou espantado com o ânimo deles, não demonstrou.

— E outra coisa. Não vamos ficar muito tempo aqui. Estamos quase no fim da ilha.

Cada um deles concordou apaixonadamente do fundo de sua atormentada vida pessoal.

— Ouçam agora. Devemos ir depois para o castelo de pedra. Mas agora vou buscar mais uns

grandes lá na concha. Vamos matar um porco e fazer uma festa. — Fez uma pausa e continuou, mais devagar. — Sobre o bicho. Quando matarmos alguma coisa, vamos deixar uma parte para ele. Então, talvez ele não mexa com a gente.

Levantou-se, abruptamente. — Vamos para a floresta, caçar. Virou-se e correu. Após um momento, todos o seguiram obedientemente.

Espalharam-se, nervosamente, pela floresta. Quase na mesma hora, Jack descobriu as raízes escavadas e espalhadas que indicavam o porco; logo estavam

numa pista fresca. Jack fez um gesto para que todos ficassem quietos e avançou sozinho. Estava feliz e envergava em si a úmida escuridão da floresta como se fosse suas velhas roupas.

Rastejando, desceu uma ladeira que dava nas pedras e árvores espalhadas junto ao mar.

Os porcos estavam lá, sacos inchados de banha, desfrutando sensualmente das sombras das árvores. Não havia vento e não estavam com medo. A prática tornara Jack silencioso como as sombras. Recuou outra vez e deu instruções aos seus caçadores ocultos. Todos rastejaram para a

frente, suando em meio ao silêncio e ao calor. Sob as árvores, um pássaro bateu as asas ociosamente. Um pouco afastada do resto, mergulhada numa profunda beatitude maternal, estava a maior porca da vara. Era preta e rosada, tinha o grande balão da barriga cheio de leitõezinhos que dormiam, enfiavam-se e guinchavam. A 15 metros da vara de porcos, Jack parou. Seu braço, retesando-se, apontou para a porca. Olhou em volta para ver se todo mundo tinha entendido e os meninos sacudiram a cabeça afirmativamente. A fileira de

braços direitos moveu-se para trás.

— Já!

Os porcos saíram correndo; a uma distância de dez metros, as lanças de madeira com pontas endurecidas pelo fogo voaram na direção da porca escolhida. Um leitãozinho, com um guincho enlouquecido, correu para o mar, arrastando a lança de Roger. A porca deu um grunhido entrecortado e saiu correndo, com duas lanças presas no seu flanco. Os meninos gritaram e correram para a floresta, enquanto os leitões se espalharam e a porca rompeu a linha que avançava e se

enfiou pela floresta, esmagando folhas e talos.

— Lá.

Correram pela trilha de porcos, mas a floresta era tão escura e cerrada que Jack, xingando, parou-os e se enfiou por entre as árvores. Não disse nada por um instante, mas respirava furiosamente; os outros se espantaram e se entreolharam com inquieta admiração. Afinal, Jack apontou para o chão com o dedo.

— Ali.

Antes que os outros pudessem examinar a gota de sangue, Jack desviou-se para o lado, examinou



uma pegada, tocou um ramo partido. Então continuou, misteriosamente exato e seguro, enquanto os caçadores trotavam atrás dele.

Parou diante de uma moita.

— Aí dentro.

Cercaram a moita, mas a porca fugiu com outra lança enfiada no seu flanco. Os cabos que arrastava estorvavam-na, e as pontas agudas e cortadas em cruz eram um tormento. Ela bateu numa árvore, enfiando mais uma lança; depois disso, os caçadores puderam segui-la facilmente pelas gotas de sangue vivo. A tarde caía, nebulosa e ameaçadora com

o calor úmido; a porca corria na frente deles, enlouquecida, derramando sangue; os caçadores seguiam-na, ligados a ela pela cobiça, excitados pela longa perseguição e pelo sangue gotejante. Agora podiam vê-la, quase chegaram junto dela, mas ela investiu com suas últimas forças e se afastou de novo.

Estavam perto quando ela correu para uma clareira onde cresciam flores brilhantes e borboletas dançavam no ar quente e imóvel. Ali, abatida pelo calor, a porca caiu e os caçadores lançaram-se sobre ela. A terrível irrupção de um mundo desconhecido tornou-a

frenética; guinchou e pinoteou, o ar se encheu de suor, barulho, sangue e terror. Roger correu em volta do grupo, enfiando a lança onde aparecia carne de porco. Jack estava em cima da porca, golpeando para baixo com a faca. Roger descobriu um lugar para sua lança e começou a enfiar com todo o peso do seu corpo. A lança enterrou-se centímetro por centímetro e o guinchado aterrorizado tornou-se um grito agudo. Então, Jack descobriu a garganta e o sangue quente jorrou em suas mãos. A porca morreu sob eles e os meninos ficaram um pouco sobre ela, pesados e

satisfeitos. As borboletas ainda dançavam, absortas, no centro da clareira.

Por fim, foi sumindo a urgência da morte. Os meninos afastaram-se e Jack ficou de pé, esticando as mãos.

— Vejam.

Deu uma risadinha e mexeu as mãos, enquanto os meninos riam das suas palmas escuras. Jack pegou Maurice e esfregou o sangue nas faces do outro. Roger começou a retirar sua lança e os meninos viram-na pela primeira vez. Robert saudou a operação com uma frase que foi recebida estrepitosamente.

— Bem no cu!

— Ouviram?

— Ouviu o que ele disse?

— Bem no cu!

Desta vez, Robert e Maurice interpretaram os dois papéis.

Maurice, imitando os esforços da porca para evitar a lança foi tão engraçado que os meninos gritaram de tanto rir.

Até isso acabou cansando. Jack começou a limpar as mãos sangrentas na pedra. Depois, foi até a porca, tirou os quentes sacos de entranhas coloridas, empilhando-os na pedra, enquanto os outros o observavam. Falou, enquanto trabalhava.

— Vamos levar a carne para a praia. Vou voltar até a plataforma e convidá-los para uma festa. Isso deve nos dar tempo.

Roger falou.

— Chefe...

— Hem?

— Como é que vamos fazer uma fogueira?

Jack recuou, de cócoras, e franziu a testa para a porca.

— Vamos atacar e pegar o fogo. Irão quatro: Henry e você, Bill e Maurice. Vamos pintar a cara; iremos sem barulho. Roger pode pegar um galho aceso, enquanto eu digo qualquer coisa. O resto pode levar isso para onde

estávamos. Vamos fazer a fogueira lá. Depois...

Fez uma pausa e se levantou, olhando para as sombras sob as árvores. Sua voz ficou mais baixa.

— Vamos deixar parte da caça para o...

Ajoelhou-se de novo e pegou a faca. Os meninos se amontoaram ao seu redor. Falou por sobre o ombro de Roger.

— Afie uma vara com duas pontas.

Levantou-se, segurando a gotejante cabeça da porca.

— Onde está a vara?

— Aqui.

— Enfie uma ponta na terra. Oh, é pedra. Enfie naquele buraco. Aí! Jack segurou a cabeça e forçou a garganta macia para baixo, sobre a ponta da vara, que saiu pela boca. Deu um passo para trás e a cabeça ficou ali, pendurada, com um pouco de sangue escorrendo madeira abaixo.

Instintivamente, os meninos também recuaram. A floresta ficou muito quieta. Tentaram escutar alguma coisa e o barulho mais alto era o zumbido das moscas sobre as entranhas espalhadas.

Jack falou, num sussurro.

— Peguem o porco.



Maurice e Robert enfiaram uma lança na carcaça, levantaram o peso morto e esperaram. No silêncio, de pé sobre o sangue seco, pareciam subitamente furtivos.

— Essa cabeça é para o bicho. É um sacrifício.

O silêncio aceitou a oferenda e os assustou. A cabeça continuou ali, de olhos opacos, como que sorrindo levemente, o sangue escurecendo entre os dentes. Logo começaram a correr o mais depressa possível, através da floresta em direção à praia aberta.

Simon ficou onde estava, uma pequena imagem bronzeada, oculta pelas folhas. Mesmo quando fechava os olhos, a cabeça da porca continuava ali, como uma visão persistente. Os olhos meio fechados eram opacos, com o cinismo infinito da vida adulta. Garantiram a Simon que tudo aquilo fora um mau negócio.

— Sei disso.

Simon descobriu que falara alto. Abriu os olhos e ali estava a cabeça, sorrindo divertida sob a estranha luz do dia, ignorando as moscas, as entranhas espalhadas, ignorando até a indignidade de

estar enfiada numa vara.  
Olhou para longe, passando a  
língua pelos lábios secos.  
Um sacrifício para o bicho. O  
bicho não viria buscá-lo? A  
cabeça, pensou, parecia  
concordar com ele. Fuja, dizia a  
cabeça silenciosamente, vá para  
junto dos outros. Foi uma piada,  
mesmo — por que se preocupar?  
Você só está errado, nada mais.  
Uma pequena dor de cabeça,  
alguma coisa que comeu, talvez.  
Volte, criança, disse a cabeça  
silenciosa.  
Simon olhou para cima, sentindo  
o peso do seu cabelo molhado, e  
fixou o céu. Lá em cima havia

nuvens, grandes torres inchadas que cresciam sobre a ilha, cinzentas, castanhas e cor de cobre. As nuvens estavam apoiadas na terra; esmagavam, produziam aquele calor denso e opressivo, de momento a momento. Até as borboletas desertaram da clareira onde a coisa obscena sorria e gotejava. Simon baixou a cabeça, fechando cuidadosamente os olhos, depois escondeu-os com as mãos. Não havia sombras sob as árvores, mas em toda parte dominava uma quietude no ar transparente e o que era real parecia ilusório e indefinido. A pilha de entranhas

era uma bolha negra de moscas que zumbiam como uma serra. Depois, as moscas descobriram Simon. Fartas, pousaram às margens dos riachos de suor e beberam. Fizeram cócegas sob as narinas e brincaram de pular sela nas suas coxas. Eram inúmeras, pretas e verdes iridescentes. Diante de Simon, o Senhor das Moscas estava pendurado na vara e sorria. Enfim, Simon desistiu e olhou; viu os dentes brancos e os olhos opacos, o sangue — e seu olhar esgazeado prendeu-se àquele reconhecimento antigo e irrecusável. Na têmpora direita de Simon, um latejar começou a

golpear seu cérebro.

Ralph e Porquinho estavam deitados na areia, olhando a fogueira e jogando preguiçosamente pedrinhas nas brasas sem fumaça.

— O galho já queimou.

— Onde está Sameeric?

— Precisamos de mais madeira.

Estamos sem galhos verdes.

Ralph suspirou e se levantou. Não havia sombras sob as palmeiras na plataforma; só a luz estranha que parecia vir de toda parte ao mesmo tempo. Lá do alto, entre as nuvens inchadas, veio uma trovoadas que soou como um

canhão.

— Vai cair uma chuvarada.

— E a fogueira?

Ralph correu para a floresta e voltou com um monte verde que jogou na fogueira. O ramo estalou, as folhas se dobraram e a fumaça amarela subiu.

Porquinho desenhou com os dedos na areia uma figura sem significado.

— O problema é que não temos gente bastante para manter a fogueira. Você deu um turno só a Sameeric. Eles fazem tudo juntos...

— Certo.

— Ora, não é justo. Não vê? Eles

devem ter dois turnos.

Ralph pensou nisso e compreendeu. Ficou envergonhado ao ver como não pensava de maneira adulta.

Suspirou de novo. A ilha estava ficando cada vez pior.

Porquinho olhou para a fogueira.

— Logo vamos precisar de outro galho verde.

Ralph rolou sobre si mesmo.

— Porquinho, que vamos fazer?

— Vamos passar sem eles.

— Mas... a fogueira?

Franziu a testa para a confusão branca e preta em que jaziam as pontas não queimadas dos galhos. Tentou explicar.



— Estou com medo.

Viu Porquinho olhar para cima e seguiu esse olhar.

— Não do bicho. Quero dizer, também dele, mas ninguém mais entende a questão da fogueira. Se alguém joga uma corda quando você está se afogando... se um médico diz “tome isso senão você vai morrer”, você toma, não é? Entendeu?

— Claro que sim.

— Eles não entendem? Não compreendem? Sem o sinal de fumaça iremos morrer aqui! Veja isso!

Uma onda de ar quente tremeu sobre as cinzas, mas sem um traço

de fumaça.

— Não conseguimos deixar uma fogueira acesa. E não se importam. E outra coisa... — Olhou atentamente para o rosto suado de Porquinho.

— E outra coisa, eu não me importo, às vezes. Suponha que eu fique igual aos outros, sem ligar. Que será de nós?

Porquinho tirou os óculos, profundamente perturbado.

— Não sei, Ralph. Precisamos continuar, é tudo. E é isso que os adultos fariam.

Ralph, decidido a libertar-se de sua carga, prosseguiu.

— Porquinho, o que está errado?

Porquinho olhou-o espantado.

— Você quer dizer o...

— Não, isso não... Quero dizer...  
o que fez tudo acabar desse jeito?  
Porquinho limpou os óculos  
devagar e pensou. Quando  
compreendeu até que ponto Ralph  
estava aceitando-o, corou de  
orgulho.

— Não sei, Ralph. Acho que foi  
ele.

— Jack?

— Jack. — Essa palavra também  
estava virando tabu.

Ralph concordou solenemente.

— É — disse. — Acho que deve  
ser.

A floresta perto deles explodiu

em rugidos. Figuras demoníacas com caras brancas, verdes e vermelhas avançaram uivando e os pequenos fugiram, aos gritos. Com o canto do olho, Ralph viu Porquinho correndo. Duas figuras chegaram até a fogueira e ele se preparou para se defender, mas elas pegaram ramos meio acesos e fugiram pela praia. As três outras estavam paradas, olhando para Ralph, e ele viu que a mais alta delas, totalmente nua a não ser pela pintura e pela cinta, era Jack.

Ralph recobrou o fôlego e falou.  
— E então?

Jack ignorou-o, levantou a cabeça

e começou a gritar.

— Ouçam todos. Eu e meus caçadores estamos morando na praia, junto a uma pedra chata. Caçamos, fazemos festas e nos divertimos. Se vocês quiserem entrar na minha tribo, vão até lá. Talvez eu os deixe entrar. Talvez não.

Parou e olhou em torno de si. Estava a salvo da vergonha ou da culpa sob a máscara de pintura e pôde olhá-los, um de cada vez. Ralph estava ajoelhado perto dos restos da fogueira, como um corredor no ponto de largada, com o rosto meio escondido pelo cabelo e pela fuligem. Sameeric

apareceram juntos, de detrás de um tronco de palmeira no limiar da floresta. Um pequeno gritou, agachado e vermelho, perto da “piscina”, e Porquinho estava de pé na plataforma, com a concha branca nas mãos.

— Hoje à noite vamos fazer uma festa. Matamos um porco e temos carne. Podem vir comer conosco, se quiserem.

Nos desfiladeiros de nuvens, o trovão rugiu de novo. Jack e os dois selvagens anônimos estremeeceram, olharam para cima e se tranquilizaram. O pequeno continuava gritando. Jack esperava alguma coisa.

Cochichou urgentemente com os outros.

— Vão agora!

Os dois selvagens murmuraram.

Jack falou asperamente.

Os dois se entreolharam,  
levantaram as lanças juntos e  
falaram ao mesmo tempo.

— O chefe falou.

Então os três se viraram e  
correram para longe.

Ralph levantou-se olhando para  
onde eles haviam sumido.

Sameeric vieram, falando num  
sussurro amedrontado.

— Pensei que fosse...

— ...e eu fiquei...

— ...com medo.

Porquinho ficou acima deles,  
ainda segurando a concha.

— Eram Jack, Maurice e Robert  
— disse Ralph. — Não estão se  
divertindo?

— Pensei que ia ter asma.

— Pro diabo com a sua asma!

— Quando vi Jack, tive certeza  
que ele vinha buscar a concha.

Não sei por quê.

O grupo de meninos olhou com  
respeito afetuosos para a concha.  
Porquinho colocou-a nas mãos de  
Ralph e os pequenos, vendo o  
símbolo familiar, começaram a  
voltar.

— Aqui não.

Virou-se para a plataforma,



sentindo a necessidade de um ritual. Ralph subiu primeiro, abraçando a concha, depois Porquinho, muito sério, os gêmeos, os pequenos e os outros. — Sentem-se todos. Atacaram-nos para pegar o fogo. Estão se divertindo. Mas a...

Ralph espantou-se com a cortina que se movia na sua mente. Havia algo que queria dizer, mas a cortina descera.

— Mas a...

Olharam-no gravemente, ainda sem duvidar da sua capacidade. Ralph tirou o cabelo idiota dos olhos e olhou para Porquinho.

— Mas a... oh, a fogueira! Claro,

a fogueira!

Começou a rir, prosseguindo então de modo fluente outra vez.

— A fogueira é a coisa mais importante da ilha. Sem a fogueira, não poderemos ser salvos. Eu gostaria de me pintar para guerra e ser um selvagem. Mas precisamos deixar a fogueira acesa. A fogueira é a coisa mais importante da ilha, porque... porque...

Fez nova pausa e o silêncio se tornou cheio de dúvida e expectativa.

Porquinho sussurrou logo.

— Salvamento.

— Ah, é. Sem a fogueira não

poderemos ser salvos. Então devemos ficar junto da fogueira e fazer fumaça.

Quando acabou, ninguém disse nada. Após os vários discursos brilhantes que fizera nesse mesmo lugar, suas palavras pareceram insuficientes, mesmo para os pequenos.

Afinal, Bill estendeu as mãos para a concha.

— Não podemos ter a fogueira lá em cima... porque não...

precisamos de mais gente para deixá-la acesa. Vamos à festa; diremos que é difícil para nós cuidar da fogueira. E caçar, tudo isso — ser selvagem, quero

dizer... deve ser bem divertido...

Sameeric pegaram a concha.

— Deve ser divertido como disse Bill... e ele nos convidou...

— ... para uma festa...

— ...carne...

— ... torresmos...

— ...gostaria de um pouco de carne...

Ralph levantou a voz.

— Por que nós não vamos arranjar carne?

Os gêmeos entreolharam-se. Bill respondeu.

— Não queremos entrar na selva.

Ralph fez uma careta.

— Ele... vocês sabem... vai.

— É um caçador. Eles são

caçadores. É diferente.

Ninguém falou por um momento,  
depois Porquinho resmungou para  
a areia.

— Carne...

Os pequenos sentaram-se,  
pensando gravemente na carne e  
nos torresmos. Lá em cima, o  
canhão soou de novo e as secas  
frondes de palmeiras estalaram  
sob uma súbita rajada de vento  
quente.

— Você é um menininho bobo —  
disse o Senhor das Moscas —, só  
um menininho ignorante e bobo.  
Simon mexeu sua língua inchada,  
mas não disse nada.

— Não está de acordo? — disse o Senhor das Moscas. — Você não é só um menininho bobo? Simon respondeu-lhe na mesma voz silenciosa.

— Bem — disse o Senhor das Moscas —, é melhor que vá embora, brincar com os outros. Açam que você não regula bem. Você não quer que Ralph ache isso, não é? Você gosta um bocado de Ralph, não é? E Porquinho, e Jack? A cabeça de Simon estava levemente voltada para cima. Os olhos não podiam se desviar e o Senhor das Moscas pairava no espaço diante dele.

— Que está fazendo aqui sozinho? Não tem medo de mim? Simon fez que não.

— Não há ninguém para ajudar você. Só eu. E eu sou o Bicho. A boca de Simon torceu-se com esforço, produzindo palavras audíveis.

— Uma cabeça de porco numa vara.

— Que engraçado achar que o Bicho é algo que podem caçar e matar! — disse a cabeça. Por um instante, a floresta e todos os outros lugares indistintos ecoaram com a paródia de uma gargalhada.

— Você sabe, não é? Sou parte de você? Quase, quase, quase!

Sou a razão por que ninguém  
pode ir embora? Por que as  
coisas são o que são?

A risada irrompeu de novo.  
— Vá agora — disse o Senhor  
das Moscas. — Volte para junto  
dos outros e vamos esquecer  
tudo.

A cabeça de Simon caiu. Seus  
olhos estavam meio fechados  
como se imitasse a coisa obscena  
na vara. Ele sabia que estava  
perto de um daqueles seus  
problemas. O Senhor das Moscas  
expandiu-se como um balão.

— Isso é ridículo. Sabe  
perfeitamente bem que lá só  
encontrará a mim. Portanto, não



tente escapar!

O corpo de Simon estava arqueado e tenso. O Senhor das Moscas falou com a voz de um professor.

— Isso já foi longe demais.

Minha pobre e desorientada criança, pensa que sabe mais do que eu?

Houve uma pausa.

— Estou avisando. Vou ficar bravo. Vê? Você não é desejado. Entendeu? Vamos nos divertir nesta ilha. Entendeu? Vamos nos divertir nesta ilha! E não tente nada, meu pobre menino desorientado, senão...

Simon descobriu que estava

olhando para uma boca  
escancarada. Havia uma coisa  
escura dentro, uma coisa escura  
que aumentava.

— Senão — disse o Senhor das  
Moscas —, vamos acabar com  
você. Entendeu? Jack, Roger,  
Maurice, Robert, Bill, Porquinho  
e Ralph. Acabar com você.  
Entendeu?

Simon estava dentro da boca.  
Caiu e perdeu a consciência.

## 9

# Visão de uma morte

Sobre a ilha continuava a acumulação de nuvens. Uma constante corrente de ar quente subiu o dia inteiro da montanha, chegando a uns três mil metros; massas giratórias de gás fizeram crescer a estática até que o ar estava pronto para explodir. No fim da tarde, o sol sumiu e um brilho metálico tomou o lugar da clara luz do dia. Até o ar que vinha do mar era quente e não trazia qualquer frescor. As cores sumiram da água, das árvores e

das rosadas superfícies de pedra,  
nuvens brancas e castanhas  
pairavam sobre a ilha.

Nada se desenvolvia ali, a não  
ser as moscas que escureciam seu  
senhor e faziam as entranhas  
espalhadas parecer um brilhante  
montão de carvão. Até mesmo  
quando se rompeu uma veia no  
nariz de Simon e o sangue jorrou,  
elas o deixaram sozinho,  
preferindo o cheiro forte da  
porca.

Com o correr do sangue, o ataque  
de Simon transformou-se no  
cansaço do sono. Dormiu no  
tapete de lianas enquanto a noite  
chegava e o canhão continuava a

troar. Por fim, acordou e viu indistintamente a terra escura perto da sua face. Ainda assim, não se mexeu, ficou lá, com o rosto de lado na terra, os olhos pesadamente fixos na frente.

Virou-se, encolheu as pernas e se apoiou nas plantinhas para se levantar. Quando elas se mexeram, as moscas se irradiaram a partir das entranhas, com um som maligno, mas logo voltaram a pousar. Simon se levantou. A luz era sobrenatural. O Senhor das Moscas estava pendurado na sua vara como uma bola negra.

Simon falou alto para a clareira.

— Que mais se pode fazer?  
Não houve resposta. Simon afastou-se da clareira e se enfiou pelas trepadeiras até chegar à escuridão da floresta. Andou sombriamente por entre os troncos, um rosto inexpressivo, com sangue seco em volta da boca e do queixo. Só às vezes, quando afastava para o lado os cipós pendentes e escolhia seu rumo segundo a inclinação do solo, é que dizia coisas que não chegavam ao ar.

Os cipós já não engalanavam tanto as árvores e surgiu uma luz branca do céu por entre as copas. Era a espinha dorsal da ilha, o

terreno levemente mais alto que ficava sob a montanha, lá onde a floresta não era mais uma mata cerrada. Aqui havia amplos espaços entremeados com moitas e árvores enormes. O chão subia à medida que a floresta se abria. Continuou em frente, cambaleando às vezes de cansaço, mas nunca parando. O brilho habitual sumira de seus olhos e ele andava com uma espécie de determinação displicente, como um velho. Uma rajada de vento fez com que titubeasse, percebendo que estava ao ar livre, sobre pedra e sob um céu metálico. Viu que suas pernas

estavam fracas e que sua língua doía o tempo todo. Quando o vento chegou ao cume da montanha, algo aconteceu: um rápido irromper de azul contra nuvens escuras. Adiantou-se, enquanto o vento soprava novamente, mais forte, inclinando as copas da floresta, e elas se dobraram e rugiram. Simon viu uma coisa encurvada sentar de repente no cimo e olhar para baixo, para ele. Escondeu o rosto e continuou subindo.

As moscas também haviam achado a figura. O movimento quase de coisa viva assustou-as por um momento e elas fizeram



uma nuvem escura ao redor da cabeça. Depois, ao cair o tecido azul do paraquedas, a figura corpulenta inclinou-se para a frente, suspirando, e as moscas pousaram novamente.

Simon sentiu os joelhos baterem numa pedra. Foi em frente e logo compreendeu. A confusão das cordas mostrou-lhe qual era a mecânica dessa paródia; examinou os brancos ossos do nariz, dos dentes, as cores da decomposição. Viu como a borracha e a lona sustentavam impiedosamente o pobre cadáver que deveria estar apodrecendo em outra parte. Então o vento

soprou de novo e a figura se levantou, inclinou-se e lançou em sua direção um cheiro fétido.

Simon ficou de quatro e vomitou até sentir o estômago vazio.

Pegou as cordas e as soltou das pedras, libertando a figura da indignidade do vento.

Enfim, virou-se e olhou para a praia lá embaixo. A fogueira na plataforma parecia ter-se apagado, ou pelo menos não estar mais soltando fumaça. Mais além, na praia, após o riozinho e perto de um grande bloco de pedra, um fiozinho de fumaça subia para o céu. Sem ligar para as moscas, Simon protegeu os olhos com as

mãos e fixou a fumaça. Mesmo àquela distância, era possível ver que a maioria dos meninos — talvez todos — estavam ali. Então haviam mudado de acampamento, para longe do bicho. Quando Simon pensou nisso, virou-se para a pobre coisa arruinada que fedia, sentada ao seu lado. O bicho era inofensivo e horrível; os outros deveriam saber disso o mais depressa possível. Começou a descer a montanha e suas pernas se dobraram. Mesmo com muito esforço, só conseguia cambalear.

— Vou tomar um banho — disse

Ralph —, é a única coisa a fazer.  
Porquinho examinou o céu  
nublado através de sua lente.

— Não estou gostando dessas  
nuvens; lembra-se como chovia  
quando chegamos aqui?

— Vai chover outra vez.

Ralph mergulhou na “piscina”.

Um par de pequenos brincava na  
borda, tentando consolar-se com  
aquela umidade mais quente que o  
sangue. Porquinho tirou os  
óculos, após enfiar um pé  
meticulosamente na água, depois  
recolocou-os...

Ralph surgiu na superfície e  
jogou-lhe um jato de água.

— Cuidado com meus óculos —

disse Porquinho. — Se cair água no vidro, terei de sair para limpá-lo.

Ralph jogou mais água e errou.

Riu para Porquinho, esperando que ele se retirasse humildemente como das outras vezes, com um silêncio magoado. Mas Porquinho começou a bater as mãos na água.

— Pare! — gritou. — Ouviu?

Furioso, jogou água no rosto de Ralph.

— Certo, certo — disse Ralph.

— Calma!

Porquinho parou de bater na água.

— Estou com dor de cabeça.

Gostaria que estivesse mais fresco.

— Eu gostaria que chovesse logo.

— Eu gostaria de ir para casa.

Porquinho deitou-se de costas na ascendente borda de areia da “piscina”. Sua barriga salientou-se e a água logo secou sobre ela. Ralph jogou um jato de água para cima. Podia-se seguir o movimento do sol pela marcha da claridade entre as nuvens.

Ajoelhou-se na água e olhou em volta.

— Onde está todo mundo?

Porquinho sentou-se.

— Talvez estejam deitados nas cabanas.

— Onde está Sameeric?

— E Bill?

Porquinho apontou para além da plataforma.

— Foram para lá. Para a festa de Jack.

— Deixe-os ir — disse Ralph, inquieto. — Não me importo.

— Por um pouquinho de carne...

— E para caçar — disse Ralph, compreensivo —, para fingir que são de uma tribo e usar pintura de guerra.

Porquinho mexeu a areia sob a água e não olhou para Ralph.

— Talvez também devêssemos ir.

Ralph fixou-o rapidamente e Porquinho corou.

— É, só... só para garantirmos que nada vai acontecer.

Ralph lançou outro jato.

Muito antes de Ralph e Porquinho chegarem ao grupo de Jack, puderam ouvir os barulhos da festa. Havia uma extensão gramada num lugar em que as palmeiras deixavam um amplo espaço de vegetação rasteira surgir entre a floresta e a praia. A um passo abaixo do limite desse espaço, ficava a areia branca e solta, onde não chegava a maré, quente, seca e agora cheia de pegadas.

Depois, havia uma pedra que avançava pela lagoa. Mais além, uma curta faixa de areia e a beira da água. Havia uma fogueira



numa pedra e gordura pingando da carne de porco assado nas chamas invisíveis. Todos os meninos da ilha, menos Porquinho, Ralph, Simon e os dois que cuidavam do porco, estavam reunidos na grama. Riam, cantavam, deitados, acocorados ou de pé, com comida nas mãos. Mas a julgar pelas caras lambuzadas, já haviam quase acabado de comer a carne. Alguns seguravam cascas de coco e bebiam. Antes de começar a festa, haviam arrastado um grande tronco para o centro do gramado. Jack, pintado e cheio de grinaldas, estava sentado ali,

como um ídolo. Havia pilhas de carne perto dele, sobre folhas verdes, além de frutas e cascas de coco cheias de água.

Porquinho e Ralph chegaram à beirada da plataforma gramada e os meninos, ao vê-los, calaram-se um a um até que só o menino ao lado de Jack é que continuou falando. Daí, o silêncio chegou até ali e Jack se virou no seu assento. Olhou-os por um momento e o crepitar da fogueira tornou-se o ruído mais alto, sobrepondo-se apenas ao som grave do recife.

Ralph desviou o olhar. Sam, pensando que Ralph virara-se

para ele, acusadoramente, pôs de lado um osso roído, com uma risadinha nervosa. Ralph deu um passo hesitante, apontou para uma palmeira e cochichou algo inaudível para Porquinho e os dois riram igual a Sam. Ralph andava com dificuldade pela areia, levantando bastante os pés. Porquinho tentou assobiar. Neste instante, os meninos que estavam cozinhando na fogueira cortaram um bom pedaço de carne e correram com ele para a praia. Chocaram-se com Porquinho, queimando-o, e Porquinho começou a gritar e pular. Imediatamente, Ralph e

todos os meninos uniram-se, aliviados, numa tempestade de gargalhadas. Novamente, Porquinho era o centro da zombaria comum, de modo que todo mundo se sentiu contente e normal.

Jack levantou-se e brandiu a lança.

— Um pouco de carne para eles. Os meninos que cozinhavam deram a Ralph e a Porquinho suculentos pedaços. Eles pegaram o presente, com as bocas cheias de água. Comeram de pé, sob um céu trovejante e metálico que ressoava à aproximação da tempestade.

Jack brandiu a lança outra vez.  
— Todo mundo comeu quanto quis?

Ainda havia comida chiando nos espetos, amontoadas nas travessas verdes. Traído pelo estômago, Porquinho jogou um osso limpo para a praia e se aproximou, querendo mais.

Jack falou de novo, impaciente.  
— Todo mundo comeu quanto quis?

Sua voz ocultava uma advertência, nascida do orgulho da propriedade, e os meninos comeram depressa, enquanto ainda havia tempo. Vendo que dificilmente iria haver uma pausa

imediate, Jack levantou-se do tronco-trono e passeou pela beirada da grama. Olhou, por trás da sua pintura, para Ralph e Porquinho. Eles recuaram um pouco pela areia e Ralph ficou fixando a fogueira enquanto comia. Percebeu, sem compreender, como agora as chamas estavam visíveis sob a luz opaca. A noite chegara, não com uma beleza calma, mas com a ameaça da violência.

Jack falou.

— Água.

Henry trouxe um coco e ele bebeu, olhando Porquinho e Ralph por sobre a borda melada.

O poder repousava nos músculos bronzeados dos seus antebraços; nos ombros pesava-lhe um arremedo de autoridade a cochichar-lhe ao ouvido.

— Sentem-se todos.

Os meninos arrumaram-se em filas na grama à frente dele, mas Ralph e Porquinho ficaram um pouquinho para baixo, de pé na areia macia. Jack ignorou-os por enquanto, virou a máscara para os meninos sentados e apontou-lhes a lança.

— Quem quer entrar para minha tribo?

Ralph fez um movimento brusco que virou um tropeção. Alguns

dos meninos viraram-se para ele.  
— Eu lhes dei comida — disse Jack —, e meus caçadores vão protegê-los do bicho. Quem quer entrar para minha tribo?

— Eu sou chefe — disse Ralph —, porque vocês me escolheram. E iríamos manter a fogueira acesa. Mas todos fugiram para comer...

— Você também! — gritou Jack.

— Vejam o osso nas mãos dele! Ralph ficou vermelho.

— Eu disse que vocês eram caçadores. É o trabalho de vocês. Jack ignorou-o de novo.

— Quem quer entrar para minha tribo e se divertir?



— Eu sou o chefe — disse Ralph, trêmulo. — E a fogueira? Tenho a concha...

— Você não a trouxe — disse Jack, com desprezo. Você a deixou para trás. Viu, espertinho? E a concha não vale nesta parte da ilha...

Neste instante, soou um trovão. Em vez do som surdo, houve o impacto de uma explosão.

— A concha vale aqui também — disse Ralph. — Na ilha inteira. — E de que adianta isso para você?

Ralph examinou as fileiras de meninos. Eles não ofereciam ajuda; desviou o olhar, confuso e

suado. Porquinho cochichou.

— A fogueira... salvamento.

— Quem quer entrar para minha tribo?

— Eu.

— Eu.

— Eu.

— Vou soprar a concha — disse Ralph, sem fôlego — e fazer uma reunião.

— Não vamos ouvir.

Porquinho tocou o pulso de Ralph.

— Venha. Vai haver confusão. E nós já comemos.

Houve uma faísca de luz brilhante além da floresta e o trovão explodiu de novo. Um pequeno

começou a choramingar. Grandes gotas de chuva caíram entre eles, produzindo sons isolados ao chegar ao chão.

— Vai haver uma tempestade — disse Ralph —, e vai chover como quando chegamos. Quem é o espertinho agora? Onde estão suas cabanas? O que você vai fazer agora?

Os caçadores olhavam inquietos para o céu, vacilando sob os pingos. Uma onda de inquietude fez os meninos se agitarem e andarem sem rumo. A luz indecisa tornou-se mais clara e a trovoada era insuportável. Os pequenos começaram a correr,

gritando.

Jack pulou na areia.

— A dança! Vamos! Dancem!

Correu, tropeçando pela areia funda até o espaço de pedra além da fogueira. Entre os raios, o ar estava escuro e terrível; os meninos seguiram-no aos gritos.

Roger tornou-se o porco, guinchando e investindo contra Jack, que se desviou. Os caçadores pegaram as lanças, os cozinheiros seguraram seus espetos e os outros, pedaços de lenha. Começou o canto e um movimento de cerco. Enquanto Roger imitava o terror do porco, os pequenos corriam e saltavam

fora do círculo. Porquinho e Ralph, sob a ameaça do céu, sentiam-se ansiosos para tomar parte nessa sociedade demente, mas parcialmente segura.

Gostariam de tocar os ombros bronzeados no círculo, que encerrava o terror e o domava.

Matem o bicho! Cortem a garganta! Tirem o sangue!

O movimento tornou-se regular, o canto perdia sua excitação inicial e superficial, e se tornava compassado como um firme pulsar. Roger parou de ser o porco e virou um caçador, deixando vazio o centro do círculo. Alguns dos pequenos

fizeram um círculo próprio e os círculos complementares se fecharam e giraram, como se a repetição pudesse extrair segurança de si própria. Era como a pulsação e a agitação de um único organismo.

O céu escuro foi fendido por uma cicatriz branco-azulada. Um momento após, o barulho estava sobre eles, como o golpe de um chicote gigantesco. O canto subiu de tom, agonizando.

Matem o bicho! Cortem a garganta! Tirem o sangue!

Agora, do terror, irrompeu outro desejo, denso, urgente, cego.

Matem o bicho! Cortem a

garganta! Tirem o sangue!  
De novo, a cicatriz branco-azulada abriu-se sobre eles e a explosão sulfurosa desabou. Os pequenos gritaram e correram loucamente, fugindo da beira da floresta; um deles, de puro pavor, chegou a romper o círculo dos grandes.

— É Ele! É Ele!

O círculo tornou-se uma ferradura. Uma coisa rastejava para fora da floresta. Era escura, indefinida. O grito agudo que surgiu ante o bicho parecia de dor. O bicho precipitou-se na ferradura.

Matem o bicho! Cortem a

garganta! Tirem o sangue!

Acabem com ele!

As lanças caíram e a boca do novo círculo tremulou e gritou. O bicho estava de joelhos no centro, os braços levantados sobre o rosto. Gritava — contra o ruído abominável — algo sobre um cadáver na montanha. O bicho tentou avançar, rompeu o círculo e caiu do lado íngreme da pedra, na areia à beira da água.

Imediatamente, todos o seguiram correndo, saltando da pedra, pulando no bicho, gritando, golpeando, mordendo, rasgando. Não havia palavras, nem movimentos além do ataque dos



dentes e das garras.

Então, as nuvens se abriram e a chuva caiu como uma cachoeira.

A água despejou-se do cimo da montanha, arrancou folhas e ramos das árvores, caiu como uma ducha fria na massa que lutava na areia. A massa se rompeu, algumas figuras se afastaram dela. Só o bicho ficou imóvel, a poucos metros do mar.

Até sob a chuva podiam ver como o bicho era pequeno: seu sangue já estava manchando a areia.

Um vento forte levou a chuva para um lado e para o outro, fazendo a água cascadear nas árvores da floresta. No cimo da

montanha, o paraquedas inchou-se, mexeu-se: a figura resvalou, ficou de pé, girou, desceu, oscilando, na vastidão do ar chuvoso e roçou com seus pés inertes as copas das árvores mais altas; caindo, caindo sempre, rumou para a praia e os meninos fugiram, gritando na escuridão. O paraquedas levou a figura para a frente, abrindo um sulco na lagoa e a fez passar por cima do recife, mar afora.

Por volta da meia-noite, a chuva parou, as nuvens sumiram, o céu se encheu novamente com as incríveis lâmpadas das estrelas.

O vento também amainou e o único barulho era o das gotas e fios de água que corriam pelas gretas e caíam, pingo a pingo, na terra marrom da ilha. O ar estava frio, úmido e limpo; afinal, até o barulho da água parou. O bicho jazia abatido na praia pálida e as manchas aumentaram, centímetro a centímetro.

A beira da lagoa tornou-se uma faixa fosforescente que avançava aos poucos, à medida que fluía a grande onda da maré. A água clara refletia o céu claro e as brilhantes constelações angulares. A linha de fosforescências enfiou-se pelos grãos de areia e

pequenos seixos; sustentou-os numa ondulação de tensão, depois aceitou-os subitamente com uma sílaba inaudível e prosseguiu. Ao longo da linha de charcos da costa, a claridade progressiva estava cheia de estranhas criaturas de corpos banhados de luar, com olhos ardentes. Aqui e ali uma pedrinha maior cobria-se com um manto de pérolas. A maré subia sobre a areia marcada pela chuva e suavizava tudo com uma camada de prata. Tocou a primeira das manchas que se originavam no corpo dilacerado e as criaturas formaram uma silhueta móvel de luz enquanto se

reuniam na beira da água. A maré subiu mais e vestiu com seu brilho o cabelo crespo de Simon. A linha da sua face ficou de prata e a curva do seu ombro tornou-se mármore esculpido. As estranhas e expectantes criaturas, com seus olhos ardentes e rastejando entre o vapor, atarefavam-se em volta da cabeça. O corpo subiu a uma fração de centímetro do chão e uma bolha de ar escapou da boca com um “plop” úmido. Depois, virou-se suavemente na água. Em alguma parte sobre a curva escurecida do mundo, o sol e a lua estavam agindo. A camada de água sobre o planeta cresceu,

inchando ligeiramente num lado,  
enquanto o núcleo sólido girava.  
A grande onda da maré avançou  
ilha adentro e a água subiu.

Lentamente, cercado por uma  
franja de inquisitivas criaturas  
brilhantes, ele próprio uma forma  
prateada sob as imutáveis  
constelações, o corpo morto de  
Simon moveu-se rumo ao alto-  
mar.

# 10

## A concha e os óculos

Porquinho olhou cuidadosamente para a figura que avançava.

Agora, estava percebendo que via mais claramente se tirasse os óculos e colocasse a única lente no outro olho; mas, mesmo pelo olho bom, após o que acontecera, Ralph continuava

inconfundivelmente Ralph. Saiu dos coqueiros, mancando, sujo, com folhas mortas presas na massa de cabelo louro. Um dos olhos era uma fenda na face inchada e havia uma grande casca

de ferida no joelho direito. Parou um instante e fixou a figura na plataforma.

— Porquinho? Só ficou você?

— Há alguns pequenos.

— Não contam. Nenhum grande?

— Oh... Sameeric. Foram pegar madeira.

— Ninguém mais?

— Não que eu saiba.

Ralph subiu cuidadosamente para a plataforma. A grama murcha ainda aparecia onde costumava haver reuniões; a frágil concha branca ainda brilhava no assento polido. Ralph sentou-se na grama diante do lugar do chefe e da concha. Porquinho agachou-se ao



seu lado e houve um longo momento de silêncio.

Afinal, Ralph limpou a garganta e sussurrou algo.

Porquinho sussurrou de volta.

— O que você disse?

Ralph falou.

— Simon.

Porquinho não disse nada, mas assentiu, gravemente.

Continuaram sentados ali, contemplando, sem ver, o lugar do chefe e a lagoa brilhante. A luz verde e as lustrosas manchas de sol brincavam nos seus corpos sujos.

Ralph levantou-se e foi até onde estava a concha. Pegou-a,

acariciando-a com as duas mãos e se ajoelhou, apoiado no tronco.

— Porquinho?

— Hum?

— Que vamos fazer?

Porquinho mostrou a concha.

— Você poderia...

— Fazer uma reunião?

Ralph riu asperamente ao dizer isto e Porquinho franziu a testa.

— Você ainda é o chefe.

Ralph riu novamente.

— Você é. O nosso.

— Estou com a concha.

— Ralph! Pare de rir desse jeito!

Não é preciso, Ralph! O que os outros iriam pensar?

Ralph parou, afinal. Tremia.

— Porquinho.

— Hum?

— Era Simon.

— Você já disse isso.

— Porquinho.

— Hum?

— Foi um assassinato.

— Pare com isso! — disse

Porquinho, agudamente. — Que  
adianta ficar falando assim?

Pulou de pé e olhou para Ralph.

— Estava escuro. Havia aquela...  
aquela dança sanguinária. Havia  
raios, trovões, chuva. Estávamos  
com medo!

— Eu estava com medo — disse  
Ralph, devagar. — Eu estava...  
sei lá como estava!

— Estávamos com medo! —  
disse Porquinho, excitado. —  
Poderia acontecer qualquer coisa.  
Não foi... o que você disse.  
Gesticulou, procurando o que  
dizer.

— Oh, Porquinho!  
A voz de Ralph, baixa e magoada,  
deteve os gestos de Porquinho.  
Ele se inclinou e esperou. Ralph,  
balançando a concha, fez um  
movimento de vaivém.

— Você não compreende,  
Porquinho? O que fizemos...

— Ele ainda deve estar...

— Não.

— Talvez só estivesse fingindo...  
A voz de Porquinho morreu ante a

expressão de Ralph.

— Você estava de fora. Fora do círculo. Nunca entrou mesmo.

Não viu o que nós... o que eles fizeram?

Havia repugnância na sua voz e, ao mesmo tempo, uma espécie de ardente excitação.

— Você não viu, Porquinho?

— Não muito bem. Agora só tenho um olho. Você deveria saber disso, Ralph.

Ralph continuou no seu vaivém.

— Foi um acidente — disse Porquinho, de repente. — Foi isso, um acidente. — Sua voz ficou aguda outra vez. — Veio do escuro... não tinha por que ficar

arrastando-se daquele jeito no escuro. Ele não regulava bem. Foi culpa dele. Fez grandes gestos.

— Foi um acidente.

— Você não viu o que fizeram...

— Olhe, Ralph. Vamos esquecer isso. Não ganharemos nada pensando nisso, não é?

— Estou apavorado. Conosco. Quero ir para casa. Meu Deus, quero ir para casa.

— Foi um acidente — disse Porquinho teimosamente —, foi tudo.

Tocou no ombro nu de Ralph e este tremeu ao contato humano.

— E, Ralph — Porquinho olhou em volta, rapidamente, depois se

inclinou mais para perto —, não vamos dizer que estivemos naquela dança. Não para Sameeric.

— Mas estivemos! Nós todos! Porquinho sacudiu a cabeça.

— Só no fim. Ninguém viu, no escuro. De qualquer forma, você disse que eu estava de fora...

— Eu também — resmungou Ralph —, eu estava de fora também.

Porquinho concordou ansiosamente.

— Viveremos sozinhos, nós quatro...

— Nós quatro. Não somos bastantes para deixar a fogueira

acesa.

— Tentaremos. Viu? Vou acender.

Sameeric vieram arrastando um grande tronco para fora da floresta. Jogaram-no junto da fogueira e se viraram para a “piscina”. Ralph ficou de pé, num salto.

— Ei, vocês dois!

Os gêmeos pararam um instante, depois se aproximaram.

— Eles vão tomar banho, Ralph.

— Melhor esclarecer tudo já.

Os gêmeos estavam muito surpreendidos por ver Ralph.

Ficaram corados e olharam além dele, para o ar.



— Olá. Que bom ver você,  
Ralph.

— Estávamos na floresta...

— ...pegando lenha para a  
fogueira...

— ...nos perdemos ontem à noite.  
Ralph examinou seus dedos dos  
pés.

— Vocês se perderam depois  
da...

Porquinho limpou os óculos.

— Depois da festa — disse Sam,  
numa voz abafada. Eric  
concordou. — É, depois da festa.

— Nós fomos embora logo —  
disse Porquinho rapidamente —,  
porque estávamos cansados.

— Nós também...

— ...logo, logo...

— ...estávamos muito cansados.

Sam tocou um arranhão que tinha na testa e tirou vivamente a mão dali. Eric passou um dedo pelo lábio partido.

— É. Estávamos muito cansados

— repetiu Sam —, e fomos embora logo. Estava boa a...

O ar estava carregado do conhecimento inominável. Sam estremeceu e a palavra obscena escapou dele. — ...dança?

A lembrança da dança que nenhum deles havia visto atingiu-os convulsivamente.

— Fomos embora logo.

Quando Roger chegou ao istmo de terra que ligava o Castelo de Pedra à ilha, não se surpreendeu ao ser detido. Contara, durante a terrível noite, encontrar pelo menos alguns da tribo no lugar mais seguro, protegendo-se dos horrores da ilha.

A voz irrompeu asperamente lá de cima, onde as pedras cada vez menores equilibravam-se umas nas outras.

— Alto! Quem é?

— Roger.

— Pode vir, amigo.

Roger avançou.

— Você podia ver quem eu era.

— O chefe disse para perguntar a

todo mundo.

Roger deu uma olhada.

— Vocês não poderiam me parar se eu quisesse ir em frente.

— Não? Suba aqui e veja.

Roger subiu a escarpa que parecia ter degraus.

— Veja só.

Um tronco fora colocado sob a pedra mais alta e havia outro como ponto de apoio. Robert inclinou-se levemente sobre este e a pedra rangeu. Um esforço decidido faria a pedra cair, trovejando, até o istmo. Roger observou admirado.

— É um chefe legal, não é?

Robert fez que sim.

— Ele vai nos levar para caçar. Sacudiu a cabeça na direção das cabanas distantes, onde um fio de fumaça branca subia para o céu. Roger, sentado na beirada da escarpa, olhou sombriamente para a ilha, enquanto mexia com os dedos num dente amolecido. Seu olhar perdeu-se no cimo da distante montanha e Robert evitou o assunto inominável.

— Ele vai bater em Wilfred.

— Por quê?

Robert sacudiu a cabeça, em dúvida.

— Não sei. Ele não disse. Ficou com raiva e nos mandou amarrar Wilfred. Ele ficou... — deu uma

risadinha de excitação — ele ficou amarrado várias horas, esperando...

— Mas o chefe não disse a razão?

— Eu não ouvi.

Sentado nas enormes pedras sob o sol tórrido, Roger recebeu essa notícia como uma iluminação.

Parou de mexer no dente e ficou ali, assimilando as possibilidades da autoridade irresponsável.

Então, sem uma palavra, desceu para trás das pedras, na direção da caverna e do resto da tribo.

O chefe estava sentado ali, de peito nu, com o rosto pintado de branco e vermelho. A tribo estava

num semicírculo à sua frente.

Wilfred, que acabara de apanhar e já estava livre, fungava ruidosamente no fundo. Roger uniu-se aos outros, de cócoras.

— Amanhã — disse o chefe —, vamos caçar outra vez.

Apontou para um ou outro selvagem com a lança.

— Alguns de vocês ficarão aqui para melhorar a caverna e defender a entrada. Vou levar poucos caçadores comigo e trazer carne. Os defensores da porta não deixarão os outros entrar...

Um selvagem levantou a mão e o chefe virou um rosto pintado e gélido para ele.

— Por que eles iriam tentar entrar, chefe?

O chefe foi vago, mas sério.

— Eles tentarão. Tentarão estragar as coisas que fazemos. Os guardas da entrada precisarão tomar muito cuidado. E além...

O Chefe ficou quieto. Viram um triângulo de rosa espantoso surgir, passar pelos seus lábios e sumir.

— ...e, além disso, o bicho pode tentar entrar. Lembrem-se como ele se arrastava...

O semicírculo estremeceu e resmungou, concordando.

— Ele veio... disfarçado. Pode vir outra vez, embora nós



tenhamos dado a ele a cabeça da nossa caça. Vigiem e tenham cuidado.

Stanley levantou o antebraço da pedra e apontou para cima um dedo interrogativo.

— Que é?

— Mas nós não, nós não...?

Retorceu-se e baixou os olhos.

— Não!

No silêncio que se seguiu, cada selvagem escapou da sua memória individual.

— Não! Como poderíamos... matar... ele?

Meio aliviados, meio apavorados pela possibilidade de novos terrores, os selvagens ficaram

murmurando outra vez.

— Vamos deixar a montanha de lado — disse o chefe solenemente —, e dar a ele a cabeça do que matarmos.

Stanley levantou o dedo de novo.

— Acho que o bicho se disfarça sozinho.

— Talvez — disse o chefe. Uma especulação teológica surgia aí.

— De qualquer modo, é melhor ficarmos do lado dele. Não sabemos o que pode fazer.

A tribo considerou isto e se abateu como sob uma rajada de vento. O chefe viu os efeitos das suas palavras e parou de repente.

— Mas amanhã vamos caçar e,

quando tivermos carne, faremos uma festa...

Bill levantou a mão.

— Chefe.

— Sim?

— Que vamos usar para acender o fogo?

O rubor do chefe foi oculto pela argila branca e vermelha. No silêncio incerto, a tribo começou a murmurar outra vez. Então, o chefe levantou a mão.

— Vamos pegar o fogo dos outros. Ouçam. Amanhã vamos caçar e arranjar carne. Hoje à noite irei com dois caçadores... quem?

Maurice e Roger levantaram as

mãos.

— Maurice...

— Sim, chefe.

— Onde está a fogueira deles?

— No mesmo lugar, perto da  
pedra do fogo.

O chefe concordou.

— Os outros podem dormir assim  
que o sol sumir. Mas nós três,  
Maurice, Roger e eu, temos o que  
fazer. Vamos partir antes do  
crepúsculo...

Maurice levantou a mão.

— Mas e se encontrarmos...

O chefe pôs a objeção de lado.

— Vamos pela areia. E se ele  
vier, faremos nossa... nossa dança  
de novo.

— Só nós três?

De novo o murmúrio cresceu e se extinguiu.

Porquinho estendeu os óculos a Ralph e esperou para receber novamente sua visão. A madeira estava úmida e era a terceira vez que acendiam. Ralph recuou, de pé, falando para si mesmo.

— Não queremos outra noite sem fogueira.

Olhou em volta, de modo culpado, para os outros três meninos. Era a primeira vez que admitia a dupla função da fogueira. Certamente, uma era mandar uma coluna de fumaça

sinalizadora; mas a outra era ser uma espécie de lar agora e uma segurança até que dormissem.

Eric soprou na madeira até haver um brilho e uma chamazinha. Uma fumaceira branca e amarela subiu para o céu. Porquinho pegou os óculos de volta e olhou com prazer para a fumaça.

— Se pudéssemos fazer um rádio!

— Ou um avião...

— ...ou um barco.

Ralph recorreu ao seu decadente conhecimento do mundo.

— Poderíamos ser aprisionados pelos vermelhos.

Eric puxou o cabelo para trás.

— Seria melhor que...

Ele não iria citar nomes e Sam acabou a sentença para ele, sacudindo a cabeça, ao longo da praia.

Ralph lembrou-se da desajeitada figura num paraquedas.

— Ele disse alguma coisa sobre um homem morto... — Corou penosamente pela confissão de ter estado na dança. Fez rápidos movimentos de exortação para a fumaça, com seu corpo. — Não pare, vá, para cima!

— A fumaça está diminuindo.

— Precisamos de mais madeira, mesmo molhada.

— Minha asma...

A resposta foi mecânica.

— Pro diabo com sua asma.

— Se eu trazer troncos, minha asma vai piorar. Gostaria que não, Ralph, mas é o que acontecerá.

Os três foram para a floresta e pegaram montes de madeira podre. A fumaça subiu novamente, amarela e densa.

— Vamos arranjar comida.

Juntos, foram até as árvores frutíferas, carregando as lanças, falando pouco, fartando-se rapidamente. Quando saíram da floresta, o sol estava se pondo e não havia mais fumaça, apenas brasas brilhando na fogueira.

— Não posso trazer mais lenha



— disse Eric. — Estou cansado.  
Ralph limpou a garganta.

— Lá em cima ela ficava sempre  
acesa.

— Lá era pequena. Mas esta tem  
de ser grande.

Ralph jogou um pedaço de  
madeira no fogo e viu a fumaça  
que subia sob o crepúsculo.

— Precisamos deixá-la acesa.

Eric jogou-se no chão.

— Estou muito cansado. E o que  
adianta?

— Eric! — gritou Ralph, em tom  
chocado. — Não fale assim!

— Ora, o que adianta?

Ralph, indignado, tentou lembrar.  
Havia alguma coisa de bom sobre

uma fogueira. Uma coisa muito, muito boa.

— Ralph já falou demais sobre isso — disse Porquinho, pensativo. — De que outro jeito poderemos ser salvos?

— Claro! Se não fizermos fumaça...

Agachou-se diante deles no crepúsculo cada vez mais avançado.

— Não entendem? Que adianta ficar sonhando com rádios e barcos?

Estendeu a mão e apertou os dedos até cerrar o punho.

— Só há uma coisa que podemos fazer para sair dessa trapalhada.

Qualquer um pode brincar de caçar, qualquer um pode arranjar carne...

Olhou o resto de cada um deles. Então, nesse momento de maior paixão e convicção, aquela cortina desceu em sua cabeça e ele esqueceu para onde ia.

Ajoelhou-se, o punho cerrado, olhando solenemente para cada um. Daí, a cortina se abriu.

— Oh, sim. Portanto temos de fazer fumaça, e mais fumaça...

— Mas não a conseguimos manter acesa! Veja só!

O fogo estava morrendo ao lado.

— Dois para cuidar do fogo — disse Ralph, meio para si. — São

12 horas por dia.

— Não podemos trazer mais madeira, Ralph...

— Não na escuridão...

— Não à noite...

— Podemos acendê-la a cada manhã — disse Porquinho. — Ninguém vai ver fumaça no escuro.

Sam concordou vigorosamente.

— Era diferente quando a fogueira era...

— ...lá em cima.

Ralph levantou-se, sentindo-se curiosamente indefeso ante a escuridão crescente.

— Vamos deixar o fogo apagar, só esta noite.

Liderou a marcha para o primeiro abrigo, que ainda resistia, embora avariado. As camas de folhas lá estavam, secas e barulhentas ao toque. Na cabana vizinha, um pequeno falava dormindo. Os quatro grandes rastejaram para dentro e se enfiaram entre as folhas. Os gêmeos juntos, Porquinho e Ralph na outra ponta. Por um momento, houve o contínuo revirar e estalar das folhas, enquanto eles procuravam uma posição.

— Porquinho.

— Hem?

— Tudo bem?

— Acho que sim.

Afinal, a não ser por um estalar ocasional, a cabana ficou quieta. Um quadrilátero de escuridão, interrompido por brilhantes lantejoulas, situava-se diante deles e dali vinha o som cavo de arrebentação no recife. Ralph preparou-se para seu jogo noturno de faz de conta...

Faz de conta que pudessem ser transportados para casa num jato: antes da manhã iriam descer naquele grande aeroporto de Wiltshire. Pegariam um carro; não, para que as coisas fossem perfeitas, iriam de trem; viajariam assim até Devon, até aquela casa outra vez. Então, no

fim do jardim, os pôneis selvagens viriam e olhariam por sobre a cerca...

Ralph virou-se, inquieto, entre as folhas. Dartmoor era um lugar selvagem e os pôneis também. Mas a atração do lugar selvagem sumira...

Passou a imaginar uma cidade civilizada onde não existisse selvageria. O que poderia ser mais seguro que uma estação de ônibus, com suas lâmpadas e rodas?

Imediatamente, Ralph dançava em volta de um poste de luz. Havia um ônibus saindo da estação, um ônibus estranho...

— Ralph! Ralph!

— Que foi?

— Não faça barulho assim...

— Desculpe!

Da escuridão do outro extremo da cabana chegou um lamento terrível e Ralph e Porquinho se viraram assustados nas suas folhas. Sam e Eric, abraçados, estavam lutando.

— Sam! Sam!

— Ei! Eric!

Tudo ficou quieto outra vez.

Porquinho falou baixinho para Ralph.

— Precisamos sair daqui.

— O quê?

— Precisamos ser salvos.



Pela primeira vez nesse dia,  
apesar da escuridão dominante,  
Ralph riu.

— É sim — cochichou

Porquinho. — Se não voltarmos  
logo para casa, ficaremos loucos.

— Birutas.

— Pirados.

— Aloprados.

Ralph tirou o cabelo úmido dos  
olhos.

— Escreva uma carta para sua  
tia.

Porquinho pensou seriamente  
nisso.

— Não sei onde ela está agora. E  
não tenho selo nem envelope.  
Aqui não há caixas de correio.

Nem carteiros.

O sucesso dessa piadinha dominou Ralph. Suas risadas tornaram-se incontroláveis, seu corpo dobrava-se e retorcia-se. Porquinho interrompeu-o dignamente.

— Não disse nada de tão engraçado...

Ralph continuou a rir até sentir o peito doendo. As gargalhadas cansaram-no. Ele se deitou, sem fôlego e inerte, esperando o próximo espasmo. Durante uma dessas pausas, foi dominado pelo sono.

— ...Ralph! Você está fazendo barulho outra vez. Fique quieto,

Ralph... porque...

Ralph virou-se entre as folhas.

Tinha motivos para estar  
agradecido por seu sonho ter sido  
interrompido. Aquele ônibus  
estava mais perto e mais distinto.

— O quê?... por quê?

— Fique quieto... e ouça.

Ralph deitou-se cuidadosamente,  
acompanhado por um grande  
suspiro das folhas. Eric balbuciou  
algo e ficou quieto. A escuridão,  
a não ser a inútil área de estrelas,  
era espessa como um cobertor.

— Não ouço nada.

— Ouça. Ouça por algum tempo.

Claramente, enfaticamente,  
apenas a um metro ou pouco mais

da cabana, um ramo estalou. O sangue rugiu novamente nas orelhas de Ralph, imagens confusas atropelavam-se na sua mente. Um conjunto dessas coisas rondava os abrigos. Podia sentir a cabeça de Porquinho no seu ombro e a garra convulsiva de sua mão.

— Ralph! Ralph!

— Cale-se e ouça.

Desesperadamente, Ralph rezou para que o bicho preferisse os pequenos.

Uma voz sussurrou horivelmente lá fora.

— Porquinho... Porquinho...

— Ele veio! — ofegou

Porquinho. — Existe!

Apertou-se junto a Ralph e conseguiu recobrar o fôlego.

— Porquinho, venha aqui fora.

Quero você, Porquinho.

A boca de Ralph estava junto ao ouvido de Porquinho.

— Não diga nada.

— Porquinho, onde está você, Porquinho?

Algo se chocou contra a parte de trás da cabana. Porquinho ficou parado por um momento, então teve um ataque de asma. Arqueou as costas e caiu entre as folhas.

Ralph rolou, afastando-se dele.

Então, veio o maligno grunhido da boca do abrigo, as investidas e

golpes de coisas vivas. Alguém tropeçou em Ralph e o lugar de Porquinho tornou-se uma confusão de gritos, pontapés e braços que voavam. Ralph deu um soco; ele e o que parecia uma dúzia dos outros começaram a rolar pelo chão, dando socos, mordendo, unhando. Arranharam-no e o sacudiram, sentiu uns dedos na sua boca e os mordeu. Um punho afastou-se e voltou como um pistão, fazendo a cabana toda explodir em luzes. Ralph caiu de lado em cima de um corpo que se torcia e sentiu um hálito quente na face. Começou a socar a boca sob ele, usando o

punho fechado como um martelo; bateu mais e mais, com apaixonada histeria, à medida que a cara ficava pegajosa. Um joelho meteu-se entre suas pernas e ele caiu para o lado, mergulhado em dor, e a luta veio para cima dele. O abrigo desmoronou, sufocando, e as formas anônimas lutaram para sair. Figuras escuras escaparam dos escombros e fugiram. Afinal, deu para ouvir os gritos dos pequenos e os arquejos de Porquinho.

Ralph disse, com voz trêmula.  
— Vocês, pequenos, vão dormir. Tivemos uma briga com os outros. Vão dormir agora.

Sameeric chegaram perto e olharam para Ralph.

— Vocês estão bem?

— Acho que sim...

— ...me acertaram.

— Eu também. E Porquinho?

Tiraram Porquinho debaixo dos destroços e o encostaram numa árvore. A noite estava fria e livre de terrores imediatos. A respiração de Porquinho foi melhorando.

— Está machucado, Porquinho?

— Só um pouco.

— Foram Jack e seus caçadores

— disse Ralph amargamente. —

Por que não podem deixar a gente em paz?



— Nós também demos o que pensar a eles — disse Sam. A honestidade obrigou-o a continuar. — Pelo menos, você deu. Eu me encostei num canto. — Acertei bem um deles — disse Ralph. — Quebrei a cara dele. Ele não vai querer brigar com a gente nunca mais.

— Eu também — disse Eric. — Quando acordei, alguém me chutou a cara. Minha cara está cheia de sangue, acho. Mas, Ralph, eu acabei batendo nele. — O que você fez?

— Levantei o joelho — disse Eric com orgulho simples. — Acertei-o no saco. Precisava ver

como gritava! Esse também não vai voltar tão cedo. Até que não fizemos um papel feio.

Ralph moveu-se subitamente na escuridão; mas ouviu Eric mexendo na boca.

— Que foi?

— Um dente mole.

Porquinho encolheu as pernas.

— Está bem, Porquinho?

— Pensei que eles queriam a concha.

Ralph correu pela praia pálida e pulou para a plataforma. A concha ainda brilhava junto ao lugar do chefe. Olhou-a por um momento, depois voltou até onde estava Porquinho.

— Não levaram a concha.

— Eu sei. Eles não vieram pela concha. Vieram por outra coisa, Ralph — o que vou fazer?

Bem longe, nos confins da praia, três figuras trotavam rumo ao Castelo de Pedra. Mantinham-se afastadas da floresta e caminhavam junto à água. De vez em quando, cantavam baixinho; de vez em quando, jogavam pedras que saltavam sobre a faixa móvel de fosforescências. O chefe liderava-as, avançando firmemente, exultante na sua vitória. Agora era um chefe de verdade. Golpeou o ar decididamente com a lança. Na

sua mão esquerda, estavam os  
óculos quebrados de Porquinho.

# 11

## Castelo de Pedra

No breve frio da aurora, os quatro meninos se reuniram em volta da massa negra que fora a fogueira, enquanto Ralph se ajoelhava e soprava. Cinzas leves como plumas cinzentas redemoinharam sob seu corpo, mas nenhuma centelha brilhou entre elas. Os gêmeos olhavam ansiosamente e Porquinho sentava-se inexpressivo por trás da luminosa muralha da sua miopia. Ralph continuou a soprar até seus ouvidos retinirem com o

esforço, mas então o primeiro vento da manhã assumiu o trabalho e o cegou com as cinzas. Ele recuou, agachado, xingando e esfregando as lágrimas que brotavam dos seus olhos.

— Não adianta.

Eric olhou-o através de uma máscara de sangue seco.

Porquinho virou-se para a direção aproximada de Ralph.

— Claro que não adianta, Ralph. Agora não temos fogo.

Ralph aproximou o rosto a meio metro do de Porquinho.

— Você pode me ver?

— Um pouco.

Ralph deixou que a inchação da

face lhe fechasse o olho novamente.

— Levaram nosso fogo.

A raiva enchia sua voz.

— Roubaram-no!

— Foram eles — disse

Porquinho. — Eles me cegaram.

Viram? Foi Jack Merridew. Faça

uma assembleia, Ralph,

precisamos decidir o que fazer.

— Uma reunião só para nós?

— É tudo que temos. Sam, deixe-me segurar em você.

Subiram para a plataforma.

— Sobre a concha — disse

Porquinho. — Sobre o mais alto que puder.

A floresta ecoou, pássaros

levantaram voo, gritando das copas, como naquela primeira manhã, há séculos. A praia estava deserta de ambos os lados.

Alguns pequenos vieram das cabanas. Ralph sentou-se no tronco polido e os outros três sentaram-se à sua frente. Fez que sim, e Sameeric sentaram-se à direita. Ralph pôs a concha nas mãos de Porquinho. Este segurou cuidadosamente a coisa brilhante e piscou para Ralph.

— Vamos, diga o que quer.

— Eu estou com a concha para dizer isto. Não consigo mais ver e preciso dos meus óculos de volta. Foram feitas coisas terríveis



nesta ilha. Votei em você para chefe. Você foi o único que fez alguma coisa. Então, fale agora, Ralph. Diga-nos o que... Ou então...

Porquinho interrompeu-se, choramingando. Ralph pegou a concha, enquanto ele se sentava. — Apenas uma fogueira comum. Vocês acharam que poderiam fazer isso, não é? Apenas um sinal de fumaça para que fôssemos salvos. Somos selvagens ou o quê? Só que agora não há sinal nenhum. Podem estar passando navios. Lembra-se como ele foi caçar e o fogo apagou quando um navio passou

aqui perto? E tudo que pensam é que ele é um chefe melhor. Então houve, houve... foi culpa dele, também. Se não fosse ele, nunca teria acontecido. Agora, Porquinho não enxerga e eles vieram roubar... — Ralph falou mais rápido e mais alto. — ...À noite, no escuro, e roubaram nosso fogo. Roubaram. Nós teríamos dado fogo a eles se pedissem. Mas eles roubaram nosso fogo. Roubaram. Nós teríamos dado fogo a eles se pedissem. Mas eles roubaram e o sinal se apagou, poderemos nunca ser salvos. Não veem o que isso quer dizer? Nós teríamos dado

fogo, mas eles roubaram. Eu...  
Parou, vacilante, com a cortina  
caindo na sua mente. Porquinho  
estendeu as mãos para a concha.  
— O que vai fazer, Ralph? Isso é  
só falatório, sem decidir. Quero  
meus óculos.

— Estou tentando pensar.  
Poderíamos ir como éramos,  
lavados e penteados... afinal, não  
somos selvagens na verdade e  
sermos salvos não é um  
brinquedo...

Tocou a face inchada e olhou  
para os gêmeos.

— Poderíamos nos arrumar um  
pouco e ir...

— Devemos levar lanças —

disse Sam. — Até Porquinho.

— ...porque podemos precisar delas.

— Você está sem a concha!

Porquinho levantou a concha.

— Podem levar lanças se quiserem, mas eu não. Para quê? De qualquer modo, terei de ser levado, como um cachorro. É, riam. Vamos, riam. Aí estão os que riem de tudo nesta ilha. E o que aconteceu? O que os adultos irão pensar? O menino Simon foi assassinado. E havia aquele outro menino com a marca na cara.

Quem o viu desde que chegamos aqui?

— Porquinho! Pare um instante!

— Estou com a concha. Eu vou até aquele Jack Merridew dizer isso. Vou, sim.

— Você vai se machucar.

— O que mais ele pode fazer? Eu lhe direi sobre o que aconteceu aqui. Deixe-me levar a concha, Ralph. Eu lhe mostrarei a única coisa que ele não pegou.

Porquinho parou e olhou em torno para as figuras indistintas. A forma da antiga reunião, marcada na grama, escutava-o.

— Vou até ele com esta concha nas mãos. Irei com ela. Saibam, vou dizer: você é mais forte que eu e não tem asma. Pode ver, com os dois olhos, é o que vou dizer.

Mas não estou pedindo meus óculos de volta como um favor. Não peço que você seja um bom amigo, direi, não porque você seja forte, mas porque o que é certo é certo. Dê-me meus óculos. Isso é que eu vou dizer, você precisa dá-los para mim.

Porquinho terminou, corado e trêmulo. Passou rapidamente a concha para as mãos de Ralph, como se quisesse ver-se livre dela e enxugou as lágrimas dos olhos. A luz verde caía suave sobre eles e a concha ficou aos pés de Ralph, frágil e branca. Uma gota que escapou dos dedos de Porquinho brilhava na

delicada curva como uma estrela. Enfim, Ralph sentou-se ereto e puxou o cabelo para trás.

— Muito bem. Quero dizer... pode tentar, se quiser. Iremos com você.

— Ele vai estar pintado — disse Sam, timidamente. — Você sabe como ele...

— Não pensará grande coisa de nós...

— ...se ficar bravo, a coisa pode piorar...

Ralph olhou para Sam, franzindo a testa. Vagamente, lembrou-se de algo que Simon lhe dissera certa vez, nas pedras.

— Não seja bobo — disse. E

acrescentou logo. — Vamos!

Deu a concha a Porquinho, que corou, desta vez de orgulho.

— Você deve levá-la.

— Quando estivermos prontos, eu a levarei...

Porquinho procurou em seu íntimo as palavras para expressar essa apaixonada disposição de levar a concha desafiando tudo.

— Não faz mal. Ficarei contente, Ralph, só que você tem de me levar.

Ralph pôs a concha de volta no tronco brilhante.

— Vamos comer antes.

Andaram até as devastadas árvores frutíferas. Porquinho foi



ajudado para pegar a comida e também usou o tato. Enquanto comiam, Ralph pensou na tarde. — Iremos como éramos antes. Lavaremos...

Sam engasgou-se e protestou.

— Mas tomamos banho todo dia! Ralph olhou para os sujos objetos diante dele e suspirou.

— Precisamos pentear o cabelo. Só que está muito comprido.

— As minhas meias estão na cabana — disse Eric. —

Poderíamos usá-las na cabeça, como gorros, não é?

— Poderíamos achar alguma coisa — disse Porquinho — para prender o cabelo atrás.

— Que nem uma menina!

— Não. Claro que não.

— Então devemos ir como estamos — disse Ralph. — Eles não estarão melhor.

Eric deteve-os com um gesto.

— Mas eles estarão pintados!

Você sabe como é...

Os outros concordaram.

Compreendiam muito bem a libertação para a selvageria representada pela pintura.

— Bem, não iremos pintados — disse Ralph —, porque não somos selvagens.

Sameeric se entreolharam.

— Mesmo assim...

Ralph gritou.

— Sem pintura!

Tentou recordar.

— Fumaça — disse —, queremos fumaça.

Virou-se ativamente para os gêmeos.

— Eu disse “fumaça”!

Precisamos ter fumaça.

Fez-se silêncio. Ouvia-se apenas o murmúrio incontável das abelhas. E Porquinho acabou falando, amavelmente.

— Claro que teremos. Porque a fumaça é um sinal e não poderemos ser salvos se não tivermos fumaça.

— Eu sei! — gritou Ralph. Tirou o braço de Porquinho. — Você

está querendo dizer...

— Só estou dizendo o que você sempre diz — disse Porquinho rapidamente. — Pensei por um instante que...

— Não — disse Ralph, alto. — Eu sabia disso o tempo todo. Não esqueci. — Porquinho concordou, complacente.

— Você é o chefe, Ralph. Você se lembra de tudo.

— Eu não esqueci.

— Claro que não.

Os gêmeos examinaram Ralph curiosamente, como se o vissem pela primeira vez.

Partiram pela praia em fila

indiana. Ralph era o primeiro, mancando um pouco, a lança sobre um dos ombros. Via as coisas parcialmente, através da trêmula neblina do calor que subia das areias brilhantes, através do seu cabelo comprido e dos inchaços. Atrás, vinham os gêmeos, um pouco preocupados, mas cheios de inextinguível vitalidade. Falavam pouco, mas arrastavam os cabos das suas lanças de madeira, porque Porquinho descobrira que, olhando para baixo, protegendo seu olhar fatigado do sol, podia vê-los movendo-se pela areia. Andava entre os cabos

arrastados, portanto, com a concha bem segura entre suas mãos. Os meninos compunham um pequeno grupo compacto que se movia pela praia, quatro sombras chatas que dançavam e se confundiam abaixo deles. Não havia sinais da tempestade da noite e a praia estava limpa e aplainada como uma lâmina amolada. O céu e a montanha estavam a imensa distância, tremulando sob o calor. O recife levitava com a miragem, flutuando numa espécie de lago prateado a meio caminho do céu. Passaram pelo lugar onde a tribo dançara. Os ramos carbonizados

ainda estavam nas pedras, lá onde houvera fogo antes de cair a chuva, mas a areia junto à água estava lisa outra vez. Passaram por lá em silêncio. Ninguém duvidava de que a tribo estaria no Castelo de Pedra; quando o viram, pararam como que de acordo. A mata mais densa da ilha, uma massa de caules retorcidos, verdes, negros e impenetráveis estava à esquerda deles e a grama alta balançava-se à sua frente. Ralph seguiu em frente.

Ali estava a grama amassada onde haviam ficado quando ele fora explorar. Lá estava o istmo

de terra, o caminho ao pé da  
pedra, lá em cima estavam os  
espiões avermelhados.

Sam tocou seu braço.

— Fumaça.

Havia um fiozinho de fumaça  
ondulando no ar do outro lado da  
pedra.

— Uma fogueira... não sei.

Ralph virou-se.

— Por que estamos nos  
escondendo?

Atravessou a cortina de plantas e  
entrou na pequena clareira que  
levava ao estreito istmo.

— Vocês dois vêm atrás. Eu na  
frente, depois Porquinho logo  
atrás de mim. Fiquem com as



lanças prontas.

Porquinho fitava ansiosamente sob o véu luminoso que havia entre ele e o mundo.

— É seguro? Não há um barranco aí? Posso ouvir o mar...

— Fique junto a mim.

Ralph adiantou-se, rumo ao istmo. Chutou uma pedra e ela caiu na água. Então o mar retirou-se, revelando uma pedra vermelha e cheia de algas a uns 12 metros abaixo, à esquerda de Ralph.

— Não há perigo? — queixou-se Porquinho. — Estou com medo... Bem lá em cima, dos cimos, veio um grito repentino e uma imitação de grito de guerra respondido por

umas 12 vozes por trás da pedra.  
— Dê-me a concha e fique parado.

— Alto! Quem vem lá?

Ralph inclinou a cabeça para trás e viu a face escura de Roger em cima.

— Você pode ver quem eu sou!

— gritou. — Deixe de ser bobo!

Pôs a concha nos lábios e começou a soprar. Apareceram uns selvagens, pintados e irreconhecíveis, descendo pelo caminho do contorno até o istmo. Estavam com lanças e se colocaram para defender a entrada. Ralph continuou soprando, ignorando os terrores

de Porquinho.

Roger gritou.

— Não se aproximem!

Afinal, Ralph tirou os lábios da concha e fez uma pausa para recobrar o fôlego. Suas primeiras palavras foram um arquejo, embora audível.

— ...fazer uma reunião.

Os selvagens que guardavam a entrada resmungaram entre si, mas não se mexeram. Ralph deu uns dois passos para a frente.

Uma voz cochichou ansiosamente atrás dele.

— Não me largue, Ralph.

— Ajoelhe-se — disse Ralph, de lado — e espere até eu voltar.

Parou na metade do istmo e olhou atentamente para os selvagens. Libertados pela pintura, haviam prendido os cabelos e estavam mais confortáveis que ele. Ralph resolveu prender os seus, depois. Na verdade, sentia desejo de lhes dizer que esperassem um pouco e prender os cabelos ali mesmo, mas isso era impossível. Os selvagens zombaram um pouco e um deles ameaçou Ralph de longe, com a lança. Lá em cima, Roger tirou as mãos da alavanca e se inclinou para ver o que estava acontecendo. Os meninos no istmo ficaram no lago da sua própria sombra, reduzidos

aparentemente a cabeças hirsutas.  
Porquinho, agachado, mostrava as costas informes como um saco.

— Estou chamando para uma reunião.

Silêncio.

Roger pegou uma pedrinha e a jogou entre os gêmeos, errando de propósito. Eles se sobressaltaram e Sam quase perdeu o equilíbrio.

Uma obscura fonte de poder começou a pulsar no corpo de Roger.

Ralph falou de novo, alto.

— Estou chamando para uma reunião.

Passou os olhos por eles.

— Onde está Jack?

O grupo agitou-se e se consultou. Uma cara pintada falou, com a voz de Robert.

— Está caçando. E disse para não deixarmos vocês entrarem.

— Eu vim por causa da fogueira

— disse Ralph — e dos óculos de Porquinho.

O grupo diante dele mudou de posição e uma gargalhada irrompeu dele, um riso leve, excitado, que foi ecoando por entre as pedras altas.

Uma voz falou por trás de Ralph.

— O que você quer?

Os gêmeos passaram correndo por Ralph e ficaram entre ele e a entrada. Ele se virou vivamente.

Jack, identificável pela personalidade e pelo cabelo ruivo, aproximava-se, vindo da floresta. Um caçador de cada lado, agachado. Os três estavam mascarados de verde e preto.

Atrás deles, na grama, o corpo decapitado e inchado de uma porca jazia onde o haviam deixado.

Porquinho choramingou.

— Ralph! Não me deixe!

Com cuidado ridículo, ele abraçou a rocha, colando-se a ela, tendo aos pés, lá embaixo, o mar semovente. Os risinhos dos selvagens se transformaram em altas gargalhadas de deboche.

Jack gritou por sobre o barulho.  
— Vá embora, Ralph. Fique na sua parte da ilha. Esta é a minha ponta e a minha tribo. Deixe-me em paz.

As gargalhadas morreram.

— Você pegou os óculos de Porquinho — disse Ralph, sem fôlego. — Você precisa devolvê-los.

— Preciso? Quem disse?

O temperamento de Ralph explodiu.

— Eu digo! Vocês votaram em mim para chefe. Não ouviu a concha? Foi uma sujeira o que você fez... daríamos fogo a você, se pedisse...



O sangue fluiu para suas faces e o olho semicerrado latejou.

— Você poderia vir quando quisesse. Mas não. Você veio escondido como um ladrão e roubou os óculos de Porquinho!

— Repita isso!

— Ladrão! Ladrão!

Porquinho gritou.

— Ralph! Pense em mim!

Jack dobrou-se para a frente e deu uma lançada no peito de Ralph. Este vislumbrou o movimento do braço de Jack e pressentiu a posição da arma; desviou o golpe com o cabo da sua lança. Deu uma volta e acertou um golpe na orelha de

Jack. Estavam corpo a corpo, a respiração entrecortada, empurrando e se entreolhando com olhos faiscantes.

— Quem é ladrão?

— Você!

Jack torceu o corpo, libertando-se, e atacou Ralph com a lança. De comum acordo, estavam usando as armas como sabres, sem se expor às pontas mortais. O golpe sacudiu a lança de Ralph e, escorregando, atingiu-lhe os dedos, dolorosamente. Então se afastaram mais uma vez, com as posições invertidas: Jack do lado do Castelo de Pedra e Ralph de costas para a ilha.

Os dois arfavam pesadamente.

— Venha, seu...

— Venha...

Defrontaram-se ferozmente, mas guardando distância segura.

— Venha cá para ver o que é bom!

— Venha você...

Porquinho, colado ao solo, tentava atrair a atenção de Ralph. Ralph movia-se, inclinado, com o olhar cansado em Jack.

— Ralph... lembre-se por que viemos. A fogueira, meus óculos. Ralph assentiu. Relaxou seus músculos, ficou ereto e fincou o cabo da lança no chão. Jack olhava-o inescrutavelmente

através da pintura. Ralph deu uma olhada para o alto, depois para o grupo de selvagens.

— Ouçam. Viemos dizer isto.

Primeiro, vocês têm de devolver os óculos de Porquinho. Sem óculos ele não enxerga. Não é uma brincadeira...

A tribo de selvagens pintados deu uma risadinha e a mente de Ralph vacilou. Puxou o cabelo louro para trás e olhou para a máscara verde e preta à sua frente, tentando lembrar-se de como era Jack.

Porquinho cochichou.

— E a fogueira.

— Oh, sim. E agora, a fogueira.

Já disse isso. Desde que chegamos, estou dizendo isso. Levantou a lança e apontou para os selvagens.

— A única esperança é termos uma fogueira de sinalização sempre que houver luz para se ver. Então, talvez, um navio poderá perceber a fumaça e virá nos salvar e nos levar para casa. Mas sem essa fumaça, teremos de esperar que um navio apareça aqui por sorte. Talvez sejam anos de espera, até ficarmos velhos... A gargalhada trêmula, cristalina e irreal dos selvagens espalhou-se e ecoou ao morrer. Um golpe de fúria atingiu Ralph. Sua voz

estalou.

— Não entendem, seus idiotas pintados? Sam, Eric, Porquinho e eu não somos suficientes.

Tentamos deixar a fogueira acesa, mas não conseguimos. E daí, vocês, brincando de caçar...

Apontou por cima deles para onde se dispersava o fiozinho de fumaça no céu esbranquiçado.

— Vejam aquilo! Chamam isso de sinal? É uma fogueira para cozinhar. Vocês comem e pronto, não há mais fumaça. Não compreendem? Pode haver um navio lá...

Parou, derrotado pelo silêncio no anonimato do grupo pintado que

guardava a entrada. O chefe abriu uma boca rosada e disse a Sameeric que estavam entre ele e sua tribo.

— Vocês dois. Voltem.

Ninguém respondeu. Os gêmeos, confusos, entreolharam-se; Porquinho, tranquilizado agora que cessara a violência, tinha-se levantado com cuidado. Jack olhou para Ralph e depois para os gêmeos.

— Agarrem-nos!

Ninguém se mexeu. Jack gritou furiosamente.

— Eu disse agarrem-nos!

O grupo pintado cercou Sameeric nervosa e desajeitadamente.

Outra vez irrompeu aquela risada cristalina.

Sameeric protestaram, em nome da civilização.

— Ora, que é isso?

— ...realmente!

Tiraram-lhes as lanças.

— Amarrem-nos!

Ralph gritou desesperado contra a máscara verde e negra.

— Jack!

— Vamos. Amarrem os dois!

O grupo pintado sentiu então que Sameeric eram estranhos: sentiu o poder nas suas mãos. Derrubaram os gêmeos com jeito rude e excitado. Jack estava inspirado. Sabia que Ralph tentaria uma



reação. Descrevendo um círculo zunidor, lançou um golpe para trás e Ralph mal pôde se esquivar. Além deles, a tribo e os gêmeos eram um amontoado barulhento e agitado. Porquinho agachou-se de novo. Os gêmeos ficaram estendidos, espantados, e a tribo cercou-os. Jack virou-se para Ralph e falou por entre os dentes.

— Viu? Eles fazem o que eu quero.

Silêncio novamente. Os gêmeos ficaram deitados, mal-amarrados e a tribo observava Ralph para ver o que ele iria fazer. Ele os contou através da sua franja e deu

uma olhada para a fumaça ineficaz.

Explodiu de novo. Gritou para Jack.

— Você é uma besta, um porco, um desgraçado e sujo ladrão!

E atacou.

Jack, sentindo que chegara a hora, atacou também. Chocaram-se e recuaram. Jack deu um soco em Ralph e o acertou na orelha.

Ralph pegou Jack na barriga e o fez grunhir. Então se encararam de novo, ofegantes e furiosos, mas temendo a ferocidade um do outro. Perceberam o barulho que era o fundo da luta, os gritos constantes da tribo, agudos e

animados, atrás deles.

A voz de Porquinho chegou até Ralph.

— Deixe-me falar.

Ficou de pé entre a poeira da luta e, quando a tribo percebeu sua intenção, a torcida transformou-se numa grande vaia.

Porquinho levantou a concha e a vaia diminuiu um pouco, mas depois voltou a soar alto.

— Estou com a concha!

Gritou.

— Eu estou falando: estou com a concha!

Surpreendentemente, fez-se silêncio; a tribo estava curiosa por ouvir a coisa engraçada que

ele tinha para dizer.

Silêncio e pausa. Mas no silêncio, um estranho barulho no ar soou perto da cabeça de Ralph. Ele não prestou muita atenção e o barulho se repetiu. Um fraco “Zup!”. Alguém jogava pedras; Roger atirava-as, com uma mão ainda na alavanca. Embaixo dele, Ralph era um monte de cabelo e Porquinho um saco de banha.

— Vou falar agora. Vocês estão agindo como um bando de crianças.

A vaia voltou, mas morreu quando Porquinho levantou a concha branca e mágica.

— O que é melhor? Ser um bando

de índios pintados como vocês ou ser razoável como Ralph?

Levantou-se um grande clamor entre os selvagens. Porquinho gritou de novo.

— Que é melhor? Ter regras e segui-las ou caçar e matar?

Outra vez o clamor, de novo um “Zup!”.

Ralph gritou contra o barulho.

— O que é melhor? A lei e o salvamento, ou caçar e destruir?

Agora, Jack estava gritando também e Ralph não pôde mais se fazer ouvir. Jack recuara até onde estava a tribo e formavam uma sólida massa ameaçadora que eriçava as lanças. A intenção de

uma carga crescia neles; estavam decididos a varrer o istmo. Ralph enfrentava-os de pé, um pouco para o lado, com a lança pronta. A seu lado, Porquinho segurava o talismã, a frágil e brilhante beleza da concha. A tempestade de sons fustigava-os, como uma maldição do ódio. Bem lá em cima, Roger, com uma sensação de delirante abandono, pousou todo seu peso na alavanca.

Ralph ouviu a grande rocha bem antes de vê-la. Percebeu um estremecimento do solo na planta dos pés e o som de pedras que se quebravam no alto do espigão. Então, a monstruosa coisa

vermelha ricocheteou no istmo e ele se atirou ao chão enquanto a tribo guinchava.

A rocha abateu-se sobre Porquinho num golpe fulgurante, em cheio, do queixo aos joelhos; a concha explodiu em mil fragmentos brancos e deixou de existir. Porquinho, sem dizer nada, sem tempo nem para um protesto, foi projetado no ar para um lado, virando sobre si mesmo. A rocha ricocheteou duas vezes e se perdeu na floresta. Porquinho caiu 12 metros e bateu com as costas na pedra quadrada e vermelha do mar. Sua cabeça partiu-se e dela saiu algo que se

avermelhou. Os braços e pernas de Porquinho mexeram-se um pouco, como os de um porco após ser morto. Daí, o mar subiu de novo, num longo e lento suspiro; a água ferveu branca e rosada sobre a rocha. Quando voltou, num ruído de sucção, o corpo de Porquinho sumira.

Desta vez, o silêncio era completo. Os lábios de Ralph formaram uma palavra, mas não produziram som algum.

De repente, Jack pulou para a frente da tribo e começou a gritar selvagemente.

— Viu? Viu? Isso é o que você conseguiu! Isso é o que quis



dizer! Não há mais tribo para  
você! A concha acabou...  
Correu para a frente, curvado.  
— Eu sou o chefe!

Malignamente, sem titubear,  
lançou a lança contra Ralph. A  
ponta arranhou pele e carne nas  
costelas de Ralph, depois perdeu  
a força e caiu no mar. Ralph  
tropeçou, sem sentir dor, apenas  
pânico; a tribo, agora gritando  
como o chefe, começou a  
avançar. Outra lança, esta curva,  
que não vinha em linha reta,  
passou junto ao seu rosto e outra  
caiu do alto, onde Roger estava.  
Os gêmeos estavam deitados,  
ocultos pela tribo e as anônimas

faces demoníacas enxameavam pelo istmo. Ralph virou-se e correu. Um grande barulho, como de gaivotas, cresceu atrás dele. Obedeceu a um instinto que não sabia possuir e se precipitou no espaço aberto, de modo que as lanças caíram longe. Viu o corpo decapitado da porca e pulou na hora exata. Depois, amassando folhas e raminhos, sumiu na floresta.

O chefe, detido pelo porco, virou-se e levantou as mãos.

— Voltem! Voltem para o forte!  
A tribo voltou ruidosamente para o istmo onde Roger juntou-se a eles.

O chefe falou-lhe com fúria.  
— Por que não está vigiando?  
Roger olhou-o gravemente.  
— Eu só descí...

O horror do carrasco em torno dele. O chefe não disse mais nada a ele, apenas olhou para Sameeric.

— Vocês têm de entrar na tribo.  
— Deixe-me ir embora...  
— ...eu também.

O chefe pegou uma das poucas lanças que restavam e espetou as costelas de Sam.

— O que você quer dizer? — disse ferozmente o chefe. — O que vocês queriam, vindo com

lanças? O que quer dizer não querendo entrar para a tribo?

A lança agora se movia ritmadamente. Sam gritou.

— Não é desse jeito.

Roger chegou junto do chefe, quase roçando seu ombro. Os gritos pararam, Sameeric ficaram olhando para cima, em silencioso terror. Roger avançou para eles, como alguém que detém uma obscura autoridade.

# 12

## Gritos de caçadores

Ralph estava sob uma moita, pensando nas suas feridas. Um círculo de carne machucada com vários centímetros de diâmetro aparecia nas costelas direitas. Uma cicatriz inflamada e ensanguentada mostrava onde a lança o acertara. O cabelo estava sujo e emaranhado como as lianas de uma trepadeira. Estava coberto de arranhões e cortes devido à sua fuga através da floresta. Agora, sua respiração voltara ao normal, e já decidira que teria de

esperar para banhar os ferimentos. Como se pode ouvir pés nus quando se está na água? Como se pode estar a salvo junto ao riozinho ou na praia aberta? Ralph procurou escutar. Não estava muito longe do Castelo de Pedra e, durante o pânico inicial, pensou ouvir sons de perseguição. Mas os caçadores só haviam chegado à beirada da selva, talvez para recuperar as lanças, depois correram de volta para a pedra ensolarada, como se estivessem aterrorizados pela escuridão sob as folhas. Até vira um deles, com listras no corpo, marrons, pretas e vermelhas.

Pensou que era Bill. Mas, repensou melhor, não era Bill. Era um selvagem cuja imagem não se ajustava ao antigo aspecto de um menino de calça curta e camisa.

A tarde morria; as manchas circulares de sol moviam-se constantemente pelas frondes verdes e cascas marrons, mas nenhum som vinha da Pedra.

Afinal, Ralph saiu, arrastando-se de sob as samambaias, e deslizou até a beira daquele impenetrável muro de plantas que defrontava o istmo de terra. Observou com muito cuidado por entre os galhos e pôde ver Robert sentado, de

sentinela no cimo do espigão.  
Tinha uma lança na mão e com a direita jogava uma pedrinha para cima e a pegava no ar. Por trás dele, subiu uma espessa coluna de fumaça. As narinas de Ralph farejaram e sua boca se encheu de água. Esfregou o nariz e a boca com as costas da mão e, pela primeira vez desde a manhã, sentiu fome. A tribo deveria estar sentada em volta do porco destripado, vendo a gordura pingar e queimar entre as cinzas. Deveriam estar concentrados. Outra figura, irreconhecível, apareceu ao lado de Robert e lhe deu alguma coisa, depois se virou



e voltou para trás da pedra.

Robert deixou a lança na pedra ao seu lado e começou a mastigar entre as mãos levantadas. Então a festa estava começando e tinham dado uma porção ao sentinela.

Ralph viu que por enquanto estava a salvo. Tomou a direção das árvores frutíferas, levado pelo pensamento daquela fraca refeição, mas amargurado ao se lembrar da festa. Festa hoje, amanhã...

Argumentou, sem se convencer, de que iriam deixá-lo em paz, talvez até o fizessem um proscrito. Mas então vinha o fatal e irracional conhecimento. A

destruição da concha e as mortes de Porquinho e Simon pairavam sobre a ilha como um vapor.

Aqueles selvagens pintados iriam cada vez mais longe. Depois, a indefinível relação entre ele e Jack; aquele nunca o deixaria em paz, nunca.

Parou, com o corpo cheio de pontos de luz, segurando um ramo, preparado para passar sob ele. Um espasmo de terror fulminou-o: estremeceu e gritou alto.

— Não. Eles não são tão maus assim. Foi um acidente.

Passou por baixo do ramo, correu vacilando, depois parou e se pôs

à escuta.

Chegou às devastadas áreas de frutas e comeu vorazmente. Vira dois pequenos e, sem ter qualquer ideia da sua própria aparência, ficou imaginando por que eles gritaram e correram.

Quando acabou de comer, foi até à praia. O sol estava caindo obliquamente por entre as palmeiras, junto à cabana desmoronada. Lá estavam a plataforma e a “piscina”. A melhor coisa a fazer era ignorar aquele peso no coração e recorrer ao senso comum, à sensatez dada pela luz do dia. Agora que a tribo comera, era hora de tentar outra

vez. De qualquer forma, não podia ficar ali a noite inteira, numa cabana vazia ao lado da plataforma deserta. Sua pele se eriçou e ele tremeu sob o sol da tarde. Nada de fogueira, nada de fumaça, nada de salvamento. Ele se virou e se enfiou, mancando, pela floresta, rumo à extremidade da ilha que pertencia a Jack. Os raios oblíquos de luz solar perdiam-se entre os galhos. Afinal, chegou a uma clareira onde a rocha impedia que a vegetação crescesse. A clareira agora era um lago de sombras e Ralph quase se escondeu por trás de uma árvore ao notar algo que

se alçava no centro; mas então viu que a cara branca era só osso: a caveira de porco sorria para ele da ponta de uma vara. Andou devagar para o centro da clareira e olhou firmemente para a caveira que brilhava, branca como a concha, parecendo rir-se dele, cinicamente. Uma formiga exploradora atarefava-se numa das órbitas, mas não havia na coisa qualquer outro sinal de vida.

Ou havia?

Sentiu pequenos arrepios correrem por suas costas de cima abaixo. Ficou ali, com a caveira quase ao nível do seu rosto, e

passou as mãos no cabelo. Os dentes sorriam, as órbitas vazias pareciam sustentar com facilidade seu olhar, imperiosamente.

Que era isso?

A caveira olhava Ralph como alguém que soubesse todas as respostas e não as revelasse. Um medo doentio e fúria invadiram-no. Golpeou ferozmente aquela coisa nojenta na sua frente; ela oscilou como uma marionete e caiu para trás, ainda rindo na sua cara. Ele deu mais um soco na caveira e gritou de nojo. Daí, lambeu os nós dos dedos magoados e olhou para a vara nua; a caveira partida sorria

agora a uns seis metros dele.  
Arrancou do buraco a vara que vibrava e segurou como uma lança entre ele e os destroços brancos. Então, recuou, sem tirar os olhos da caveira que jazia rindo para o céu.

Quando o esplendor verde desapareceu do horizonte e a noite caiu totalmente, Ralph chegou outra vez à mata na frente do Castelo de Pedra. Espreitando, pôde ver que a elevação ainda estava ocupada e quem quer que estivesse lá em cima estava com a lança pronta.

Ajoelhou-se entre as sombras e sentiu amargamente seu

isolamento. Eles eram selvagens, é verdade; mas eram humanos e os medos emboscados na noite profunda estavam se aproximando.

Ralph gemeu fracamente. Embora cansado, não podia relaxar e cair num poço de sono, por temer a tribo. Não seria possível ir ousadamente até o forte e dizer... “eu quero paz”, rir levemente e dormir entre os outros? Fingir que ainda eram meninos, escolares que diziam “Senhor? Sim, senhor”, e usavam bonés? À luz do dia poderia responder que sim, mas as trevas e os horrores da morte disseram não. Estendido



ali, na escuridão, ele sabia que era um proscrito.

“Porque não perdi a cabeça.”

Esfregou a face contra o antebraço, sentindo o acre cheiro de sal, suor e sujeira rançosa. À esquerda, as ondas do oceano respiravam, sugavam, depois ferviam outra vez sobre a rocha.

Havia sons provenientes de detrás do Castelo de Pedra.

Escutando com atenção, afastando a mente do balanço do mar, Ralph pôde perceber um ritmo familiar.

Matem o bicho! Cortem a garganta! Tirem o sangue!

A tribo estava dançando. Em alguma parte do outro lado dessa

muralha de pedra, havia um círculo escuro, uma fogueira brilhante e carne. Estavam saboreando a comida e o conforto da segurança.

Um barulho próximo fez com que estremecesse. Uns selvagens subiram pelo Castelo de Pedra, até o cimo, e ele pôde ouvir as vozes. Avançou uns poucos metros e viu a forma deles lá no cume da rocha mudar e aumentar. Só havia dois meninos naquela ilha que se mexiam e falavam daquele jeito.

Ralph baixou a cabeça, apoiando-a nos braços cruzados e aceitou esse novo fato como uma ferida.

Sameeric agora faziam parte da tribo. Estavam guardando o Castelo de Pedra contra ele. Não havia chance de salvá-los e estabelecer uma tribo marginal na outra ponta da ilha. Sameeric eram selvagens como o resto; Porquinho estava morto e a concha fizera-se em pó.

Afinal, a outra sentinela desceu. Os dois restantes pareciam apenas uma escura extensão da rocha. Apareceu uma estrela atrás deles e se eclipsou momentaneamente por algum movimento.

Ralph avançou, pisando o caminho irregular como se fosse

cego. Havia quilômetros de vagas extensões de água à sua direita e o oceano incansável jazia sob ele, à esquerda, tão temível como a boca de um poço. A cada minuto a água respirava em volta da pedra da morte e florescia num campo de brancura. Ralph rastejou até achar o caminho do contorno da escarpa. As sentinelas estavam logo acima dele e ele pôde ver a ponta de uma lança projetando-se da rocha.

Chamou baixinho.

— Sameeric...

Não houve resposta. Para fazer-se ouvir, tinha de falar mais alto.

Isso poderia tirar aquelas criaturas listradas e inamistosas da sua festa à beira da fogueira. Cerrou os dentes e começou a subir, descobrindo os apoios pelo tato. A lança que carregara a caveira atrapalhava-o, mas ele não se separaria da sua única arma. Estava quase ao nível dos gêmeos quando falou de novo.

— Sameeric...

Ouviu um grito e um movimento brusco na pedra. Os gêmeos haviam-se abraçado e balbuciaram.

— Sou eu. Ralph.

Receando que fugissem e dessem o alarma, levantou-se até que sua

cabeça e os ombros surgissem no topo. Lá embaixo, bem abaixo da sua axila, viu o florescer luminoso ao redor da rocha.

— Sou eu, só. Ralph.

Afinal, eles se inclinaram para a frente e fixaram seu rosto.

— Pensamos que fosse...

— ...não sabíamos o que era...

— ...pensamos...

A lembrança da sua nova e vergonhosa lealdade chegou até eles. Eric ficou quieto, mas Sam tentou cumprir seu dever.

— Você precisa ir embora, Ralph. Vá embora já...

Brandiu a lança e fez uma cara feroz.

— Suma daqui. Ouviu?

Eric fez que sim e golpeou o ar com a lança. Ralph apoiou-se nos braços e ficou ali.

— Vim falar com vocês dois.

Sua voz era rouca. A garganta estava doendo, embora não tivesse sido ferida.

— Vim falar com vocês dois.

Palavras não podiam expressar a viva dor de tudo aquilo. Ficou quieto, enquanto estrelas luminosas se espalhavam e dançavam por toda parte.

Sam mexeu-se, inquieto.

— É verdade, Ralph. É melhor ir embora.

Ralph olhou para cima outra vez.

— Vocês dois estão pintados.  
Como puderam...? Se estivesse  
claro...

Se estivesse claro, a vergonha  
iria queimá-los na confissão  
daquelas coisas. Mas a noite  
estava escura. Eric começou a  
falar, e então os gêmeos  
começaram sua fala antifonal.

— Você precisa ir embora,  
porque não é seguro...

— ...eles nos dominaram. Nos  
machucaram...

— Quem? Jack?

— Oh, não...

Inclinaram-se para ele e baixaram  
a voz.

— Saia daqui, Ralph...



— É uma tribo...

— ...nos obrigaram...

— Não podemos evitar...

Quando Ralph falou outra vez,  
sua voz saiu baixa e sem fôlego.

— Que é que eu fiz? Eu gostava  
dele... e queria que fôssemos  
salvos...

As estrelas derramaram-se pelo  
céu. Eric sacudiu a cabeça,  
seriamente.

— Ouça, Ralph. Não importa o  
que é certo. Já aconteceu...

— Não faz mal quem seja chefe...

— ...você precisa ir, para seu  
próprio bem...

— O chefe e... Roger...

— ...é, Roger...

— Eles odeiam você, Ralph. Vão pegar você.

— Vão caçar você amanhã.

— Mas por quê?

— Sei lá. E ouça, Ralph, Jack, o chefe, disse que será perigoso...

— ...e que precisamos ter cuidado e atirar as lanças como se fosse num porco.

— Vamos estender uma linha pela ilha inteira...

— ...partiremos daqui...

— Até o encontrarmos.

— Teremos de fazer sinais assim.

Eric levantou a cabeça e fez um débil ulular batendo na sua boca aberta. Então, olhou para trás, nervosamente.

— Assim...

— ...só que mais alto, claro.

— Mas eu não fiz nada —  
cochichou Ralph, angustiado. —  
Eu só queria deixar a fogueira  
acesa!

Fez uma pausa, pensando na  
miséria do dia seguinte. Um  
assunto de importância capital  
surgiu-lhe na mente.

— O que vocês...?

Não pôde ser específico na  
primeira vez; mas o medo e a  
solidão estimularam-no.

— Quando me encontrarem, o que  
irão fazer?

Os gêmeos ficaram quietos.  
Embaixo deles, a pedra da morte

floresceu novamente.

— O que vão... meu Deus! Estou com fome...

A torre de rocha pareceu oscilar sob ele.

— Bem... o quê...?

Os gêmeos responderam indiretamente à pergunta.

— Você precisa ir agora, Ralph.

— Para seu próprio bem.

— Vá embora. O mais longe que puder.

— Vocês não querem vir comigo?

Nós três... podemos ter uma chance de resistir.

Após um momento de silêncio, Sam falou, numa voz estrangulada.

— Você não conhece Roger. Ele é um terror.

— ...E o chefe... ambos são...

— ...terríveis...

— ...só que Roger...

Os dois ficaram gelados. Alguém estava subindo da tribo até eles.

— Ele está vindo para ver se estamos de guarda. Depressa, Ralph!

Enquanto se preparava para descer a elevação, Ralph tentou tirar a última possível vantagem daquele encontro.

— Vou ficar aqui perto, naquele mato lá embaixo — sussurrou. — Façam com que fiquem longe dali. Nunca pensarão em procurar

tão perto...

Os passos ainda estavam a alguma distância.

— Sam... não vai acontecer nada comigo, não é?

Os gêmeos ficaram quietos outra vez.

— Olhe! — disse Sam, de repente. — Tome isto...

Ralph sentiu um pedaço de carne apertado contra seu corpo e o agarrou.

— Mas o que vão fazer quando me pegarem?

Silêncio. Ralph pensou que estava parecendo um idiota.

Começou a descer.

— O que vão fazer...?

Do topo da torre de rocha veio a resposta incompreensível.

— Roger afiou duas pontas numa vara.

Roger afiou duas pontas numa vara. Ralph tentou dar um significado a isso, mas não conseguiu. Usou todos os palavrões que conhecia, num ataque de fúria que se transformou num bocejo. Quanto tempo se podia passar sem dormir? Ansiava por uma cama e lençóis... mas a única brancura que havia ali era o leite que se derramava devagar e luminoso em volta da rocha a 12 metros abaixo, onde Porquinho caía.

Porquinho estava em toda parte, estava no seu pescoço, tornara-se terrível na escuridão e na morte. Se Porquinho voltasse da água, com sua cabeça vazia... Ralph soluçou e bocejou como um dos pequenos. A vara que segurava tornou-se uma muleta em que se apoiava.

Então, ficou tenso de novo. Havia vozes no topo do Castelo de Pedra. Sameeric discutiam com alguém. Mas as samambaias e a grama estavam próximas. Era o lugar para onde iria, escondido e perto do mato que serviria para o refúgio de amanhã. Aqui, e suas mãos tocaram a grama, era um



lugar para ficar à noite, não muito longe da tribo, de modo que se os horrores do sobrenatural aparecessem, daria para juntar-se aos outros, pelo menos, mesmo que isso fosse...

Fosse o quê? Uma vara afiada nas duas pontas. O que era isso?

Haviam atirado lanças e errado o alvo. Todas menos uma. Talvez também errassem da próxima vez.

Sentou-se de cócoras na grama alta, lembrou-se da carne que Sam lhe dera e começou a mordê-la vorazmente. Enquanto estava comendo, ouviu novos barulhos — gritos de dor de Sameeric, gritos de pânico, vozes furiosas.

O que estava acontecendo?  
Alguém além dele estava encrocado, pois pelo menos um dos gêmeos levava uma surra. Então, as vozes perderam-se ao pé da rocha e ele deixou de pensar nelas. Tateou e achou umas frondes delicadas e frescas junto ao mato. Seria ali o abrigo noturno. Com a primeira luz, ele se meteria no mato, se enfiaria entre os caules retorcidos, se meteria por lá tão profundamente que só alguém que se aventurasse igualmente poderia entrar. E esse seria atravessado pela sua lança. Ali, poderia sentar-se e os perseguidores passariam por ele.

O cordão de selvagens iria em frente, ululando pela ilha e ele estaria livre.

Meteu-se entre as samambaias, fazendo um túnel. Deixou a lança a seu lado e se estendeu na escuridão. Não deveria esquecer de acordar com a primeira luz, para enganar os selvagens... Não soube com que rapidez o sono veio e o precipitou num escuro declive lá dentro de si.

Acordou antes de abrir os olhos, ouvindo um barulho bem próximo. Abriu um olho, viu que o chão estava a uns centímetros do rosto e se grudou a ele; a luz

filtrava-se por entre as folhas das samambaias. Só teve tempo de compreender que os intermináveis pesadelos de quedas e mortes haviam passado e que a manhã chegara, quando ouviu outra vez o som. Era um ulular à beira do oceano... agora, o próximo selvagem respondia, depois o outro. O grito passou por ele cruzando o estreito extremo da ilha, do mar à lagoa, como o grito de um pássaro em voo. Não perdeu tempo em pensar: pegou a lança afiada e recuou, metendo-se entre as samambaias. Poucos segundos depois, enfiava-se pelo mato

cerrado. Mas não antes de vislumbrar as pernas de um selvagem que vinha na sua direção. As samambaias foram sacudidas e batidas, ele ouviu pernas que se moviam na grama alta. O selvagem, quem quer que fosse, ululou duas vezes; o grito foi repetido em ambas as direções, depois morreu. Ralph se agachou, imóvel, enredado entre os caules baixos, e não ouviu nada por algum tempo. Afinal, começou a examinar o mato. Certamente, ninguém poderia atacá-lo ali. Além disso, tivera um golpe de sorte. A grande rocha que matara

Porquinho havia pulado sobre esse mato, ricocheteara ali, bem no centro, formando um espaço chato de quase um metro de diâmetro. Quando Ralph deslizou até ali, sentiu-se seguro e esperto. Sentou-se cuidadosamente entre os caules esmagados e esperou que a caçada passasse. Olhando para cima, entre as folhas, vislumbrou algo vermelho.

Deveria ser o cimo do Castelo de Pedra, remoto e sem ameaças.

Tranquilizou-se triunfalmente ao ouvir os sons da caçada desaparecendo.

Entretanto, não se ouvia som algum; à medida que os minutos

passavam, na sombra verde, seu sentimento de triunfo foi passando.

Afinal, ouviu uma voz, a voz de Jack, apenas um sussurro.

— Tem certeza?

O selvagem a quem se dirigira não disse nada. Talvez tivesse feito um gesto.

Roger falou.

— Se você está nos enganando...

Imediatamente após, soaram um arfar e um grito de dor. Ralph agachou-se instintivamente. Um dos gêmeos estava ali, fora do mato, com Jack e Roger.

— Tem certeza de que ele disse aqui?

O gêmeo arfou baixinho e gritou de novo.

— Ele disse que se esconderia aqui?

— Sim... sim... oh!

A risada cristalina espalhou-se entre as árvores.

Logo, sabiam.

Ralph empunhou a lança e se preparou para a luta. Mas o que poderiam fazer? Levariam uma semana para abrir caminho pelo matagal. E qualquer um que viesse se arrastando por ali estaria indefeso. Experimentou a ponta da lança com o polegar e sorriu sem alegria. Quem tentasse se aproximar seria espetado e



ficaria guinchando como um porco.

Estavam se afastando, de volta à torre de pedra. Pôde ouvir os pés se mexendo e, então, alguém rindo. Veio de novo aquele grito alto, parecido com o de um pássaro, que passou por toda a ilha. Então alguns ainda estavam procurando por ele, mas... e os outros?...

Houve um silêncio comprido e ele prendeu a respiração. Ralph descobriu que ficara mordiscando a lança e estava com pedacinhos de madeira na boca. Levantou-se e olhou para o Castelo de Pedra. Quando olhou, ouviu a voz de

Jack, lá de cima.

— Empurrem! Empurrem!

Empurrem!

A pedra vermelha que ele podia ver no cimo da escarpa desapareceu como uma cortina e ele pôde ver algumas figuras e o céu azul. Um momento depois, a terra tremeu, houve um ruído de algo que se precipitava no ar e uma mão gigantesca pareceu cobrir o alto do matagal. A rocha ricocheteou, chocando-se e esmagando, na direção da praia, enquanto uma chuva de folhas e ramos partidos caiu nele. Além do matagal, a tribo aplaudia. Silêncio de novo.

Ralph colocou os dedos na boca e os mordeu. Só havia mais uma pedra lá em cima que aparentemente poderiam empurrar; mas ela era grande como uma casa pequena, como um carro, um tanque. Imaginou sua trajetória provável com agonizante clareza. Ela começaria a cair devagar, batendo de saliência em saliência, e rolaria pelo istmo como um enorme rolo compressor.

— Empurrem! Empurrem!  
Empurrem!

Ralph largou a lança e depois a pegou. Puxou o cabelo para trás irritadamente, deu dois rápidos

passos pelo pequeno espaço e voltou ao lugar primitivo. Ficou olhando para as pontas quebradas dos galhos.

Ainda silêncio.

Percebeu o vaivém do seu diafragma e ficou espantado ao ver como estava respirando depressa. À esquerda do centro, as batidas do seu coração eram visíveis. Largou a lança outra vez.

— Empurrem! Empurrem!  
Empurrem!

Um viva agudo e prolongado. Algo bramiu no alto da rocha vermelha, a terra deslocou-se e começou a tremer uniformemente,

enquanto o barulho crescia como o mesmo ritmo. Ralph foi lançado ao ar, arrojado para baixo, atirado contra os galhos. À direita, a alguns passos, o matagal inteiro se curvou e as raízes saíram rumorosamente da terra. Viu algo vermelho que girava lentamente como uma roda de moinho. Então a coisa vermelha passou e o avanço formidável diminuiu rumo ao mar. Ralph ajoelhou-se no solo revolvido e esperou que a terra voltasse ao normal. Afinal, os caules brancos e partidos, os ramos quebrados e o emaranhado do matagal entraram em foco

novamente. Havia uma espécie de pesada sensação no seu corpo, onde ele percebera antes seu próprio pulsar.

Silêncio de novo.

Mas não total. Cochichavam lá fora e, de repente, os galhos estremeceram furiosamente em dois lugares à sua direita. A ponta afiada de uma lança apareceu. Em pânico, Ralph enfiou sua própria arma pelo orifício e golpeou com toda a força.

— Aah-ah!

A lança tremeu um pouco nas suas mãos e ele a puxou de volta.

— Oooh-oh!

Alguém gemeu do lado de fora e

irrompeu uma confusão de vozes. Uma feroz discussão estava sendo travada e o selvagem ferido continuava se lamentando. Então houve um silêncio e uma voz falou. Ralph percebeu que não era a de Jack.

— Viu? Eu disse, ele é perigoso. O selvagem ferido gemeu novamente.

E agora? O que viria?

Ralph crispou as mãos em volta da lança mordida e seu cabelo caiu. Alguém estava resmungando, a poucos metros dali, na direção do Castelo de Pedra. Ouviu um selvagem dizer “Não!”, com uma voz chocada;

seguiu-se um riso abafado. Ele recuou, de cócoras, e mostrou os dentes para o muro de galhos. Levantou a lança, deu uns roncoss e esperou.

O grupo invisível riu de novo. Ouviu um som curioso de algo deslizando, depois um alto crepitar como se alguém estivesse desenrugando grandes folhas de celofane. Um ramo estalou e ele sufocou uma tosse. A fumaça enfiou-se por entre os galhos em rolos brancos e amarelos, a mancha de céu azul sobre sua cabeça ficou da cor de uma nuvem de chuva e logo a fumaça cresceu em torno dele.



Alguém riu excitadamente e uma voz gritou.

— Fumaça!

Abriu caminho pelo matagal rumo à floresta, mantendo-se o mais possível sob a fumaça. Viu um espaço aberto e as folhas verdes do fim do mato cerrado. Um selvagem pequeno estava entre ele e o resto da floresta, um selvagem listrado de branco e vermelho, carregando uma lança. Estava tossindo e borrando a pintura dos olhos com as costas da mão, enquanto tentava ver através da fumaça crescente. Ralph investiu como um gato, dando estocadas e grunhindo; o

selvagem se dobrou em dois. Houve um grito do outro lado do matagal e Ralph começou a correr com a rapidez do medo por entre os arbustos. Chegou a uma trilha de porcos, seguiu-a por uns metros e mudou de direção. Atrás dele, o ulular varreu a ilha outra vez e uma voz isolada gritou três vezes. Adivinhou que era o sinal para avançar e fugiu novamente, até seu peito ficar em fogo. Enfiou-se debaixo de uma grande moita e esperou um momento até a respiração voltar ao normal. Passou a língua lentamente pelos dentes e lábios, ouvindo ao longe o ulular dos perseguidores.

Havia muitas coisas que podia fazer. Podia subir numa árvore, mas isso seria arriscar tudo, numa só cartada. Se fosse descoberto, só precisariam esperar um pouco. Se tivesse tempo de pensar!

Outro grito duplo a mesma distância deu-lhe uma ideia do plano deles. Qualquer selvagem detido na floresta lançaria esse grito duplo, imobilizando a linha até ficar livre de novo. Desse jeito, esperavam manter o cordão intacto através da ilha. Ralph pensou no javali que passara por eles com tanta facilidade. Se necessário, quando a perseguição chegasse muito perto, ele

investiria contra o cordão, enquanto este ainda estivesse fraco, romperia o cerco e fugiria. Mas para onde? O cordão viraria e iria atrás dele outra vez. Mais cedo ou mais tarde, teria de comer ou dormir e então seria desperto por mãos o agarrando, e a caçada se converteria em morte. O que poderia fazer então? A árvore? Romper o cerco como um javali? De qualquer modo, a escolha era terrível.

Um grito isolado apressou sua pulsação e, pondo-se de pé, correu para o lado do oceano e para a floresta cerrada até ser detido pelas trepadeiras. Ficou

ali um momento, com os calcanhares latejantes. Se pelo menos tivesse um pouco de paz, uma pausa longa, tempo para pensar!

E outra vez, agudo e inevitável, o grito ululante cruzou a ilha. Ralph levantou bruscamente a cabeça entre as trepadeiras, como um cavalo, e correu novamente até ficar ofegante. Enfiou-se sob umas samambaias. A árvore ou a carga? Reteve a respiração por um instante, esfregou a boca e recomendou calma a si próprio. Sameeric estavam em alguma parte daquela linha e odiando isso. Ou não? E se, em vez deles,

encontrasse o chefe ou Roger, que tinha a morte nas mãos?

Ralph puxou o cabelo revolto para trás, enxugou o suor que caía no seu olho melhor. Falou alto.

— Pense.

Qual seria a coisa mais razoável a fazer?

Não havia Porquinho para falar em nome da razão. Não havia uma reunião solene para se debater, nem a dignidade da concha.

— Pense.

E mais: começava a temer a cortina que poderia bloquear sua mente, tirar o sentido do perigo, transformando-o num débil mental.

Uma terceira ideia seria  
esconder-se tão bem que a linha  
dos perseguidores passasse sem o  
descobrir.

Levantou a cabeça rapidamente e  
escutou. Havia outro barulho para  
chamar sua atenção agora — um  
ronco profundo como se a própria  
floresta estivesse furiosa com ele,  
um ruído sombrio onde os gritos  
ululantes se inscreviam  
nitidamente como numa lousa.

Sabia que o ouvira antes, em  
alguma parte, mas não tinha  
tempo de se lembrar.

Romper a linha.

A árvore.

Esconder-se e deixá-los passar.

Levantou-se ao soar um grito próximo e imediatamente após estava correndo de novo, enfiando-se rapidamente entre espinheiros e arbustos. De repente, viu-se ao ar livre, percebeu que estava novamente naquela clareira — lá estava o abissal sorriso da caveira, não mais ridicularizando uma mancha de profundo céu azul, mas escarnecendo de um lençol de fumaça. Depois, Ralph correu por entre árvores, resolvido o mistério do ronco da floresta. Haviam-no feito sair com a fumaça e acabaram pondo fogo na ilha.



Esconder-se era melhor que subir em uma árvore, porque teria a chance de romper o cerco caso fosse descoberto.

Esconder-se, então.

Imaginou se o porco concordaria e fez uma careta para o nada.

Descobrir o matagal mais cerrado, a cova mais escura da ilha e ficar lá. Agora, ao correr, olhava em torno de si. Listras e gotas de luz solar adejavam sobre ele e o suor traçava faixas brilhantes no seu corpo sujo. Os gritos estavam longe agora, bem fracos.

Afinal, descobriu o que parecia ser o lugar ideal, embora a

decisão fosse desesperada. Ali, os arbustos e uma selvagem rede de trepadeiras faziam uma espécie de esteira que não deixava passar a luz do sol.

Além, havia um espaço, talvez de uns trinta centímetros de altura, embora atravessado por caules verticais e paralelos. Se conseguisse chegar à metade daquele espaço, ficaria a uns cinco metros da borda, bem escondido, a não ser que um dos selvagens viesse rastejando para buscá-lo; mesmo então, estaria no escuro — e se o pior acontecesse e fosse descoberto, então ainda teria uma oportunidade de se

lançar sobre ele, pegar a linha desprevenida e passar para o outro lado.

Cuidadosamente, com a lança arrastando-se atrás dele, Ralph enfiou-se por entre os caules verticais. Quando chegou ao meio do esconderijo, deitou-se e prestou atenção.

O fogo era grande e o ronco que ele pensara ter deixado tão longe, para trás, estava perto. O fogo poderia correr mais rápido que um cavalo a galope? Podia ver o chão manchado de sol numa área de talvez cinquenta metros de onde estava. Enquanto olhava, a luz de cada mancha piscava para

ele. Era tão parecido com a cortina que se abria e fechava no seu cérebro que, por um momento, pensou que tinha acontecido de novo. Mas então as manchas piscaram mais rapidamente, empalideceram e se apagaram. Ralph viu que uma pesada nuvem de fumaça estava entre a ilha e o sol.

Se alguém espiasse sob os arbustos e visse por acaso uma carne humana — seu corpo — poderia ser Sameeric e eles fingiriam não ver e nada diriam. Colou a face contra a terra cor de chocolate, passou a língua nos lábios secos e fechou os olhos.

Sob o mato, a terra vibrava bem de leve, ou talvez fosse um som que jazia sob o trovejar do fogo e o ondulante ulular, muito baixo para ser ouvido.

Alguém gritou. Ralph levantou o rosto da terra e olhou na luz opaca. Agora deveriam estar perto, pensou, e seu peito começou a saltar. Esconder-se, romper a linha, subir numa árvore — afinal, o que seria melhor? O problema é que só teria uma chance.

Agora, o fogo estava mais próximo. Aquelas salvas eram grandes galhos, até troncos, estalando. Os idiotas! Os idiotas!

O fogo deveria estar quase nas árvores frutíferas — o que iriam comer amanhã?

Ralph agitou-se inquieto no seu leito estreito. Não arriscava nada! O que poderiam fazer? Bater nele? E daí? Matá-lo? Uma vara afiada nas duas pontas.

Os gritos, subitamente mais próximos: e ele se levantou, rápido. Pôde ver um selvagem listrado que saía apressadamente de um emaranhado verde, vindo na direção do lugar em que ele se escondia. Um selvagem que carregava um lança. Ralph enfiou os dedos dos pés na terra. Tinha que estar pronto, caso precisasse.

Ralph tateou a lança para pegá-la com a ponta voltada para fora.

Agora viu que a sua lança era afiada nas duas pontas.

O selvagem parou a uns 15 metros e soltou o grito.

Talvez ele possa ouvir meu coração por sobre os barulhos do fogo. Não grite. Fique alerta.

O selvagem adiantou-se a ponto de só poder vê-lo da cintura para baixo. O cabo da lança. Agora, só do joelho para baixo. Não grite.

Uma vara de porcos apareceu guinchando do matagal atrás do selvagem e correu para a floresta.

Pássaros gritavam, ratos guinchavam e uma pequena coisa

que andava aos saltos veio para baixo dos arbustos e se escondeu ali.

A cinco metros, o selvagem parou, de pé junto aos arbustos, e gritou. Ralph encolheu os pés e se agachou. A lança estava nas suas mãos, a vara afiada nas duas pontas, a vara que vibrava tanto, que era comprida, curta, leve, pesada, leve outra vez.

O ulular espalhou-se de praia a praia. O selvagem ajoelhou-se à beira do matagal e havia luzes faiscando na floresta atrás dele. Podia-se ver um joelho apoiado no chão. O outro. Duas mãos. Uma lança.



Um rosto.

O selvagem espiou para dentro da escuridão por baixo do mato.

Podia ver luz num dos lados, no outro, mas não no meio — ali no meio havia uma bolha de escuridão e o selvagem franziu a cara, tentando decifrar as trevas.

Os segundos alongavam-se. Ralph olhou direto para os olhos do selvagem.

Não grite.

Você vai voltar.

Agora ele viu você, só está querendo ter certeza. Uma vara afiada.

Ralph gritou, um grito de medo, fúria e desespero. Suas pernas se

esticaram, os gritos tornaram-se contínuos e espumantes de ódio. Lançou-se para a frente, pelo matagal, surgiu na clareira gritando, uivando, sangrando. Atirou a lança e o selvagem caiu. Desviou-se, enquanto uma lança errava o alvo e daí veio o silêncio, enquanto corria. Imediatamente, as luzes que faiscavam à frente dele fundiram-se, o rugido da floresta cresceu num trovão e um alto arbusto bem no seu caminho queimou numa imensa chama em forma de leque. Virou para a direita, correndo desesperadamente depressa, com o coração batendo no seu lado

esquerdo e o fogo correndo para a frente como uma maré. O ulular cresceu por trás dele e se espalhou, uma série de gritos curtos e agudos, o chamado de aviso. Uma figura bronzeada apareceu à sua direita e caiu. Estavam todos correndo, gritando loucamente. Pôde ouvi-los caindo no mato e, à esquerda, havia o trovejar quente e brilhante do fogo. Esqueceu suas feridas, sua fome e sede e se tomou de medo; medo sem esperança, de pés que voavam, correndo pela floresta para a praia aberta. Ante seus olhos saltaram manchas que se transformaram em círculos

vermelhos que se dilataram rapidamente até se perderem de vista. Suas pernas, sim, eram suas pernas que estavam ficando cansadas e o ulular desesperado progredia como uma franja dentada de ameaça, quase em cima dele.

Tropeçou numa raiz e o grito que o perseguia ficou mais alto ainda. Viu uma cabana arder em chamas e o fogo adejar sobre seu ombro direito. Mas ali estava o brilho da água. Então caiu, rolou e rolou na areia quente, encolhido e com um braço levantado para se proteger, tentando gritar, num pedido de misericórdia.

Ficou de pé, preparado para mais terrores e olhou para um grande quépi. Era um quépi de copa branca e sobre a sombra verde da viseira havia uma coroa, uma âncora, folhas douradas. Viu um pano branco, dragonas, um revólver, uma fileira de botões brilhantes de um uniforme.

Um oficial naval estava de pé na areia, olhando para baixo, para Ralph, num espanto cauteloso. Na praia, por trás dele, havia um escaler com os remos levantados, nas mãos de dois marinheiros. No banco traseiro, outro marinheiro segurava uma metralhadora. O ulular vacilou e sumiu.

O oficial olhou hesitante para Ralph, depois tirou a mão da coronha do revólver.

— Olá.

Tremendo um pouco, consciente da sua aparência desagradável, Ralph respondeu timidamente.

— Olá.

O oficial fez um gesto de assentimento, como se ele houvesse respondido a uma pergunta.

— Há alguns adultos... algum adulto com você?

Ralph sacudiu silenciosamente a cabeça. Deu uma meia-volta na areia. Um semicírculo de meninos, com os corpos listrados

de argila colorida, paus afiados nas mãos, estava ali na praia, bem quietos.

— Vocês estão se divertindo à beça — disse o oficial.

O fogo chegou nos coqueiros junto à praia e os devorou ruidosamente. Uma chama, aparentemente isolada, torceu-se como um acrobata e lambeu as frondes das palmeiras na plataforma. O céu estava negro. O oficial sorriu alegremente para Ralph.

— Vimos sua fumaça. O que estavam fazendo? Uma guerra ou algo assim?

Ralph assentiu.

O oficial examinou o pequeno espantalho à sua frente. O menino precisava de um banho, de um corte de cabelo, de uma assoada de nariz e de uma boa quantidade de unguento.

— Ninguém morreu, espero. Há algum cadáver?

— Só dois. E sumiram.

O oficial inclinou-se para baixo e olhou bem de perto para Ralph.

— Dois? Assassinados?

Ralph concordou com um gesto.

Atrás dele, toda a ilha estremecia em chamas. O oficial sabia, por ofício, quando as pessoas falavam a verdade. Assobiou baixinho.



Outros meninos apareceram, alguns deles muito pequenos, bronzeados, com as barrigas protuberantes de pequenos selvagens. Um deles chegou perto do oficial e olhou para cima.

— Eu sou, eu sou...

Mas não houve nada mais.

Percival Wemys Madison procurou na sua mente um encantamento que se apagara totalmente.

O oficial virou-se para Ralph.

— Vamos levar vocês. Quantos são?

Ralph sacudiu a cabeça. O oficial olhou, além dele, para o grupo de meninos pintados.

— Quem é o chefe aqui?

— Eu — disse Ralph, em voz alta.

Um menino que usava os restos de um extraordinário boné preto no cabelo ruivo e carregava o que sobrara de um par de óculos no pulso, adiantou-se, depois mudou de ideia e ficou quieto.

— Vimos sua fumaça. E você não sabe quantos são?

— Não.

— Eu imaginava... — começou o oficial enquanto pensava na busca que iria ser necessária. — Eu imaginava que um grupo de meninos britânicos... vocês são britânicos, não é?... seria capaz

de apresentar um espetáculo  
melhor que esse... quero dizer...  
— No começo foi tudo bem —  
disse Ralph —, antes que as  
coisas...

Parou.

— Estávamos reunidos então...  
O oficial concordava, animando-  
o.

— Eu sei. Uma coisa e tanto.  
Como a Ilha de Coral.

Ralph olhou-o em silêncio. Por  
um instante, vislumbrou uma  
imagem fugaz do estranho encanto  
que outrora dominara as praias.  
Mas a ilha estava carbonizada  
como lenha usada... Simon  
morrera... e Jack havia... As

lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces e soluços sacudiram-no. Pela primeira vez, desde que chegara à ilha, entregou-se ao choro; grandes e convulsivos espasmos de tristeza pareciam torcer todo o seu corpo. Sua voz elevou-se sob a fumaça negra diante dos restos incendiados da ilha; contagiados por aquela emoção, os outros meninos começaram a tremer e a soluçar. No meio deles, com o corpo sujo, cabelo emaranhado e nariz escorrendo, Ralph chorou pelo fim da inocência, pela escuridão do coração humano e pela queda no ar do verdadeiro e sábio

amigo chamado Porquinho.

O oficial, cercado por todo esse ruído, ficou emocionado e um pouco embaraçado. Virou-se para dar tempo a que se recuperassem. Esperou, deixando os olhos fixos no garboso cruzador a distância.

# Sobre o autor

William Gerald Golding nasceu em 1911, na Inglaterra. Em 1935, após publicar um volume de poemas, gradua-se em literatura inglesa na Universidade de Oxford. Além de escritor, trabalhou como professor e dramaturgo.

Ingressa na Marinha inglesa em 1940. Durante a Segunda Guerra Mundial, participa da ofensiva que persegue e afunda o navio alemão Bismarck e do desembarque das tropas aliadas na Normandia em 1944. Depois

da guerra, volta a lecionar. Seu romance de estreia foi O senhor das moscas, publicado em 1954.

Na sequência, viriam Os herdeiros (1955) e Queda livre (1959), entre outros títulos.

Em 1980, recebe o Booker Prize pelo livro Ritos de passagem. Em 1983, é agraciado com o Prêmio Nobel de literatura. Cinco anos depois, é intitulado cavaleiro do Império Britânico. Golding morreu em 1993, deixando um romance inacabado.